

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
TERÇA-FEIRA, 21 DE OUTUBRO DE 1969

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 16 824 ANO 49.º PREÇO 1\$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

IGREJA

TRANSFORMADA EM GARAGEM

Dois automóveis diante do altar-mor e roupa a secar ao longo da nave — eis a imagem que pode recolher-se no interior da igreja secular existente no Largo da Misericórdia, em Alhos Vedros, agora transformada em garagem

(LER NA PÁGINA CENTRAL)



Alemanha Ocidental

Brandt eleito chanceler

BONN, 21 — (R.) — Willy Brandt, chefe do Partido Social Democrático, foi hoje eleito chanceler da Alemanha Ocidental pelo Bundestag (Parlamento Federal). Brandt obteve 251 votos, ou seja, mais dois do que o número necessário para uma maioria absoluta (249) e 235 votos contra.

O novo chanceler da Alemanha Ocidental tem 55 anos e teve uma penosa ascensão até ao cume da sua carreira política.

Willy Brandt é o primeiro social-democrata que nos últimos 41 anos ascende à chancelaria mas por uma escassa maioria, uma das mais baixas de qualquer Governo do pós-guerra.

Dos 30 deputados democratas-livres que lhe deram apoio há pelo menos quatro de lealdade duvidosa.

Além disso os democratas-cristãos, sentidos por

terem sido expulsos do Governo, prometeram uma oposição sem quartel com o fim de derrubar a nova coligação. Alguns prevêem que na melhor das hipóteses o Governo de Brandt durará um ano e meio.

Willy Brandt, antigo burgomestre de Berlim Ocidental, nunca teve o prazer de uma longa viagem na política, pois durante a sua carreira tem sido alvo de numerosos golpes. Porém, entra no Poder confiante de que pode conduzir o seu país a um futuro de estabilidade e prosperidade.



WILLY BRANDT: A subida ao poder. O chefe do S. P. D. foi eleito chanceler alemão por uma maioria de 251 votos

**especial
ELEIÇÕES**

**Impõe-se uma revisão
e actualização
da política externa portuguesa?**

— mesa-redonda em que intervieram Francisco Rolão Preto (C. E. M.), Francisco de Sousa Tavares (C. E. U. D.) e Joaquim Mestre (C. D. E.)

O problema económico segundo a C. E. U. D. de Lisboa • Perfil dos candidatos • Espectáculo da Imprensa • Assim vamos nós, etc.

HOJE NO SUPLEMENTO

**MESA
REDONDA**

Golpe de Estado na Somália

NAIROBI, 21 — (F. P.) — O embaixador da Somália em Nairobi confirmou hoje de manhã à F. P. que esta madrugada, em Mogadíscio, se tinha registado um golpe de Estado. A Rádio Somalí, que difunde música militar e cânticos patrióticos, anunciou que as Forças Armadas tinham assumido o Poder na capital sem efusão de sangue.

Segundo o embaixador, a Polícia que faz parte das Forças Armadas também participou no golpe de Estado que teve lugar às 3 horas da manhã locais.

A Junta Militar que se reuniu hoje de manhã em Mogadíscio propõe-se anu-

(Continua na última página)



O dr. César Moreira Baptista inaugurou hoje o Distripres — congresso que reúne no Estoril mais de 500 editores, directores e distribuidores de jornais, revistas e casas editoras de todo o Mundo. A foto ao lado mostra um aspecto da sala do cinema do Casino Estoril repleta de participantes.

(Ler na pág. seguinte)

HOJE 36 PAGINAS

VISADO

PELA CENSURA

Edição da noite

Nota oficial sobre as alterações verificadas ontem em comboios e outros serviços da C. P.

Da Secretaria de Estado da Informação e Turismo recebemos a seguinte nota:

«Ontem, segunda-feira, dia 20, verificaram-se alterações na marcha de alguns comboios da C. P. e em outros dos seus serviços.

Para conveniente elucidação, quer dos ferroviários, quer do público, prestam-se os seguintes esclarecimentos:

1. Já há alguns meses, começaram a ser distribuídos

no meio ferroviário panfletos assinados por uma pretensa Comissão Nacional de Ferroviários, organismo clandestino que, desde o início, se propôs fomentar a agitação na classe.

2. Existe mesmo uma perfeita sincronização entre as iniciativas de agências imitativas empenhadas em subverter o País e as da mencionada comissão.

É assim evidente a sua ligação com a chamada «Rádio Portugal Livre» da Argélia como resulta do perfeito sincronismo entre as instruções daí emanadas e a actuação da «Comissão».

Ainda agora, em emissão do dia 1.º de Setembro, dirigida aos ferroviários, dizia-se o seguinte: «O grande movimento popular que se está desenvolvendo em torno da batalha eleitoral, as lutas reivindicativas de outras classes e sectores criam condições muito favoráveis para a vitória da vossa causa. Aproveitai, pois, o momento para repordes, ainda com mais força, as vossas reivindicações e exigências a sua imediata satisfação.»

Dias depois surgiram novos panfletos fazendo um apelo à paralisação do trabalho.

3. Também no dia 12 do corrente teve lugar no salão

anexo à Igreja de Santa Maria do Barreiro, uma reunião de ferroviários, presidida pelo revisor Firmiano Martins, elemento que se candidatou às próximas eleições para deputados pela lista da C. D. E. de Lisboa. Nessa reunião, abertamente se fez novo apelo à greve, tendo sido inclusivamente dito que, se necessário, poderia ser obtido dinheiro do estrangeiro para esse efeito. Ainda na mesma reunião, foram distribuídos panfletos da C. D. E. do distrito de Lisboa, dirigidos simultaneamente aos ferroviários portugueses e ao povo da capital, em que os problemas do Acordo Colectivo de Trabalho se misturavam com temas de política geral, tais como o «fim da guerra colonial» e a abertura de negociações com os legítimos representantes dos povos africanos, a «saída de Portugal do Pacto do Atlântico» e a «retirada das bases estrangeiras do nosso território».

4. Na sequência de toda esta actividade e em ordem a desencadear o movimento de ontem, foi invocada, à falta de qualquer pretexto válido, a informação difundida através do comunicado n.º 31 do Sindicato dos Serviços Centrais, em que por errada compreensão dos factos ou má fé se pretendia

fazer crer que as negociações do Acordo Colectivo de Trabalho teriam voltado ao ponto de partida. Confirmando, porém, notícias recentemente vindas a público as negociações decorrem em termos normais, o que torna patente a falsidade de tal informação.

São estes os factos que se entendeu conveniente levar ao conhecimento do público em ordem a esclarecer as verdadeiras razões que estão na base dos acontecimentos ontem verificados.

Necrologia

FALECIMENTOS

Eng.º Julio Carlos Gomes da Silva

Faleceu o sr. eng.º Julio Carlos Gomes da Silva, de 72 anos, natural de Lisboa, casado com a sr.ª D. Emília Ribeiro Gomes da Silva, pai da sr.ª D. Maria Emília Gomes da Silva do Valle Ribeiro e dos srs. Julio Ribeiro Gomes da Silva e Joaquim Ribeiro Gomes da Silva. O funeral será, amanhã, da Igreja de São Vicente. Os serviços fúnebres estão a cargo da Agência Salgado

FUNERAIS

Visconde de Soveral

Vindo o atauda da Quinta da Vigia, em São Pedro de Sintra, para jazigo no cemitério dos Prazeres, em cuja capela foi rezada missa de corpo presente, realizou-se, esta tarde, o funeral do sr. visconde de Soveral, vice-

presidente do conselho de administração da Cidra, sócio-gerente da firma Wiese e antigo vice-presidente da direcção da Federação Portuguesa de Golfe

O titular, sr. Salvador José Maria da Assunção Correia de Sá, contava 65 anos, casado com a sr.ª D. Solveig Wiese Correia de Sá, viscondessa de Soveral, de nacionalidade norueguesa; pai dos srs. drs. Luis e Salvador Correia de Sá e das sr.ªs D. Inês e D. Leonor Correia de Sá; irmão de António Correia de Sá, visconde de Assese, e Martim Correia de Sá, ambos já falecidos, e dos srs. José Correia de Sá, visconde de S. Luis, e Pedro Correia de Sá residente em Espanha, e ainda das sr.ªs D. Carolina Correia de Sá (Anadia) e D. Leonor Correia de Sá (Krupenski), e primo do rev.º cônego Correia de Sá, pároco da Igreja de São Domingos.

VIDA SOCIAL

DANILO MARQUES

Chegou a Lisboa, no avião da TAP, vindo da Beira, o sr. Danilo Marques, presidente do conselho de administração da TEXTIMPEX, que em Moçambique, a convite da União Cooperativa Industrial dos Agricultores do Vale do Zambeze, assistiu à inauguração da fábrica de descaçoamento de algodão, em Magagade. Visitou, ainda, em Monapo, a Cooperativa dos Agricultores de Algodão do distrito de Moçambique.

AMILCAR MOURA

O médico, sr. dr. Amílcar Moura, seguiu para Lausanne, em missão profissional.

Quinhentos homens de Imprensa reunidos desde hoje no Estoril

O secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista, inaugurou esta manhã a fase de trabalhos do congresso de editores e distribuidores de livros, revistas e jornais, falando esta manhã para uma platéia de mais de 500 parti-

cipantes no cinema do Casino Estoril.

Na sessão inaugural, após as boas-vindas do dr. Moreira Baptista, falou o sr. Georges Lucas, membro da representação da Bertrand, um dos poucos participantes portugueses.

Falaram seguidamente o sr. Maurer, do Secretariado do Distripres, e um dos membros da delegação da revista «Newsweek» que se pronunciaram sobre o significado desta reunião para as empresas editoriais (jornais incluídos).

A parte da tarde foi preenchida por longas conferências entre distribuidores e editores. O congresso prossegue amanhã e nos dias seguintes.

Damas «transferiu-se»



Damas, que defende as redes do Sporting e da selecção nacional de futebol, entrou hoje para o serviço militar, no Grupo de Companhias Trem Auto: óptimo reforço (portanto) para o «opze» do aquartelamento que concorre aos torneios entre guarnições de Lisboa

Nesse documento, fazia-se apelo à manifestação dos ferroviários através dos incidentes verificados. A principal motivação invocada foi o das referidas negociações «terem voltado ao princípio».

2. Desde já se declara que tal afirmação é inteiramente destituída de fundamento e está elivada de evidente má fé, susceptível, por isso mesmo, de perturbar alguns animos, como se verificou. Na realidade — e conforme a imprensa recentemente noticiou — aquelas negociações têm continuado a decorrer com a normalidade comum a processos desta natureza.

Destes modo, em 3 do corrente, a Empresa apresentou uma proposta global de um possível Acordo Colectivo, para apreciação por parte dos Sindicatos, que se situava no prolongamento das melhorias concedidas em Janeiro ultimo — há menos de 10 meses por conseguinte — e cujo encargo anual fora de 148 000 contos, assim discriminados:

a) Aumento de retribuições de base de 12,2%, em média, encargos com horas extraordinárias daí decorrentes e acréscimo dos subsídios de deslocação, 77 000 contos.

b) Melhoria da assistência médica e medicamentosa, 48 000 contos.

c) Melhoria das pensões de reforma, 23 000 contos.

Total: 148 000 contos. E em 15 também do corrente — vão decorridos 5 dias apenas — os Sindicatos entregaram uma nova con-

traproposta, em termos construtivos, que está a ser objecto de estudo por parte da Administração da C. P. De acrescentar que um dos Sindicatos — que tem procurado trabalhar isoladamente — só ontem, dia 20, apresentou a sua contraproposta

3. Nestas condições, é por demais evidente que a agitação que se pretende fomentar na classe ferroviária não se destina a apressar a resolução dos problemas do Acordo Colectivo nem a servir os ferroviários mas apenas a utilizar-se deles para o prosseguimento de finalidades políticas que transcendem naturalmente o âmbito da Companhia

Isso mesmo ressalta, com toda a nitidez, de alguns dos

manifestos anteriormente distribuídos pela referida Comissão Nacional dos Ferroviários e, ainda, de pedidos apresentados pela mesma Comissão, de tal modo exorbitantes, que em circunstância alguma podiam ser atendidos. Pretende-se, apenas, criar um clima de permanente descontentamento, incapaz de ser satisfeito, sejam quais forem as melhorias concedidas

4. Espera-se que os incidentes não sejam de molde a perturbar as negociações e que estas possam prosseguir dentro de critérios realistas e do clima de mútua compreensão das dificuldades recíprocas que a elas tem presidido, por forma a que o acordo possa ser celebrado com a brevidade desejada

Operações de Bolsa



BANCO DO ALENTEJO



eu sou o

CAFE PURO

SÓ O GRÃO DO CAFÉ GARANTE A VERDADE DO CAFÉ PURO!

puro na plantação! puro na chirena!

beba café puro! exclusivamente!

CAFE UNIL

A COLOCAÇÃO EM ÓRBITA DAS TRÊS SOYUZ FOI UMA NOTÁVEL PROEZA

WASHINGTON — Se os soviéticos quiseram enviar as Soyuz 6, 7 e 8 como uma tentativa de construção de uma plataforma espacial permanente, a missão falhou.

Esta é, pelo menos, a opinião dos peritos e especialistas americanos. Os quais asseveram que os sete cosmonautas das três naves não fizeram quase nenhuma das grandes tarefas necessárias para a construção de uma estação espacial.

«É certo que não fazemos ideia dos seus objectivos primários. Mas, se fosse um trabalho de estação espacial, penso que teriam de acoplar as naves, proceder a transferências de tripulação e, pelo menos, ficarem juntos no espaço, durante duas semanas para apreciar os efeitos da prolongada ausência de gravidade», declarou uma das fontes.

A única coisa que os cosmonautas fizeram de dife-

rente, disseram os peritos americanos, foram as experiências de soldagem de metais no espaço sem ar e sem gravidade.

Um telegrama soviético informou que um dos cosmo-

«Foi uma experiência que projectámos para o trabalho da Apollo», disse um funcionário americano. «Seria uma coisa que teríamos que experimentar se fossemos construir uma estação espa-

«Talvez fosse uma missão demasiado arrojada ou talvez tivessem deficiências técnicas que obviaram a uma ligação e talvez as duas naves que estiveram muito perto uma da outra não pudessem proceder a um «rendez-vous» com a terceira. Bem, e talvez nós nunca cheguemos a saber o que foi», disse outra fonte.

Apesar de todas as coisas que poderão ter corrido mal, os soviéticos mostraram que são capazes de fazer uma coisa que os americanos não podem fazer — colocar três naves em órbita, uma a seguir da outra.

Nesse campo, a melhor coisa que os americanos podem fazer é um lançamento duplo usando as duas rampas de lançamentos, de Cabo Kennedy para colocar em órbita duas naves Apol (com três tripulantes cada uma) e com o intervalo de 48 horas.

Por THOMAS O'TOOLE

Exclusivo «The Washington Post»-«DL»

naute procedeu a um «controlo» indirecto da soldadura de metais num compartimento privado de ar da sua nave espacial e que utilizou três técnicas diferentes para o fazer.

É claro que isto foi para ver que técnica daria melhores resultados e que método seria o melhor na altura de se proceder à montagem e junção de metais em órbita.

cial. Seria essa a maneira de efectuarmos qualquer trabalho de reparação em órbita.

Mas ao mesmo tempo uma experiência de soldagem dificilmente justifica nem que seja um só voo espacial, quanto mais, três. «Seria uma maneira terrivelmente dispendiosa de aprender a soldar no vácuo», disse uma fonte norte-americana.

RECTÂNGULOS DA VIDA

LUGARES-COMUNS E IDEIAS CONVENCIONAIS

De vez em quando os livros têm de ser limpos, arrumados. E é então que deparamos com este e aquele volume que nunca lemos por falta de tempo. Pois se ele, o tempo, é cada vez mais curto, como é que podemos ler todos os livros?

De vez em quando, porém, têm de ser limpos e arrumados. Hoje, por exemplo. E eis aqui, na minha frente estes «Lugares-Comuns e Ideias Convencionais», de Fernando Sabino. A primeira parte do volume contém o «Dicionário das Ideias Feitas», de Flaubert. Não resisto a transcrever alguns dos «achados» do escritor brasileiro.

Analfabetismo: Ninguém precisa aprender a ler para trabalhar na estrada. — Não precisamos de escolas: precisamos de médicos. — Mas a ignorância é responsável pela doença e a miséria. — Saem da escola e na rua esquecem o que aprenderam. — Não querem mais voltar para a lavoura. — Trevas da ignorância.

Americanos: Povo extraordinário. — Parecem crianças. — Espírito esportivo.

Diálogos: Em romance, os personagens devem sempre redarguir, inquirir, admoestar, retorquir, grunhir, urrar, balbuciar, desferir, sussurrar, murmurar, trovejar, explodir. — Nunca falar, dizer, perguntar ou responder.

Emagrecer: Se os gordos tivessem pensado nisso antes de engordar, talvez ainda fossem magros. — «Você está mais magro». — «Pois engordei tantos quilos» — ou vice-versa. Nunca se acerta.

Cemitério: O ridículo dos epitáfios. — Tanto mármore e tanto bronze desperdiçados. — A vaidade do homem o acompanha até na morte. — As

sepulturas pobres ao lado dos ricos mausoléus: Deus não distingue.

Homenagem: Singela, simples, sincera, expressiva. — Sempre merecida sob todos os aspectos para quem oferece; para quem recebe, fruto de excessiva bondade com relação a quem apenas soube cumprir o seu dever.

Mendigo: Têm fortunas escondidas em casa. — Chaga da sociedade. — Estender a mão à caridade pública. — Deveriam ser recolhidos e mandados a alguma parte — não se sabe aonde.

Moderno: Arte: deformação, obra de tarados. — Edifício do Ministério da Educação, uma caixa de fósforos suspensa sobre meia dúzia de pilotos. — Poesia futurista, qualquer um pode fazer. — Portinari, mãos e pés enormes. — «Não gosto porque não entendo». — «Até meu filho faz melhor».

Morrer: Todos têm de, mais dia menos dia. — Não se morre senão uma vez. — Quando chegar a hora. — As estatísticas revelam que a maioria dos homens morre na cama. — No avião, quem morre primeiro é o piloto. — As últimas palavras. — «Dir-se-ia que ela dorme». — «Morreu como uma santa».

Vida: É essa. É boa. — Tem dessas contradições. — Mas vive-se. — Com o sacrifício da própria. — O bem mais precioso que Deus nos deu».

Por
MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO



SENHORES CAÇADORES

A partir de agora a LINDE põe ao dispor de todos aqueles que se dedicam a este salutar desporto uma gama de doze congeladores diferentes e de várias capacidades.

Todos os senhores caçadores têm agora resolvido o problema da conservação das suas peças de caça, podendo guardá-las num congelador LINDE por tempo indeterminado e sem perigo de contaminação ou de deterioração.

Mediante uma mensalidade a partir de 102\$50, sem fiador e sem entrada inicial, adquira hoje mesmo o seu congelador LINDE.

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO A CASA *Superelectro*

17, Rua dos Fanqueiros, 19 — Telef. 320376
54, Rua da Vitória, 56 — Telef. 33323



AO PÚBLICO

A SENHA COM O N.º 16 407 REFERENTE A SETEMBRO DE 1969 FOI PREMIADA COM O TELEVISOR «NATIONAL»

Foi contemplado ANTÓNIO PEDRO RAMOS LOPES
Garrett do Estoril

Nota
do dia

PENSAR, DIZER E FAZER

O CORREIO QUE NOS VEM À MÃO traz consigo poucas variantes. Mais parece combinado do que espontâneo: que se lhes fale de política é o que pedem, numa espécie de explosão de interesse para que não estavamos preparados e que, umas vezes por outras, se tem a impressão que vêm os factos a desmentir. Mas receamos que andem alguns iludidos no sentido da sua curiosidade e que, ao saber de política seja lá em seu juízo o calcular quem é que vai ganhar as eleições ou qual será o novo Governo. Se fosse apenas isso, parecia pouco e talvez não valesse a pena.

Saber de política é... Bem, para começar precisamos saber o que é isso. Sem entrar em discussões mais profundas, poderá dizer-se singelamente que a política é a arte de procurar soluções para os problemas, para os problemas de cada um, para os problemas de qualquer colectividade, qualquer que ela seja, desde o nosso clube ou da nossa empresa até ao nosso País, pesar e medir, ver quais são as hipóteses possíveis que se nos deparam e, na altura própria, ser capaz de escolher.

Mas para escolher, quantas dificuldades? Tem de se ver o que é que se quer e o que é que se precisa, ver o que e quanto tem para isso, os prós e os contras, quanto custa e quanto rende, seja um campo de futebol seja uma escola profissional. Ou seja mesmo, para cada um de nós, o governo da nossa casa. O homem da terra andava agora a pensar em compor o muro ou em abrir uma vala, pois é, mas este ano o feijão (ou a truta) veio tardio e pouco, o dinheiro este ano não chega para isso. Então se não chega o que é que se faz?

O escolher o que é que se faz é a política daquele pequeno lavrador. Guarda a obra para o ano? Tem de ver se pode esperar. Se pode, então o que faz este ano? Aplica o dinheiro noutra coisa que falta, guarda-o à espera do resto? Tudo isto, que são as coisas que passam pela cabeça do pequeno lavrador, tudo isto é a sua política, escolher em cada momento o que mais lhe convém, o mais possível, o mais adequado para garantir o seu futuro. Essa capacidade de previsão é que faz o verdadeiro político ter o cheiro das coisas, o bom-senso e a coragem de decidir.

Mas em cada acto ou em cada momento tem cada um a sua opção política; o pai que escolhe a escola para onde vai mandar o filho, que este ano pinta um quarto ou compra um sobretudo (as duas coisas não pode), o trabalhador que intervém ou gostaria de intervirm na vida do seu sindicato, o professor que discute com outros professores os métodos de ensino que mais se harmonizam com o número e a qualidade dos alunos que tem a seu cargo. Pois em todos esses momentos há decisões políticas.

Todos estes casos particulares somados uns aos outros fazem a política do País, são uma parte dela. Quando, porém, se chega à altura de ter de considerar ao mesmo tempo um conjunto de casos particulares, naturalmente os interesses associam-se, vão-se generalizando os problemas e procura-se generalizá-los as soluções. É aí que começam a intervirm a grande máquina do Estado e os órgãos do Governo, por aí acima, até se chegar à cúpula. Não parece possível encolher os ombros sobre o que seja ou como seja essa cúpula. E aí cada homem converte-se em cidadão.

É preciso fazer as coisas. Mas é preciso fazê-las bem feitas. Para termos o direito de reclamar que façam os outros bem o seu dever, haveremos de ser capazes de fazer nós bem o nosso. Esse esforço de qualidade havemos de o ter presente em cada passo da nossa vida, o lar doméstico, o trabalho profissional, o comportamento cívico, a nossa capacidade de pensar e executar, a nossa capacidade de criticar, queremos isto porque, ou não queremos aquilo porque, mas haveremos de ser justos, honestos, aplicados, entender que o nosso interesse tem de ser apenas uma fracção do interesse de todos. Sem isso...



Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS

RESTRIÇÃO DE IDADE (14 ANOS) MAS LIBERDADE TOTAL QUANTO ÀS FORMAS A UTILIZAR PELOS CONCORRENTES

Mais dois meses e alguns dias e temos aí o Natal. Pelas sugestões que oferece, a quadra presta-se

como nenhuma outra, a despertar a imaginação infantil. E é pensando nos seus

leitores mais novos (pelos quais sente, como se compreende, um carinho muito especial) que o «Diário

de Lisboa» promove, mais uma vez, o seu tradicional concurso «O Natal visto pelas crianças».

Iniciativa de alto valor pedagógico, o nosso concurso, que conhece agora a sua 12.^a edição, tem con-

tribuído para estimular qualidades matas de muitas crianças que, doutra forma, continuariam por revelar.

Efectivamente de umas escassas centenas de concorrentes no primeiro ano, a iniciativa do «Diário de Lisboa» teve no último cerca de 30 mil crianças interessadas que nos enviaram os seus trabalhos literários e artísticos.

● O regulamento do concurso

É o seguinte o regulamento de «O Natal visto pelas crianças»:

— Podem concorrer todas as crianças, individual ou colectivamente, até aos 14 anos;

— As crianças podem escolher os assuntos dentro do tema proposto com inteira liberdade, desde os aspectos circunstanciais (as festas da quadra, a missa do galo, as janelas, a ceta familiar, o presépio, as prendas as iluminações, etc.) até aos simbólicos — a paz na terra, a fraternidade e amizade entre os homens, etc.

— Não haverá qualquer restrição sobre as formas escritas ou gráficas utilizadas: conto, narrativa, crónica, folhetim, poesia, teatro, aguarela, guacho, tecidos papéis recortados, desenho, cerâmica, mosaico, etc.

— Convém que os trabalhos literários sejam curtos, manuscritos ou dactilografados, de preferência escritos apenas de um lado da folha de papel.

— Os trabalhos de desenho ou pintura não devem ter dimensões inferiores a 32x22 centímetros (formato de papel almaço).

— Os trabalhos devem indicar o nome, idade e morada. Quando as crianças pertencem a colégios, liceus ou escolas técnicas, devem indicar o nome do estabelecimento que frequentam.

— A entrega dos trabalhos deve fazer-se na administração do «Diário de Lisboa», Rua da Rosa, 57, 2.^o, Lisboa-2, até ao dia 15 de Dezembro. A entrega pode fazer-se pessoalmente ou pelo correio, com a indicação por fora, de se destinar a «O Natal visto pelas crianças».

— A escolha dos trabalhos não é feita pela técnica ou pela riqueza dos materiais empregados; serão escolhidos sobre os que revelem melhores características expressivas e evidenciem melhor a psicologia e a sensibilidade infantil. Essa escolha pela arte, tendo em atenção os escalões de idade será efectuada por especialistas da educação.

— Os prémios concedidos deverão ser levantados no prazo de 90 dias a contar do dia 26 de Dezembro.

— Os trabalhos premiados (incluindo as menções honrosas) ficam pertencendo ao arquivo do «Diário de Lisboa».

— Não dobrar os trabalhos de desenho e pintura, apresentando-os direitos, ou enrolados, devidamente acondicionados quando excedam 1x0,40 m.

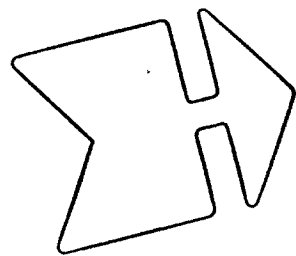


então recorra ao



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta



O SUFRÁGIO É A PROVA REAL DA VONTADE DO POVO



Quero que este
seja livremente expresso
em termos
de não deixar dúvidas
a ninguém

Marcello Caetano

VOTAR É UM DEVER

«ARLECCHINO, L'AMORE E LA FAME» NO TEATRO MARIA MATOS PELO PICCOLO TEATRO DI MILANO

Na quinta-feira, o Teatro Maria Matos apresenta, às 19 horas, o espectáculo «Arlecchino, l'amore e la fame», antologia da «Commedia dell'arte», interpretada por Ferruccio Soleri, Graziela Galvani e Marcello Bartoli, do Piccolo Teatro di Milano.

«Arlecchino, l'amore e la fame» estará em cena todos os dias, às 19 horas, até ao fim do mês corrente.

O publico de Lisboa vai ter de novo oportunidade de apreciar dois excepcionais elementos do Piccolo Teatro di Milano que já estiveram no nosso País, Ferruccio Soleri e Graziela Galvani, os inesquecíveis

Arlequim e Esmeraldina, agora acompanhados por Marcello Bartoldi, outra das grandes figuras do célebre grupo de Milão que tem oferecido ao mundo os melhores espectáculos de «Commedia dell'arte».

Além de actores notáveis, Soleri, Graziela Galvani e Bartoldi são também dos melhores intérpretes em mímica, dando através dela toda a beleza, colorido e movimento da «Commedia dell'arte». Este espectáculo será, ainda, uma oportunidade para o publico conhecer a evolução da «Commedia dell'arte» desde os «zanni» até Goldoni.

Os estudantes têm 50 por cento de desconto.



Ferruccio Soleri e Graziela Galvani em «Arlecchino, l'amore e la fame»

Teatro
Maria Matos

ADULTOS

TELEFONE
717017

HOJE, AS 21.30 HORAS

ANTE-ESTREIA DE GALA

TOMBO NO INFERNO

OBRA DE AQUILINO RIBEIRO
DIRIGIDA POR IGREJAS CAEIRO
EM CENÁRIOS DE JOÃO VIEIRA

AMANHÃ, AS 21.30 HORAS

ESTREIA

QUINTA-FEIRA, AS 19 HORAS

o primeiro espectáculo para jovens
de todas as idades

«ARLECCHINO, L'AMORE
E LA FAME»

com

FERRUCCIO SOLERI, GRAZIELA GALVANI e MARCELLO BARTOLI

do

PICCOLO TEATRO DI MILANO

(DESCONTO DE 50% PARA ESTUDANTES)

O FUNDO DE TEATRO E A FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN SUBSIDIARAM

RAUL SOLNADO em «AMOR ÀS RISCAS»

VASCO MORGADO
APRESENTA

HOJE, às 21.45 horas

(Adultos)

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
a mais ampla e confortável de todos

UMA HISTÓRIA ONDE
SE PROVA QUE AMAR
É DIVERTIDÍSSIMO



LIVRARIA BERTRAND

TOMBO DO INFERNO

A voz vibrante de Aquilino Ribeiro falando
do povo que tanto amava, numa peça escolhida
para inauguração do Teatro Maria Matos.

Edição normal 50\$00

Edição especial ilustrada por
João Abel Manta 115\$00

Obras Completas de Aquilino Ribeiro

ÚLTIMOS DIAS

A revista dos PARODIAN-
TES DE LISBOA

com CAMILO, FLORBE-
LA, com as atracções PAU-
LA RIBAS, RUI DE MAS-
CARENHAS

— um espectáculo de
VASCO MORGADO em
QUARTO MÊS com luga-
res desde 10\$00

MONUMENTAL

HOJE
em DUAS SESSÕES
20.45 e 23 horas
(ADULTOS)

DOMINGO, A TARDE, AS 16 H
ATENÇÃO: Amanhã, o «Sr. Ri-te, Ri-te» está no Lumiar
— junto ao posto da P. V. T.



HOTEL DOM CARLOS

PARA SI, SUA FAMÍLIA OU COM AMIGOS
UTILIZE O NOSSO RESTAURANTE

Ao almoço tem sempre à sua disposição um prato
típico da cozinha portuguesa

Amanhã: 4.ª-feira — CALDEIRADA DE CABRITO

PARA MARCAÇÃO DE MESA: TELEF. 53 90 71

AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 LISBOA

OPEL LICAR



Kadett
OLYMPIA
REKORD
COMMODORE

LICAR
AV. CASAL RIBEIRO, 48-A-LISBOA1

A COMÉDIA DE QUE TODOS FALAM

VARIEDADES

15.ª SEMANA

VASCO MORGADO
apresenta

— HOJE —

A NOITE, às 21.45 h.

(Adultos)

2 HORAS A RIR

com

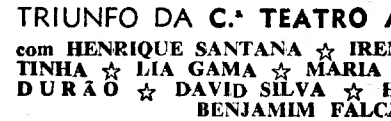
UM CASO MUITO

SÉRIO

A MULHER é igual,

superior, ou inferior

ao HOMEM



TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE

com HENRIQUE SANTANA ★ IRENE ISIDRO ★ COS-
TINHA ★ LIA GAMA ★ MARIA HELENA ★ LUISA
DURÃO ★ DAVID SILVA ★ HELENA ISABEL ★
BENJAMIM FALCÃO

DOMINGO, A TARDE, AS 16 HORAS

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

TRINDADE

Hoje, às 21.30

CONCURSO DE ARTE
DRAMÁTICA ORGANIZA-
DO PELA SECRETARIA DE
ESTADO DA INFORMA-
ÇÃO E TURISMO COM A
COLABORAÇÃO DA
F.N.A.T. E DA F.P.C.C.R.

«A PROMESSA»

pela Associação Recreativa Aurora da Liberdade
de Matosinhos

(MAIORES DE 17 ANOS)

AMANHÃ — «TOPAZE», pela Sociedade Filarmónica
Incrível Almadaense de Almada (Maiores de 17 anos)

Bilhetes à venda no Teatro, aos preços de 10\$00, 5\$00 e 2\$50

Em ALMADA, o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por
Amadeu & Veríssimo, Praça da Restauração, 12.

Começou no Estoril o Festival Internacional de Cinema de Amadores

Nada menos de setenta e um filmes concorrem, este ano, ao III Festival Internacional de Cinema de Amadores do Estoril que, ontem à noite, começou no Casino. Até sexta-feira, todas as noites, a partir das 21 e 30, os filmes concorrentes serão exibidos em sessões públicas, num dos salões do Casino Estoril, assistindo à projecção os componentes do júri que, no final, classificarão os concorrentes. Esse júri é constituído pelos srs. major Baptista Rosa, António Bernardo, Fernando Fração, Vitoriano Rosa, Juko Ventura Rabaça, dr. Francisco Alves da Costa e Jorge Pelayo, havendo ainda uma comissão de verificação de pontuação presidida pelo sr. coronel Augusto Luciano Alves, que tem como vogais os srs. Carlos Mascarenhas de Azevedo e Mário de Aguiar.

Para se avaliar do interesse de certame, que uma vez mais é promovido pela Estoril-Sol, com o patrocínio do Clube Português de Cinema de Amadores, basta dizer que a ele concorrem cineastas de oito países: Portugal, França, Bélgica, Brasil, Espanha, Holanda, Inglaterra e Itália. Segundo as decisões do júri serão atribuídos: um «Grande Prémio» ao filme que obtenha mais elevada pontuação no conjunto das três categorias previstas no regulamento (documentário, enredo e fantasia); cinco prémios para os cin-

co melhores filmes de cada categoria; «Troféu Estoril-Sol» para o filme que, de algum modo melhor realce as belezas da Costa do Sol; «Prémio Junta de Turismo da Costa do Sol» para o melhor classificado da categoria «enredo»; «Prémio Hotel Estoril-Sol» para o 1.º da categoria «documentário»; e «Prémio Casino Estoril» para o melhor filme de «fantasia».

A proclamação oficial dos resultados do festival, bem como a distribuição dos prémios está prevista para o próximo dia 25, às 20 e 30, seguindo-se um jantar festivo no Grande Salão Restaurante do Casino.

«SABINA FREIRE» NO TEATRO DA TRINDADE

Pobre Sabina Freire tão mal-entendida até por aqueles que a estimam! Pobre Sabina!

É certo que «santos de ao-pé-da-porta não fazem milagres». Pois é. Embora, não fazê-los, ainda vá-que-não-vá; mas, fazê-los ao contrário, é que não!

(Aqui, assalta-nos a preocupação de saber qual é a palavra que quer dizer o contrário de milagre? Qual será, se existe, para dizermos que foi o que os «Amigos de Portimão» fizeram à peça de Manuel Teixeira Gomes? Mas deixemos isso. Nem nós somos versados nas escrituras, para nos preocuparmos com milagres; nem os amadores de teatro são mais que os profissionais, para não caírem nos mesmos erros deles. Nos mesmos e noutros, que isto de dizer que «quem corre por gosto não cansa» é apenas uma maneira de mentir ao fôlego, para aguentar as primeiras passadas).

Pobre Sabina Freire, uma das mais «actuais» comédias-farsa do nosso País, capsulada durante tanto tempo e,

O CHEFE DO ESTADO NA INAUGURAÇÃO (ESTA NOITE) DO TEATRO MARIA MATOS

O Presidente da República estará presente, esta noite, no Teatro Maria Matos, na antestreia de gal. da peça de Aquilino Ribeiro «Tombo no Inferno», que Igrejas Caeiro dirigiu.

Além do almirante Américo Thomaz, foram convidados os ministros da Educação Nacional e Corporações e secretário de Estado da Informação e Turismo e o subsecretário da Administração Escolar e Juventude e Desportos.

de repente, mesmo ao nível dos santos de ao-pé-da-porta, transformada no mais tosco melodrama da morte e do amor ou vice-versa — sobretudo, vice-versa.

TAVARES DA SILVA

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES DE «OS DIREITOS DA MULHER»

Para dar lugar a um novo original de Henrique Santana, uma peça de crítica actual «Os Elefantes Não Sentem as Pulgas», entrou em últimas representações, no Variedades, a comédia de Alfonso Paso «Os Direitos da Mulher». Com esta original comédia apresentada por Vasco Morgado no desempenho da Companhia Teatro Alegre o público diverte-se sobre a interrogação: «a mulher é igual, superior, ou inferior ao homem?» Com este tema, dois artistas, Henrique Santana e a revelação Lia Gama põem à prova o seu talento ao mesmo tempo que nos dão a solução deste delicado problema. No elenco Irene Lindro, Costinha, Maria Helena, dão réplica aos protagonistas ao lado dos jovens David Silva, Helena Isabel e Benjamin Falcão. «Os Direitos da Mulher», no Variedades, têm direcção, encenação e tradução de Henrique Santana.



SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO

Para a tua deslocação utiliza
os comboios eléctricos.

AMÉRICA DO NORTE, AUSTRÁLIA, BRASIL, CANADÁ, ÁFRICA, ETC.

Reserve sua passagem de Barco ou Avião
na AGÊNCIA TURALGARVE

Praça da Republica, 100 — Telef. 193 — L O U L E
Rua Luciano Cordeiro, 6-C — Telef. 538240 — LISBOA



MARIA
VITÓRIA

• Um enorme êxito no teatro dos grandes êxitos!

• A REVISTA DA ALEGRIA E DA GARGALHADA!

• ESPERTEZA
SALOIA

• SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA
• BARROSO LOPES • DORA LEAL
• VITOR MENDES • MARIANO FRANCO
• DINA MARIA • CRISTINA CASSOLA
e um grupo de jovens actrizes

• TODAS AS NOITES
AS 20.45 e 23 HORAS

A atracção nacional

• HELENA TAVARES • «THE MELODIES»

A atracção filipina

HELENA TAVARES
no tudo «Quando
a Noite Vem»

A NOTÍCIA DO ANO

ABRIRAM
ONTEM AS
5
PRIMEIRAS

lojas Lanidor

Um sensacional empreendimento em Portugal!
Directamente de suas fábricas, as lojas Lanidor venderão fios de tricotar, malhas, novidades e pronto a vestir para homem e senhora.
Modelos em rigoroso exclusivo!
ALTA QUALIDADE A PREÇOS DE FABRICANTE
Novidade!
Todos os artigos à venda nas lojas Lanidor têm uma garantia de qualidade concedida através do controle feito em laboratório próprio. Sistema único no país.
Lanidor — Self-service um verdadeiro acontecimento no dia-a-dia do público português!

LISBOA: R. DA PRATA, 268 a 272
R. SARAIVA DE CARVALHO, 171 — R. TOMAZ DA ANUNCIAÇÃO, 1-A
AMADORA: R. ELIAS GARCIA, 366-B
ALMADA: R. DA OLIVENÇA, 4-A, 4-B

Fixe, peça, use, Fios, Malhas, Confeccões

Lanidor
... qualidade peça por peça

ora diga-nos...

— Qual é o seu espectáculo preferido?

Nesta época do ano, espectáculos há muitos... e nem todos são de recomendar!

● Carlos Fernando Rodrigues, ajudante de laboratório, disse-nos:

— O meu espectáculo preferido é o cinema, isto, claro está, quando os filmes são bons! De futebol não gosto. O cinema é, como lhe disse, e desde os 12 anos, o espectáculo que eu prefero entre todos.



● O sr. João Claudino, tipógrafo, não hesitou:

— É a bola, e também gosto muito de teatro. Vou aos jogos sempre que o Benfica joga em casa. Ao teatro só de vez em quando posso ir, pois os bilhetes são muito caros.

● Por último, ouvimos o sr. Hélder Martins Lourenço, empregado de escritório:

— Prefiro o futebol a todos os outros espectáculos, embora só de tempos a tempos vá aos jogos. Também gosto bastante de cinema, principalmente filmes dramáticos.



Em três linhas

O «Diário do Governo» publica hoje a tabela dos preços de análises, ensaios e estudos do Instituto Nacional de Investigação Industrial.

///

Foi extinta, a partir de 31 de Outubro corrente, a Bri-

gada de Estudo e Construção de Portos de Timor.

///

Foi colocado na reserva da Armada o contra-almirante Joaquim José Teixeira, com direito a pensão mensal de 10 mil escudos.

Começou o pagamento do abono de família aos trabalhadores rurais

LEIRIA, 21 — A Caixa de Previdência e Abono de Família deste distrito procedeu

ao pagamento do primeiro abono de família aos trabalhadores rurais, através das Casas do Povo.

Embora tais abonos atinjam importância muito superior às contribuições recebidas, espera-se que, nos meses futuros sejam mais elevados os montantes, pois alguns trabalhadores ainda não requereram o abono a que têm direito.

Os beneficiados mostraram-se satisfeitos pelo alargamento do benefício a quantos exercem a sua actividade na agricultura, na silvicultura e na pecuária.

No distrito de Coimbra

COIMBRA, 21 — A Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Coimbra pede-nos a publicação da seguinte nota:

«Encontra-se já em pagamento no distrito de Coimbra, através das respectivas Casas do Povo, o abono de família atribuído aos trabalhadores rurais e processado em relação ao trabalho prestado no mês de Setembro. Trata-se dos primeiros abonos pagos de harmonia com a recente legislação que alargou aos trabalhadores rurais o benefício do abono de família, sendo de assinalar a forma como o novo sistema entrou em pleno funcionamento e a aceitação que mereceu a todos os interessados».

Grupo Excursionista Civil do Monte

Tomaram posse os os novos corpos gerentes do Grupo Excursionista Civil do Monte, com sede na Rua da Verónica, 94-B. Presidem a assembleia geral, a direcção e ao conselho fiscal, respectivamente, os srs. António Pedro de Vasconcelos Lomelino, Henrique de Melo Gualdino e Eugénio Martins Góis.

Electrificação de povoações do distrito de Setúbal

SETUBAL, 21 — Prevê-se para um futuro não muito distante a electrificação de Aldeia Grande, Arrábida e Zona dos Picheleiros, pois está montada até á primeira dessas povoações a linha de alta tensão; e ultimam-se os preparativos para a construção do respectivo posto de transformação. Isto possibilita, também, a electrificação da orla marítima da Arrábida á Figueirinha, maravilhosa zona de turismo enquadrada numa das mais belas perspectivas da serra da Arrábida, melhoramento cuja falta muito se faz sentir.

Encontro da Imprensa não diária

Vão reunir-se, novamente, em Lisboa, sob o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, os órgãos da Imprensa não diária, em organização a cargo do respectivo grémio.

Manhã na praça

PREÇOS DE ARREPIAR

No Mercado de 24 de Julho havia ontem um lugar vago no local de venda da criação. Por cima do mármore uma ordem de serviço dizia: «Suspensão de Exercício — Da empregada do lugar n.º 5/IV, Ermeninda da Costa Silva Marques, por 1 dia, com interdição de entrada no mercado, por esfoliar coelhos no lugar — art.º 94 do R. G. M. L.».

Assinalamos isto pelo alegado motivo de suspensão: «esfoliar coelhos no lugar», e vem a talho de foice falar de novo do paradoxal problema dos coelhos.

Dissemo-lo mais de uma vez: só se vendem coelhos vivos nos mercados de Lisboa devido a uma tabela que estabelece, dogmáticamente, deverem os ditos roedores ser vendidos a 28\$00 mortos e, vivos, a 23\$00. Simplesmente, os coelhos vendidos vivos a 23\$00 ficam, depois de esfolados e sem tripas, a cerca de 40\$00. E a vendê-los mortos a 28\$00, fazendo fé nas afirmações das vendedeiras, resultaria um considerável prejuízo.

Vai daí, a vendedeira não vende o coelho morto. Tem-no à venda vivo e quando chega a freguesia que não tm coragem para matar o bichinho — embora o possa comer (e não é nada mau!) —, dá um jeito e à sucapa mata-o ali no lugar. Entrega-o morto, esfolado e limpo, mas vendido ao preço de vivo.

Entra aqui, em nome da higiene — e achamos muito bem — o regulamento geral dos mercados que proíbe entre outras coisas que se mate e esfole o depene (ou escame, peixe) no lugar. Contravenção igual a punição. A vendedeira ou vende o coelho vivo ou vende-o morto — no devido lugar — a perder dinheiro...

Claro que o preço do coelho a 36\$00 ou a 38\$00 o quilo é muito caro. É demasiado caro e é sempre imprescindível que a Intendência ponha cobro à alta de preços, mas não de forma que permita sofismas e que numa aparente medida de protecção ao comprador o venha afinal a prejudicar! No caso dos coelhos, talvez a Inspeção dos Mercados ache conveniente que sejam vendidos vivos por outras razões que não a do preço: depois de mortos talvez seja mais difícil detectar a doença que, por vezes, alastra entre esses roedores. Será?

Aproveitamos, já agora, para referir uma frase ouvida a uma peixeira com a banca cheia de peixe (por vender):

— São uns preços de arrepiar!

PREÇOS DOS PRODUTOS

Vimos o pé de alface a 1\$00, 1\$50 e 2\$00; a couve portuguesa, a 2\$50, 3\$00 e 3\$50; a lombarda, a 3\$00 e 4\$00; a couve-flor, a 4\$00, 5\$00 6\$00 e 7\$00; a cabeça de nabo, a 1\$00 e 1\$50; e o pé de alho francês, a 1\$00 e 1\$50.

O quilo das castanhas vendia-se a 6\$00; das cebolas, a 4\$00; dos tomates, a 2\$50; do feijão verde, a 4\$50; dos pimentos, a 3\$00 e 3\$50; da cenoura, a 2\$50 e 3\$; do pepino, a 4\$00; da batata doce, a 2\$50; dos alhos, a 10\$00; da azeitona, a 7\$00, 8\$00, 9\$00 e 10\$00; da beringela, a 1\$50 e 2\$00; e de batata, a 2\$00, 2\$20 e 2\$30.

O molho das nabijas estava a 4\$00 e 5\$00; dos grelos, a 4\$00 e 5\$00; dos rabanetes, a 3\$00 e 3\$50; e da beterraba, a 3\$00.

PEIXE

Quanto ao quilo da ameijoia estava a 28\$00 e 30\$00; do berbigão, a 3\$50; das lulas, a 32\$00, 35\$00, 36\$00 e 38\$00; do goraz, a 26\$00 e 38\$00; da pescada, a 35\$00, 41\$, 50\$00 e 53\$00; da eirós, a 35\$00, 36\$00 e 38\$00; do polvo, a 9\$00, 13\$00 e 14\$00; dos carabineiros a 63\$00; do camarão, a 90\$00, 96\$00 e 160\$00; do chicharro, a 8\$90; da abrótea, a 17\$00; das rabetas, a 14\$00; do parço, a 18\$00 e 24\$00; do peixe-gallo, a 10\$00; do cachucho, a 13\$00; do carapau, a 6\$00, 12\$00 e

15\$00; da caldeirada, a 10\$00; do tamboril, a 14\$00; da palma, a 8\$50 e 15\$00; do safio, a 16\$; da pescadinha de rabo na boca, a 12\$00 e 21\$00; da pescada negra, a 19\$; da tainha, a 8\$00; do camarão negro, a 20\$00; dos lagostins, a 72\$00 e 85\$00; da dourada, a 13\$00; do nero, a 26\$00; da garoupa, a 36\$00; do peixe-espada, a 17\$50; dos robalinhos, a 40\$00 e 42\$00; do linguado a 50\$00; das sardas, a 3\$00; e das marmotas, a 25\$00.

FRUTA

No que respeita à fruta, vimos o quilo das uvas, a 5\$00 e 7\$50; das laranjas, a 15\$60; do pero «golden», a 13\$00; das peras, a 10\$40 e 13\$00; do pero «start», a 13\$00; dos limões, a 13\$ e 15\$60; da maçã-rei-netta, a 10\$40; da romã, a 5\$00 e 5\$20; da banana, a 8\$00; do melão, a 4\$50; do pero bravo de esmolte, a 16\$90; dos ananás, a 32\$50.

CRIAÇÃO E OVOS

O quilo do frango vivo estava a 19\$00; com tripa, a 23\$00; e limpo, a 25\$00; da galinha grande viva, a 16\$00 e 17\$00; e morta saloia, com tripa, a 27\$00 e limpa, a 31\$00. O coelho vendia-se a 25\$00 o quilo vivo. A dúzia dos ovos vendia-se a 14\$40, 15\$20, 15\$80 e 16\$00.

DONA DE CASA

25 bactérias
provocam a caspa
1 produto a elimina
apêlic



Foi a pensar no seu problema que os Laboratórios Garnier criaram o primeiro shampoo anti-caspa verdadeiramente eficaz. Por uma questão de elegância, higiene e de saúde,

apêlic

apêlic — TEM A GARANTIA "GARNIER" PARIS Fabricado por M. B. B. T. Lda. (Couraça)

Actualidade internacional

REGRESSO DA GRÉCIA AO REGIME DEMOCRÁTICO —pede a N.A.T.O.

BRUXELAS, 21 — (F. P.) — A Assembleia Atlântica aprovou ontem por 46 votos contra 3 e 2 abstenções uma resolução pedindo «instantaneamente aos Governos dos catorze outros membros da aliança que

utilizem meios apropriados para que a Grécia regressasse rapidamente às eleições livres, à democracia parlamentar e ao regime do direito».

Além disso, a Assembleia aprovou as seguintes resoluções, todas por unanimidade:

1 — Incitamento aos países membros, para que prossigam em conjunto o estudo dos problemas da aliança.

2 — Sugestão duma conferência intergovernamental para criar uma organização de fomento mediterrânico.

3 — Incitamento aos Estados Unidos para que insistam em obter um acordo com Moscovo acerca da limitação das armas balísticas, mantendo-se entretanto em consulta com os seus aliados da N.A.T.O.

4 — Convite aos parlamentares para que ajam nos seus parlamentos respectivos no sentido de que a Assembleia do Atlântico Norte seja reconhecida como órgão consultivo da N.A.T.O.

5 — Sugestão de reuniões de parlamentares do Leste e do Oeste Europeu.

6 — Pedido aos Governos dos países membros para que não reduzam as suas Forças Armadas, melhorem os sistemas de mobilização e as redes de comunicação.

7 — Recomendação duma redução mútua e paralela das forças da N.A.T.O. e do Pacto de Varsóvia.



GEORGY BEREGOVY — Um dos dois cosmonautas russos que recentemente se encontram nos E. U. A. Beregovoy e o seu colega Konstantin Feoktistov recusaram-se, ontem, a visitar Cape Kennedy

Os astronautas russos que se encontram nos EUA cancelaram a visita a Cape Kennedy

NOVA YORK, 21 — (R.) — Os astronautas soviéticos Georgy Beregovoy e Konstantin Feoktistov cancelaram a noite passada subitamente uma planeada visita ao centro espacial de Cabo Kennedy.

Os dois astronautas, que chegaram ontem a Nova York, vindos de Moscovo, declararam ao seu colega americano Frank Borman que não podiam efectuar a viagem, mas não indicaram qualquer razão.

Observadores desta cidade disseram que o cancelamento se destinava aparentemente a evitar a retribuição, convidando astronautas americanos para visitarem o cosmódromo de Baikonour. Nenhum funcionário ocidental, com excepção do antigo presidente de Gaulle, da França, visitou já aquele centro espacial soviético.

Do mesmo modo, nenhum funcionário russo visitou alguma vez o centro espacial de John F. Kennedy, em Cabo Kennedy, local de todos os lançamentos espaciais americanos, a despeito de vários convites.

«OPERAÇÃO SURVEYOR»

WASHINGTON, 21 — (F. P.) — Uma das principais missões dos astronautas do voo Apollo 12, em 20 de Novembro próximo, será encontrar na superfície lunar a sonda Surveyor 3 que pousou em 1967 no Oceano das Tempestades. Esta «operação Surveyor» foi um dos temas de uma conferência de imprensa que o capitão Chester Lee, director do voo Apollo 12 deu na sede da N.A.S.A.

Os dois próximos homens que caminharão na Lua, Charles Conrad e Alan Bean, só partirão porém á procura da sonda se aluñarem a 800 metros, no máximo, dela. Em princípio, o plano de voo prevê que pousarão a cerca de 350 metros. Deverão trazer os restos para Terra a fim de serem estudados. Os cientistas verificarão se os microorganismos que foram lançados na sonda se

ESTA SEMANA

Três milhões de trabalhadores em greve em toda a Itália

ROMA, 21 — (F. P.) — Cerca de três milhões de trabalhadores estarão em greve esta semana em Itália. Os carteiros continuarão a greve nacional de 96 horas, 170 000 empregados dos caminhos-de-ferro prepararam-se para entrar em greve no dia 23 por 24 horas. Um milhão e trezentos mil «metalúrgicos» continuarão esta semana ainda as suas greves «articuladas» por região e «intermitentes» por empresas.

Por outro lado, 900 000 operários da construção observarão uma paragem geral do trabalho por 24 horas na próxima quinta-feira. Finalmente, duzentos mil empregados das indústrias químicas e farmacêuticas entrarão em greve em 24 e 30 de Outubro e os operários das fábricas de cimento observarão greves articuladas e intermitentes equivalentes a 72 horas de trabalho em todo o país. Os 80 000 empregados de cafés e restaurantes mantêm por seu lado, para quinta-feira, a sua decisão de greve nacional de 24 horas.

Algumas cidades decidiram observar paragens de trabalho gerais de 24 horas. Assim, Bergamo e Bo-

lonha estarão hoje paralisadas por uma greve geral. Na quinta-feira, será a vez de Massa Carrara, na Toscana, e Lecco, na Lombardia, sexta-feira será Potenza, Forlì e Reggio Emilia. No sábado, Rovigo, perto de Pádua.

Finalmente, um milhão e quinhentos mil funcionários ameaçam fazer greve na próxima semana se não houver um acordo rápido sobre a reforma da assistência na doença.

PLENÁRIO DO SÍNODO EPISCOPAL



PAULO VI: Um poder partilhado com os bispos?

CIDADE DO VATICANO, 21 — (R.) — Os principais bispos católicos romanos do Mundo devem hoje apresentar as suas primeiras sugestões concretas ao Papa Paulo VI acerca de como poderiam participar mais activamente no governo da Igreja.

Tem estado a decorrer uma sessão plenária do sínodo mundial de bispos para ouvir os relatórios dos nove grupos de trabalho separados, que se têm reunido em sessões secretas durante os últimos quatro dias.

Fontes do Vaticano disseram que o Santo Padre assiste quase de certeza á sessão.

Garrastazu Medici deixou o comando do 3.º Exército

RIO DE JANEIRO, 21 — (R.) — O presidente designado do Brasil, general Emilio Garrastazu Medici, entregou o comando do Terceiro Exército, antes de ser investido ainda este mês.

O general, escolhido pelas Forças Armadas para suceder ao antigo presidente Artur da Costa e Silva, que ficou parcialmente paralisado em Agosto último por uma embolia cerebral, deve ser formalmente eleito no sábado durante uma sessão conjunta do Congresso.

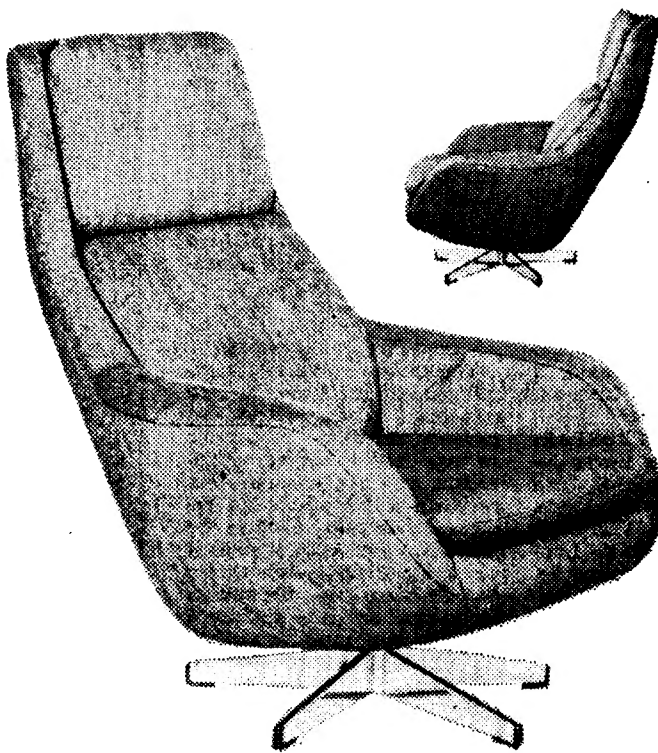
Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Público agradecimento ao ilustre clínico Ex.^{ma} Senhor Dr. Villares Morgado

José Alberto Marques Oliveira vem por este meio, muito reatadamente agradecer a S. Ex.^a a nobre e desinteressada atitude que tomou no grave acidente de automóvel de que foi vítima no passado domingo, dia 19 do corrente. Tendo o Sr. Dr. Villares Morgado presenciado o acidente, não só providenciou quanto ao transporte do acidentado ao Hospital de Almada, como ainda tomou parte activa no tratamento dos graves ferimentos e fractura sofridos, colaborando de motu próprio com o Pessoal de serviço. Só depois de se certificar que tudo estava em ordem é que aquele médico abandonou as instalações do referido Hospital, dando assim um verdadeiro exemplo de compreensão e humanismo. Ao Pessoal do Hospital de Almada presente nessa emergência aqui fica também o mais profundo reconhecimento.

Fernão-Ferro/Seixal, 20 de Outubro de 1969.

ETP 30



DOMUS

A NOBREZA DO DESENHO CONTEMPORÂNEO

É UMA CADEIRA



SELDEX SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO S.A.R.L.
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. DA LIBERDADE, 127-129 — LISBOA 2 — TELEFOS: 324986-328571-327022

O governador civil de Aveiro anunciou a próxima criação de um Instituto Politécnico

• Vão ser construídos hotéis na Costa Nova e na Barra

AVEIRO, 21 — A criação de um Instituto Politécnico nesta cidade e a próxima implantação de unidades hoteleiras nas praias da Costa Nova e da Barra de Aveiro foram anunciadas ontem pelo chefe do distrito ao reunir-se com os representantes dos órgãos da Informação no termo dos primeiros onze meses do seu novo mandato.

Durante a reunião, que se efectuou num hotel desta cidade com a presença do governador civil substituto e do presidente do Município local, o dr. Vale Guimarães referiu também que nestes onze meses percorreu um total de 170 freguesias, faltando-lhe visitar 40 para fazer um levantamento completo das necessidades mais prementes do distrito.

Começando por falar do panorama da electrificação rural (o distrito de Aveiro — disse — é o mais evoluído do País neste capítulo), o governador civil fez depois um balanço setorial das principais realizações, destacando nomeadamente as seguintes:

ENSINO — Foi elevada a Escola Técnica a secção que funcionava em Estarreja. O Governo garantiu a próxima criação do ensino médio em Oliveira de Azeméis. Em Aveiro oficializou-se a Escola do Magistério Primário e o Instituto Médio do Comércio. Será aqui criado o Instituto Politécnico, compreendendo vários cursos, entre eles o de Telecomunicações e Electrónica, que será exclusivamente ministrado em Aveiro. No mesmo deverá funcionar um curso de Construção Naval. Sendo o distrito de Aveiro ainda eminentemente agrícola, virá a ser criado um curso para os que queiram dedicar-se à lavicultura, estando já a funcionar a Escola Prática da Unilagre, em Vale de Cambra.

COMUNICAÇÕES POSTAIS — Vão ser criadas novas estações em S. Jacinto, S. João de Ver, Caldas de S. Jorge, Calvos, Talhadas, Vila Chã de S. Roque, S. João de Loure, Gafanha da Encarnação, Mazalima, S. Vicente de Peleja, Ul, Tareil-Souto e S. Martinho. Muitas construções ainda começarão este ano, outras em 1970. Em Aveiro está a ser edificada a estação de Aradas e foram criadas as de Esgueira, S. Bernardo e do bairro da Beira-Mar.

ESTRADA AVEIRO-MURÇA — Muito se tem falado da sua falta e muitas promessas foram já feitas. Muitas datas foram aventadas para o seu início. Mas até hoje não tínhamos saído do «desejo e da desza». Pois o governador civil veio finalmente fazer luz sobre este problema, informando que, por despacho do ministro das Obras Públicas, foi encarregado o prof. eng.º Vasco Cordeiro de estudar a complexa questão, de molde a que se considerem ao máximo certos aspectos económicos, rodoviários e desportivos, estando nestes incluído o aproveitamento do Rio Novo do Príncipe para pista náutica.

LIGAÇÃO COM S. JACINTO — Reconhecendo-se que uma ponte que ligasse S. Jacinto à outra margem da

Ria só virá a constituir imperiosa necessidade dentro de 10 a 15 anos, e aceitando-se não ser possível manter-se a falta de ligação entre as duas margens para o tráfego automóvel, vai ser feita essa ligação através de «ferry-boats», assegurada, porém, através de embarcações e de rampas de entrada e saída concebidas de forma económica.

MATA DE S. JACINTO — O secretário de Estado da Agricultura, disse o dr. Vale Guimarães, está empenhado em que esta mata seja restituída ao Município de Aveiro. A concretizar-se tal passo, será possível levar a cabo um plano turístico de grande envergadura, que aliás tem já o apoio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

PRAIAS DO LITORAL — Ainda no corrente ano começarão as obras de defesa das praias de Espinho e do Furadouro. A Barrinha de Esmoriz vai ser objecto de atenções para o seu aproveitamento turístico, e bem assim as praias de Bemeganga e de Maceda. Será encarada com muito interesse a continuação da estrada entre a praia da Vagueira e Mira.

TRIBUNAIS — Vão ser construídos novos tribunais em Albergaria-a-Velha, Estarreja e Vila da Feira. Espera-se que em Vagos se resolva, judicialmente, o problema da expropriação dos terrenos para se dar início à imediata construção do seu novo tribunal. Em Anadia já foi aberto concurso para a construção de um edifício de seis moradias para os magistrados da comarca.

Diálogo com os jornalistas

Terminada a sua longa exposição, o chefe do distrito colocou-se à disposição dos jornalistas para responder ao que desejassem ver esclarecido, vindo a saber-se, em resposta a perguntas do representante do «Diário de Lisboa», que Aveiro poderá vir a ter também um Curso de Técnicos de Televisão, atendendo ao que o distrito é um dos que mais aparelhos registados tem e os técnicos escasseiam pela região.

Soube-se igualmente que se não pensa por ora na criação de qualquer Junta de Turismo da Ria, problema já por várias vezes abordado mas que se encarraria, isso sim, a hipótese de uma Federação das Juntas de Turismo concelhias, para que estas não perdessem a sua autonomia. Disse depois o dr. Vale Guimarães que a Costa Nova terá, dentro em breve, e por iniciativa particular, um grandioso empreendimento hoteleiro, do mesmo género de alguns do Algarve. Também a Praia da Barra verá erguer, já no próximo ano, um bom hotel, participando pelo Governo.

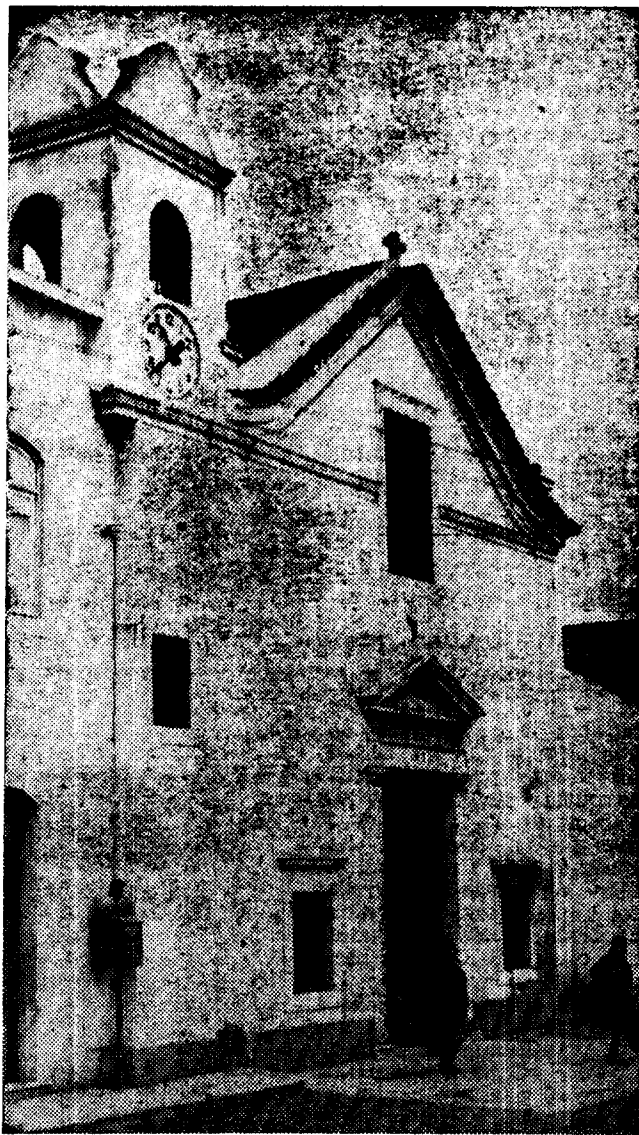
Quanto aos incêndios no

Caramulo e aos auxílios a prestar às populações sinistradas, explicou o dr. Vale Guimarães que dentro de pouco tempo estarão concluídos os inquéritos feitos aos salvados, para se dar imediata execução às medidas de auxílio.

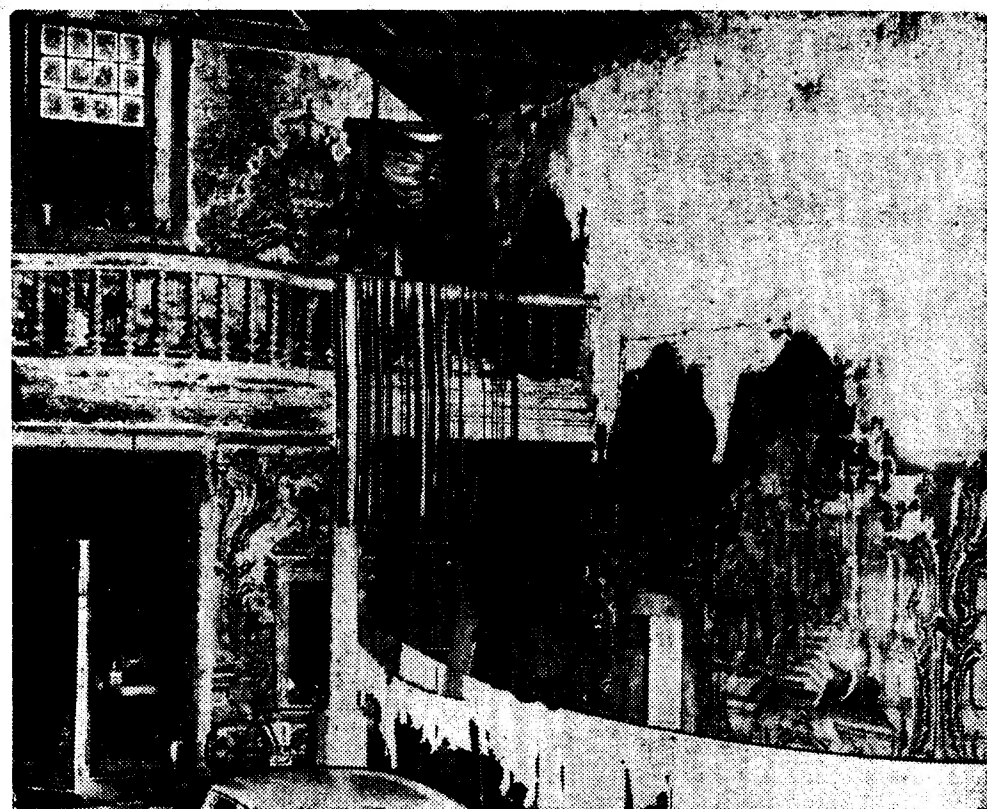
Outro jornalista focou o caso da implantação de uma pista para táxis aéreos, contrapondo o dr. Vale Guimarães que Aveiro, atendendo à excelência das suas vias de comunicação, não necessitará muito dela.

Também o património artístico do distrito mereceu intervenção de outro jornalista, nomeadamente sobre o facto de alguns monumentos ameaçarem ruína. Salientou-se até que já havia dinheiro para se acudir a alguns deles, mas que a «máquina burocrática» a isso obstava com risco de se perderem obras de grande valor.

Finalmente a indústria de tanoaria de Esmoriz mereceu uma palavra de exploração do dr. Vale Guimarães, o qual informou os presentes esperar-se que o grave problema com que aquela actividade se debate no capítulo das exportações seja resolvido rapidamente pelo Governo.



A fachada da Igreja presentemente transformada em garagem



Abandono completo. A direita — belíssimos azulejos do passado

Uma igreja secular transformada em garagem na vila de Alhos Vedros

No Largo da Misericórdia, em Alhos Vedros, uma igreja secular transformou-se, de um momento para o outro, em garagem e arrecadação.

Verdade: que o digam todos quantos por ali habitam e muito admirados se têm mostrado com tão insólita transformação. Aliás, foi a

carta de um leitor que nos levou ao local.

É observamos, efectivamente, que a igreja, despojada dos santos, dá agora guarida a veículos, carroças de mão e objectos diversos. Além disso, arames dispostos ao longo do templo são utilizados para secar roupa. Peças brancas pingavam para o chão os enzimas de recente sabonaria quando, como observadores incrédulos, lá entramos.

— Mas qual o motivo desta situação? — inquirimos.

Um encolher de ombros foi a resposta. Viemos a saber, mais tarde, que existe outra igreja na vila, aberta ao culto e frequentada pela maioria dos fiéis.

Parece que a Misericórdia, relativamente à igreja secu-

lar, não tem a intenção de a utilizar para quaisquer práticas litúrgicas. E, assim, o templo transformou-se em garagem e arrecadação...

Ora, por decoro, talvez a solução mais adequada fosse pura e simplesmente fechar as portas do templo. Assim pensam — acentue-se — os habitantes de há muitos anos da vila de Alhos Vedros.

A MEDALHA DO I PARA AUGUSTO DE

PORTO, 21 — Decorreu esta tarde, sob a presidência do sr. eng.º Vasconcelos Porto, a entrega mensal do Município.

Entre outras decisões, foi concedida a medalha de mérito (ouro) da cidade ao escritor e jornalista dr. Augusto de Castro, director do nosso prezado colega «Diário de Notícias», que é natural do Porto. A propósito, o vereador, sr. dr. Paulo Pombo disse:

— Augusto de Castro já mais atraiçoa a sua missão de jornalista, que tem prestigiado de uma maneira

Pas
de «
execu
de Tr

A arte
«tricot» n
por Maria
sa «Rosin
quinte di
passável.
ontem, n
modelos e
tel Tivoli.
Três
Maria, Fri
rino, mostr
zenas de 1

A meda
de San
para o
Perdigã

Uma repr
cípio de Sa
tem ao pre
de adminis
Calouse Gu
de Ouro da
munho de gr
alto patroc
pensar a iní
do Bairro C
naquela ci
deste modo,
um dos ma
da cidade e
do-a com u
fícios que j
dido», razão
ceder a dis
monstrar «e
de humanida
e que os ho
consegurar a
aktristicame
nova cidade
vultuoso em

ímpar, nur
da de per
E acescen

«Jamais
velar o c
mens para
quecer a e
na de esc
produção
de meio s
teatro á n
á narrativ
ensaio. A
de Castro,
pildidade,
mais puros
grande tr
portuguesa
da língua

CAÇADORES

Vendo quintinhos preços de 10, 13, 15, 20 e 23 contos cada, facilito em 36 prestações mensais, ficam junta povoação, electricidade, telefone, estrada alcatroada, boa região de caça, pesca em barragens e ribeiras. Sou dono. Carta de Apartado 1.045, Lisboa-1 ou telef. 539773 e 539774, 9.30-12.30 e 14-18.30.

Se V. não gosta de carros arrogantes não queira conhecer o 15 M XI
Ele obriga-o a mudar de opinião

2 e 4 portas
Ford à frente



A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD

STAND MODERNO Av. Fontes P

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Serviços em prata

Um lindo sortido com modelos exclusivos, a preços sensacionais. Ourivesaria Pimenta, R. Augusta, 233 a 257.

Passagem de modelos de «crochet» e «tricot» executados por mulheres de Trás-os-Montes e Alto Douro

A arte do «crochet» e «tricot» manual foi levada por Maria Peniche, da Cascais, a um recinto dificilmente ultrassável. Verificámos isto, em, na passagem de modelos efectuada no Hotel Tivoli.

Três manequins, Ana Maria, Friorela e Rosa Maria, mostraram quatro de-
mas de modelos, vestidos,

medalha de ouro de Santarém para o dr. Azeredo Perdigão

Uma representação do Município de Santarém entregou ontem ao presidente do conselho de administração da Fundação Calouste Gulbenkian a Medalha de Ouro da Cidade como «testemunho de gratidão profunda pelo patrocínio que soube dispensar à iniciativa da construção do Bairro Calouste Gulbenkian, naquela cidade, concorrendo, deste modo, para a resolução de um dos mais graves problemas da cidade de Santarém, dotando-a com um dos maiores benefícios que jamais lhe foi concedido», razão pela qual, ao conceder a distinção se quis demonstrar «esse nobre sentimento de humanidade que é a gratidão que os homens sabem sempre pagar a quem, devotada e tristemente, soube dotar a cidade com tão notável e frutuoso empreendimento.»

DO PORTO DE CASTRO

mpar, numa cultura marcada de perene portugalidade, aorescentou:
«Jamais deixou de aproveitar o convívio dos homens para alargar e enriquecer a experiência humana de escritor, numa vasta produção literária de mais de meio século, que vai do teatro à novela, da crónica à narrativa, da crítica ao ensaio. A obra de Augusto de Castro, prodígio de similitude, torna-o um dos mais puros continuadores da grande tradição prosódica portuguesa, um dos mestres da língua pátria.»

casacos, «tailleurs», calças e tunicas, além de um maravilhoso vestido de noiva, com rendas e malhas trabalhadas à mão.

A parte mais curiosa e assinalável desta passagem de modelos, para lá de toda a beleza artística das rendas e «crochets» e dos modelos elegantes em que foram confeccionadas, é o facto de terem saído da mão de mulheres de Trás-os-Montes e Alto Douro. «Rosinova», interessada no artesanato português e na forma de ocupar a mão-de-obra feminina dessas duas províncias do Norte, desocupadas durante o Inverno, empenhou-se na promoção do «crochet» e «tricot» português. Conseguiu belos resultados, no que cabe aos modelos que tem para vender. O «caso humano» não estava representado na passagem, o que é natural.

Colaboraram na passagem «Adelina Jorge», com os seus chapéus e a «Marizinha», que calçou os manequins.



Mulheres de Trás-os-Montes e Alto Douro empenham-se num moroso e delicado labor de que resultam pequenas maravilhas em renda e malhas, como se viu, ontem, numa passagem de modelos, que afirmou uma arte manual capaz de satisfazer a mulher mais requintada

A actividade da I. G. A. E. em Setembro

Da Inspeção-Geral das Actividades Económicas recebemos a seguinte nota:

«Durante o mês de Setembro último, algumas brigadas de fiscalização da Inspeção-Geral das Actividades Económicas continuaram a actuar, especialmente em praças e termas, enquanto que, a partir do dia 20, as restantes brigadas das zonas distritais de fiscalização se mantiveram alertadas ao possível recrudescimento das comercializações e das necessidades locais de abastecimento derivadas do regresso das populações ao seu «habitat» normal.

Quanto ao abastecimento, não se verificaram deficiências de consideração. Os mercados estiveram suficientemente abastecidos de géneros ou produtos de primeira necessidade, verificando-se, até, certa abundância de alguns produtos. A falta de uma ou outra espécie de peixe fresco, por força da conhecida escassez das pescas última-

mente assinaladas, foi superada pela oferta de regulares e bastantes quantidades de peixe congelado, de todas as espécies, tipo de alimento que já entrou francamente nos hábitos ou dieta de população nacional.

Relativamente à comercialização, estado sanitário dos produtos e formação dos preços livres, a Fiscalização es-

teve atenta, especialmente no que se refere às manobras cílicas e paulatinamente iniciadas nesta época em certas actividades e visando próximos futuros períodos de maior consumo, designadamente no que se refere aos ovos e à batata, prevenindo a sua regular comercialização e reprimindo, sempre que a prevenção não bastou, os apêlites especulativos de uns quantos.

A nota em questão refere, depois, os processamentos efectuados durante o passado mês de Setembro, em número de trezentos e cinquenta e quatro.

Motoretista gravemente ferido

ILHAVO, 21. — Seguiu na motorizada pela estrada Farol-Aveiro, já de noite, o motoretista da traineira «Novo Santo Inácio», sr. Vítor Gualdim Sardo, de 25 anos, casado, natural e residente na freguesia da Gafanha da Nazaré. A certa altura deu violenta queda e ficou muito ferido na cabeça e confuso num joelho. Recolheu ao hospital sub-regional.

SUBARU (NOVO AUTOMÓVEL JAPONÊS) ESTÁ EM EXPOSIÇÃO

Elegante, de linhas atraentes e bem concebidas, o «Subaru», novo automóvel japonês, já se encontra em exposição. Ao «stand» dos representantes — Sogerim — Sociedade Geral de Importação, Lda. — Av. António Augusto de Aguiar, 23-A — têm acorrido muitos apaixonados pelo desporto automóvel para apreciar os modelos FF-1-1100, de 2 e 4 portas, e a versão «station».

Produto da Fuji Heavy Industries, Ltd., de Tóquio, o «Subaru» dispõe de uma cilindrada de 1100 c.c., e oferece um consumo baixo (6/7 litros), vindo já equipado com «extras»: buzinas de ar, rádio, cabeceiras, vidros «polaroid» e retrovisores removíveis. De absoluta segurança na estrada, o «Subaru» possui dois radiadores de arrefecimento, permitindo temperatura constante do motor para um máximo de 92°. Outras características: carroçaria monobloco, barras de torção com amortecedores hidráulicos e mola espiral. O duplo radiador dispensa ventoinha de arrefecimento. De referir a mais espaçosa mala para bagagens em automóveis da sua cilindrada. Em resumo: o «Subaru» garante viagens agradáveis a uma

lotação de cinco pessoas — um carro familiar que corresponde, no entanto, a todas as aspirações do volante pelo que oferece em velocidade, comodidade e segurança.

REUNIÃO DO ROTARY

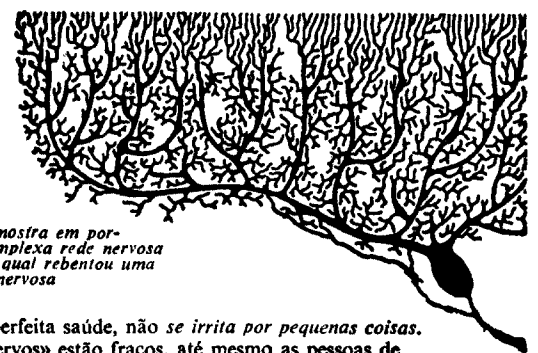
A habitual reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa efectuou-se hoje no Hotel Tivoli. Na mesa da presidência, além do sr. dr. Angelo de Almeida Ribeiro tomaram lugar os novos sócios, sr. dr. Dieter Kummel e eng. André Ruhlmann.

Feito o protocolo pelo director Eric Leça Rasmussen, o secretário do clube sr. eng. Guimarães Ferreira tratou do expediente.

O sr. Hermann Umbreit fez a apresentação do novo sócio sr. dr. Dieter Kummel, diplomata em serviço na Embaixada da Alemanha e, por sua vez, o sócio sr. dr. Carlos Estorninho apresentou o sr. eng. André Ruhlmann, gerente da Sandoz em Portugal.

Seguidamente o sr. dr. Almeida Ribeiro procedeu à imposição do emblema rotário aos novos sócios, após o que os membros do Clube fizeram a sua apresentação rotária às personalidades que acabavam de ser admitidas. Deu depois a palavra ao sr. dr. António Manuel Nunes de Oliveira que apresentou uma comunicação de temas rotários.

Irritável? acuse os seus nervos



Este desenho mostra em portador uma complexa rede nervosa do cérebro, na qual rebentou uma delicada fibra nervosa

Se está de perfeita saúde, não se irrita por pequenas coisas. Mas se os «nervos» estão fracos, até mesmo as pessoas de bom génio «perdem a cabeça» e se irritam facilmente. E então não pode controlar-se nem tem culpa desse mau génio. Os culpados são os nervos!

COMO ACTUA O SANATOGEN

Das células nervosas depende o funcionamento regular do seu sistema nervoso. Se as células não estão a receber toda a proteína e fósforo de que precisam, morrem de fome. O Sanatogen fornece toda a proteína e fósforo que elas necessitam. Por isso o Sanatogen ampara as células. Facilita o bom funcionamento do sistema nervoso. Suprime o cansaço e o esgotamento. Restitui a energia nervosa.

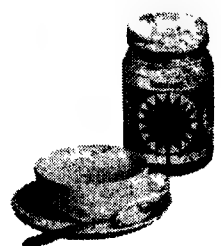
Recomendado pelos médicos

O Sanatogen é receitado por mais de 25.000 médicos estrangeiros aos seus doentes. Nenhum outro alimento pode dar o que o Sanatogen contém. Ensaio sob supervisão e controle médico demonstram que o Sanatogen melhora a saúde de qualquer pessoa. Experimente o Sanatogen. Experimente-o no seu caso.

Para todas as formas de «nervos»

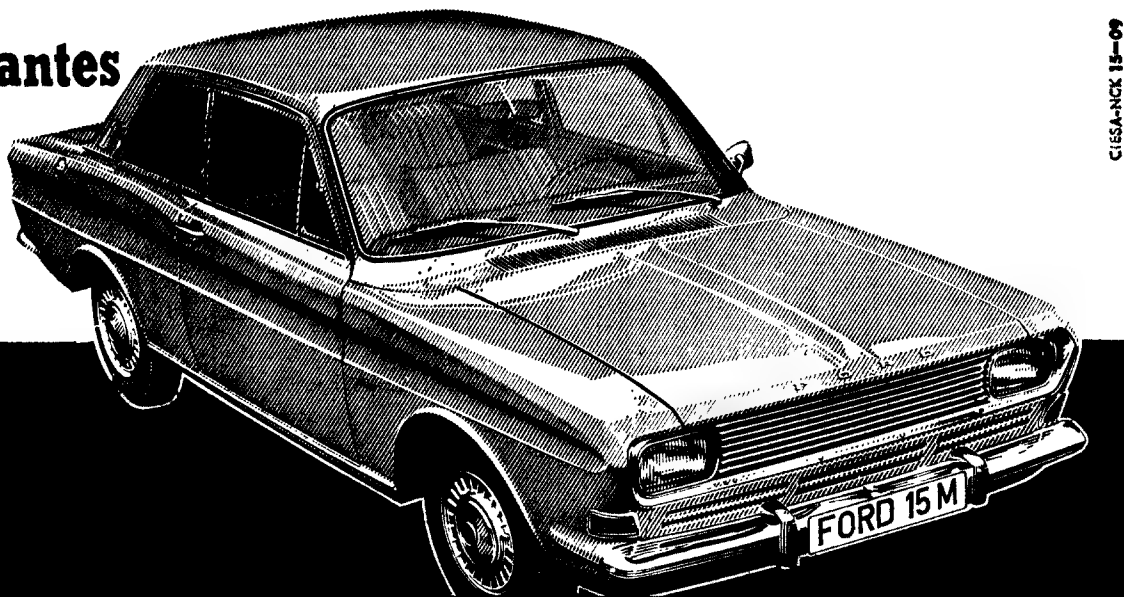
Os «nervos» podem manifestar-se de várias formas: irritabilidade, insónia, depressão, preocupações exageradas, quebra de energia, cansaço permanente e até indigestão. Sanatogen fortalece os seus nervos. Ajuda-o a conquistar a antiga forma e a gozar a vida sem aborrecimentos.

Sanatogen
THE PROTEIN NERVE TONIC



diese Produtos Dietéticos, Lda. - Apartado 1382 - Lisboa 1

arrogantes M XL



EM LISBOA

Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef. 4 96 69 — R. João Saraiva, 15 (Alvalade) - Telef. 71 10 66 • LINCUR Av. da República, 32-A - Telef. 77 70 91

Posse do primeiro director-geral das Construções Escolares

Há que procurar, sem demoras, nem reservas, as soluções que permitam imprimir maior celeridade e economia às construções escolares, e encarar decididamente a adopção de soluções expeditas onde e quando tal se impuser, declarou hoje o ministro das Obras Públicas, eng. Rui Sanches, na posse do primeiro director-geral das Construções Escolares, eng. Ferreira da Cunha.

A cerimónia, que se efectuou ao meio-dia, no Ministério das Obras Públicas, assistiram os subsecretários do Estado da Administração

Escolar e das Obras Públicas, os directores-gerais daquele departamento, amigos do empossado e outras individualidades.

Referindo-se à missão da Direcção-Geral das Construções Escolares, o eng. Rui Sanches disse que a ela compete «construir e conservar os edifícios de todos os graus e ramos de ensino, as casas para professores e para estudantes e as instalações dos organismos circum-escolares».

Neste momento — acrescentou — e seguindo, aliás, a orientação do III Plano de Fomento, considero que deverá ter-se como objectivo imediato intensificar quanto possível o esforço de construção, beneficiação e apetrechamento das instalações escolares e, ao mesmo tempo, realizar estudos sistemáticos tendentes a encontrar para essas instalações as melhores soluções sob o triplice



O empossado assina o auto, na presença do ministro das Obras Públicas

ponto de vista de técnica de construção, pedagógico e económico.

O ministro afirmou, ainda, que é premente incrementar o esforço de generalização do ensino e é sob a pressão do número de estudantes a acolher que devemos de resolver em tempo oportuno os nossos problemas de instalações escolares.

O eng. Ferreira da Cunha, por sua vez, limitou-se a agradecer as palavras que o ministro das Obras Públicas lhe dirigiu, declarando que o novo organismo, de que é director, só poderá dar rendimentos visíveis depois de muito trabalho de gabinete.

Suecos visitam Portugal

Colaborando numa iniciativa do Centro de Turismo de Portugal em Estocolmo, a VARIG transportou ontem para Lisboa, um grupo de 12 agentes de viagem suecos, que permanecerão uma semana no nosso País, em visita que foi classificada de educacional.

A VARIG, agora com carreiras directas do Rio de Janeiro para a Escandinávia, via Lisboa, está interessada em colaborar em todas as iniciativas que possam fomentar um maior incremento turístico com os países nórdicos, não só no que diz respeito ao transporte de brasileiros para aquelas regiões como, igualmente, de escandinavos para Portugal e para o próprio Brasil.

Os agentes de viagem suecos são acompanhados, nesta visita ao nosso País, pelo sr. Nuno Mendes de Almeida, assistente da direcção do Centro de Turismo de Portugal em Estocolmo, e pelo sr. Eric Engzell, delegado da VARIG na capital sueca.

Do programa de estada no nosso País consta uma visita a Lisboa e arredores, à zona da Costa do Sol, Sesimbra e toda a costa algarvia.

Aerodinâmica industrial

Amanhã, às 17 horas, com entrada livre, no pavilhão da Força Aérea no Instituto Superior Técnico, o dr. Seruton pronunciará uma palestra sobre métodos laboratoriais de aplicação da dinâmica dos fluidos e estudo da acção atmosférica (ventos, poluições e outros factores) e previsão dos seus efeitos através de ensaios aerodinâmicos de modelos de edificações, estradas, pontes, viaturas, embarcações, caminhos-de-ferro, condutas de aquecimento e ventilação e outras realizações do âmbito da indústria em geral.

TEATRO NA ESCOLA ALEMÃ

O Grupo Teatral Alemão «De Brucke» dará um espectáculo na Escola Alemã, na Avenida Marechal Carmona, no qual será representada a peça de Gotthold Ephraim Lessing «Minna von Barnhelm». Este grupo teatral, que tem feito imensas «tournees» pelo estrangeiro, obtém em toda a parte o maior dos sucessos. O espectáculo começa às 21 e 30.

VII Congresso Hispano-Português de Dermatologia Médico-Cirúrgica

Vai reunir-se em Granada (Espanha), de amanhã até ao dia 25, o VII Congresso Hispano-Português de Dermatologia Médico-Cirúrgica, que é promovido pela Academia espanhola de Dermatologia e pela Sociedade Portuguesa

de Dermatologia e Venereologia, e presidido pelos profs. Alvarez Lowell e Juvenal Esteves, presidentes daquelas duas agremiações científicas.

Entre os especialistas portugueses que vão participar na

importante reunião, contam-se os que, em missão oficial, representam a Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Venereologia, profs. Juvenal Esteves, Francisco da Cruz Sobral, Artur Leitão e Aureliano da Fonseca e drs. António de Oliveira e Naves da Fonseca.

Entre os vários relatórios sobre temas oficiais do Congresso contam-se os seguintes, apresentados por portugueses: «Dermatoses ou trabalhos», prof. Aureliano da Fonseca (Porto); «Micose Cutânea superficial», prof. Juvenal Esteves e drs. Brito Caldeira e G. Neves Nobre (Lisboa); «Micose profunda», prof. F. da Cruz Sobral (Lisboa); «Auto-imunidade e Lupus eritematoso disseminado», prof. Norton Brandão e dr. F. Guerra Rodrigo (Lisboa); e «A cirurgia plástica dos membros inferiores no tratamento das lesões cutâneas de etiologia vascular», dr. Baptista Fernandes (Lisboa).

CEDIDOS AO F. C. PORTO OS TERRENOS PARA AMPLIAÇÃO DO ESTÁDIO DAS ANTAS

Pela Câmara Municipal do Porto foi cedido ao F. C. do Porto um terreno, com 39 000 metros quadrados, para ampliação das suas instalações desportivas, nas Antas. Este terreno situa-se a nascente do actual campo de treinos, junto ao estádio, e a cedência fez-se em condições muito favoráveis para o grande clube desportivo, com pagamento no prazo de 10 anos.

O vereador dr. Pinto da Cruz, referiu, ainda, estar registada na Comissão de Toponímia uma consulta à Câmara no sentido de dar o

nome do F. C. Porto a uma rua da cidade.

Novo doutor pela Faculdade de Ciências de Coimbra

COIMBRA, 21. — Terminaram esta manhã, com a prova final, na Sala dos Capelos da Universidade, as provas de doutoramento em Física, pela Faculdade de Ciências, do sr. dr. José Nuno Pires Dias Urbano.

Estavam presentes muitos professores daquela e de outras Faculdades e pessoas das relações do dr. Dias Urbano.

A prova final consistiu da defesa da dissertação e do «curriculum vitae». Tema: «Método para a determinação dos momentos de inércia nucleares». Foram arguentes os srs. profs. drs. José Ribeiro Araújo, da Faculdade de Ciências do Porto e João Santarém Providência, da mesma Faculdade de Coimbra. O candidato, defendeu os seus pontos de vista com grande brilho.

Terminadas as provas, o candidato foi aprovado pelo júri, que sob a presidência do vice-reitor da Universidade de Coimbra, era constituído pelos catedráticos da Faculdade de Ciências e pelos srs. profs. drs. José Pinto Peixoto, e José Sarmiento Vasconcelos e Castro, da Faculdade de Lisboa; José Ribeiro Araújo, da do Porto, e Veiga Simão, reitor da Universidade de Moçambique.

No final, o reitor dirigiu palavras de saudação e agradecimento aos professores que vieram tomar parte neste acto.

O resultado das provas foi a classificação de 18 valores.

Quatro filmes de Galveias Rodrigues premiados em Nova York

NOVA YORK, 21 — (A. N. I.) — O produtor e realizador português Jorge Galveias Rodrigues teve de novo, este ano, alguns filmes entre os trabalhos premiados no «International Film and TV Festival of New York», que decorreu de 14 a 17 de Outubro.

Dos oito filmes por ele apresentados, quatro foram premiados, um com medalha de ouro, dois com medalha de prata e um com medalha de bronze.

O filme distinguido com a medalha de ouro intitula-se «O cão e o gato». Os filmes com medalha de prata são, respectivamente, «Promoção de férias», da Agência Latina para a Direcção-Geral do Turismo, e o «Vinho da amizade» para a Junta Nacional do Vinho. A medalha de bronze coube ao filme «O funeral».

Vinte mil contos (por empréstimo na C. G. D.) para moradias populares

PORTO, 21.

Na reunião de hoje da Câmara Municipal foram introduzidas importantes alterações à postura de transito, que visam a zona da cidade entre a Rua Gonçalves Cristóvão e o Largo dos Lotos, dando assim início à segunda fase de remodelação do transito no Porto.

A Rua do Almada ficará com o sentido descendente, norte-sul, entre a Praça da República e a de Filipe de Lencastre. Procuram-se, deste modo, vias de penetração para a zona do Carmo sem passar pela Praça da Liberdade. Também foram introduzidas alterações que permitam retirar da via pública os veículos abandonados.

Foi aprovado o orçamento suplementar, ordinário, para 1969, que ascende a 64 300 contos, a proximadamente. Aprovados, também, o orçamento suplementar da zona de turismo (20 contos) e um empréstimo de 20 000 contos na Caixa Geral de Depósitos para prosseguimento do plano de construção de moradias populares.

O vereador sr. Mário Figueirinhas leu uma proposta, subscrita por todos os vereadores, para que a edilidade não adquira, para os seus serviços, produtos de origem sueca.

A presidência, dando a proposta como aprovada por unanimidade, resolveu, tam-

bém, subscrivê-la pessoalmente.

Falaram, ainda, os vereadores, srs. eng.º Furtado de Mendonça, que evocou a memória do dr. Urgel Horta, recentemente falecido e dr. Pinto da Cruz que referiu ao primeiro aniversário da entrada para o Governo do sr. prof. Marcello Caetano.

O MINISTRO DO INTERIOR EM BRAGANÇA

BRAGANÇA, 21 — Para tentar de assuntos de carácter político e administrativo, saiu desta cidade, pela manhã, o ministro do Interior, de visita aos concelhos de Vimioso, Miranda do Douro (freguesia de Sendim), Mogadouro e Moncorvo.

O ministro do Interior viaja acompanhado pelo chefe do distrito, eng.º Francisco José de Sá Vargas Morgado e outras autoridades locais.

Amanhã, o dr. Gonçalves Rapazote, pelas 10 e 30, preside a uma reunião, no salão nobre dos Paços do Concelho desta cidade, em os presidentes e vice-presidentes dos 12 Municípios do distrito, para tratar de assuntos administrativos e políticos.

Pelas 17 horas, aquele membro do Governo e candidato a deputado preside a uma sessão de propaganda eleitoral da U. N.

O ministro da Saúde no distrito de Aveiro

O ministro da Saúde e Assistência desloca-se amanhã novamente ao distrito de Aveiro, em continuação das visitas iniciadas na semana passada.

O dr. Cancellia de Abreu visitará o Jardim de Infância das Florinhas do Vouga e o Externato da Junta Distrital, seguindo depois para Ilhavo onde visitará o Centro Paroquial de Assistência D. Manuel Trindade Salgueiro.

Na quinta-feira, o ministro da Saúde faz uma visita ao Asilo da Infância Desvalida e ao Hospital de Oliveira de Azeméis e, ainda, ao Jardim da Infância do Patronato da Divina Providência e o Hospital de Espinho.

O regresso a Lisboa está marcado para sexta-feira.

PEREIRO — SEIA



Júlia Branca Borges

FALECEU

Julia Branca Borges de Freitas, João de Freitas, filhos, netos, bisnetos e mais família cumpram o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida mãe, sogra, avó, bisavó e parente e que o seu funeral se realiza, amanhã, dia 22, pelas 11 horas, saindo o préstito da sua residência no Pereiro, para jazigo de família em Tourais — Seia.

A S P A — Agências Funerárias
Sede — Melo — Tel. 27

GRÊMIO DOS RETALHISTAS DE MERCEARIA DO SUL ELEIÇÕES DO CONSELHO GERAL

Comunica-se que de harmonia com o respectivo estatuto orgânico se realizam este ano eleições para apuramento do Conselho Geral do Grémio dos Retalhistas de Mercaria do Sul relativamente ao biênio 1970/1972.

A primeira fase das eleições tem lugar na primeira quinzena de Novembro p. f. Na cidade de Lisboa as eleições realizam-se na sede do Grémio, sita na Rua da Sociedade Farmacéutica, n.º 3, 4.º andar, obedecendo a 1.ª fase eleitoral ao seguinte plano:

- Agremiados abrangidos pelo 1.º Bairro Administrativo:
- Dia 11 de Novembro, das 15 às 17 h.
- Agremiados abrangidos pelo 2.º Bairro Administrativo:
- Dia 12 de Novembro, das 15 às 17 h.
- Agremiados abrangidos pelo 3.º Bairro Administrativo:
- Dia 13 de Novembro, das 15 às 17 h.
- Agremiados abrangidos pelo 4.º Bairro Administrativo:
- Dia 14 de Novembro, das 15 às 17 h.

Mais se comunica que os cadernos eleitorais de Lisboa estarão à reclamação dos Srs. Agremiados com direito a voto, desde o dia 27 ao dia 31 de Outubro corrente, na sede do Grémio, onde podem ser consultados pelos interessados às horas normais de expediente (9 às 12 e 14 às 17.30).

Lisboa, 21 de Outubro de 1969,

A DIRECÇÃO

FESTIVAL DO RIO DE JANEIRO (5)

PILANTRAGEM (PILANTRÁLIA): A MORTE BRUSCA DO «YÉ-YÉ»

RIO DE JANEIRO, OUTUBRO (Do nosso enviado especial NEVES DE SOUSA) — Nonato Buzar, dito «o papa» da pilantragem, é o causador de uma coisa estranha — a morte brusca do «yé-yé» em palcos (ou salas) do Brasil.

— *Pilantragem? Bem... é uma espécie de «champignon»* — diz o barbudo e popularíssimo Nonato, o revolucionário autor do ritmo que está a avassalar todo o Brasil, o «leader» de uma turma que atirou para a valeta com o «yé-yé» e foi buscar às raízes do clássico samba de morro o prolongamento — 1970.

— *A minha arma, a nossa arma é o violão.*

Nonato creditou-se como autor ao escrever êxitos da craveira de «Uni-duni-trê», «A formiga e o elefante» e «Carango».

Dava para viver, mas não era autêntico... — comenta.

Director musical dos programas «Bibi-Ferreira» e «O Riso mora ao lado» (na TV-Tupi) o comandante da «pilantragem» está facturando alto: mil a mil e quinhentos dólares (entre 28 e 42 mil escudos) por «show». Ele é quem monta todo o seu espectáculo. Entende de maquinaria e luz, de produção e de contra-regra, escreve o poema e alinha as notas de

música, desenha o guarda-roupa e pinta o cartaz.

— *As minhas melodias entram na alma, provocando alegria. Têm sentido comercial. A prova está em que Wilson Simonal é o autor da letra e o grande intérprete.*

Conversamos perto da Cidade Universitária, com a favela de São Cristóvão a espreguiçar-se no morro, qual gigante adormecido. Os

«omníbus» continuam desenfreados, prosseguindo vertiginosamente as suas carreiras. Junto do quartel da Aeronáutica, um batalhão de carros de combate espelha o portão da saída, vigiando o Viaduto Ataulfo Alves, os terrenos da futura sede do «Jornal do Brasil», o cais do porto.

O «SAMBALANÇO» DOS PILANTRAS

— *Nasci em Itapicuru, no Maranhão, e escrevi músicas para Jamelão, Vanja Orrico, Elizete Cardoso, os Cariocas, Jorge Goulart, Nora Ney, Pedrinho Rodrigues, Moacir Silva. Depois, vim para o Rio, juntei-me a Simonal e a Martinho da Vila e resolvemos acabar com o «yé-yé».*

Talentoso, apaixonado por tarefas difíceis. Nonato Buzar formou o seu grupo, com Regininha, Sandra, Dircele e Maria Orensa como vocalistas. Em Maio de 1967, concorreu a um festival de canções e «Vida e morte de Mumba-Meu-Boi» atingiu o ponto mais alto da classificação.

— *A seguir, pedi a Simonal para gravar «O Milagre». Vendemos 250 mil discos...*

«O Milagre» narra um facto verídico ocorrido na cidadezinha de Mulundus, lá no Maranhão de Nonato. Se-

gundo a letra, os fiéis vinham tentando, há muitos anos, construir uma igreja em homenagem a São Raimundo. Conseguiram-no mas o tecto do templo desabou, no dia da inauguração, sobre 10 mil fiéis. A festa acabou em lágrimas.

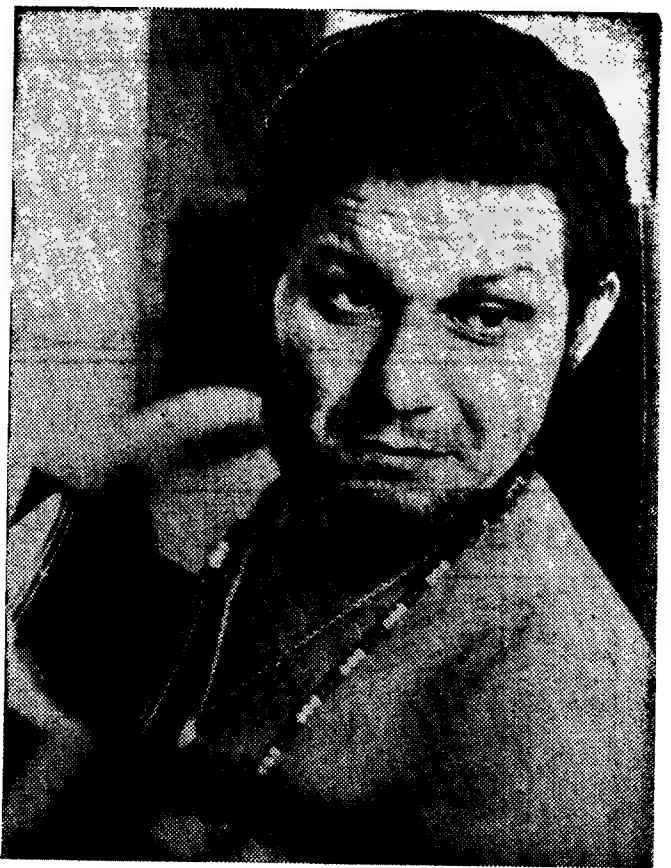
— *Em todas as minhas composições falo de acontecimentos que ocorreram. Daí que o Povo as assimile facilmente.*

— *Mas, Nonato, que é afinal a «pilantragem»?*

— *Um ritmo que mistura samba e baião, que deixa fora o «yé-yé» e pode ser entendido por toda a gente. Sabe como deveria chamar-se? Pois seria «sambalanço». Mas, como nós (eu, o Simonal, o Martinho) eramos pobres e desconhecidos, vivíamos com a espada da fome suspensa sobre nossas cabeças e não tínhamos protectores nem editoras, denominaram-nos de «pilantras»...*

DE CABEÇA DESCOBERTA

— *O segredo do ritmo reside no aproveitamento da bateria, que tem participação activa e brilhante na orquestração. Os pontos iniciais do movimento foram «Vesti de azul», «Timidez», «Linguagem-dem-dem» e «De como um*



Nonato Buzar, o «leader» do novo movimento musical do Brasil

garoto perdoou». A onda cresceu porque a ele aderiram oito figuras na parte vocal (Regininha, Malu, Dorinha, Edinho, Gracinha, Fernando, Altair e Décio) e sete instrumentistas (Ion, Raulzinho, Vitor, Zé Roberto, Alexandre, Frederico e Márcio) gente especializada, com experiência em famosos conjuntos nacionais. Depois, chegou a adesão de Simonal e tudo ficou cor-de-rosa.

O reclamo luminoso de «A Noite» piscava ao fundo da Praça Mauá.

— *Toda a cidade accitou a «pilantragem». Nós vinhamos sofrendo a pressão do «yé-yé», consumindo e exaurindo o mercado musical. Qualquer cantorzinho de quinta classe aparecia em «parada de sucessos» com versos paupérrimos e mal rimados. Ora o jovem quer ritmo. E as músicas brasileiras, durante muito tempo, tentaram vender um tipo de nostalgia pré-fabricado, que já deixou de funcionar há que tempos. Havia, portanto, que atirar as malvas o saudismo triste da raça...*

Nonato conduz calmamente o seu «espada» vermelho. As garotas acenam-lhe, atiram-lhe beijos, pedem-lhe autógrafos.

— *Há males que vêm por bem. Hoje, falam-me de «yé-yé» e eu sinto alegria.*

Descendente de sírios, Buzar desceu à Guanabara com 17 anos. Tem 35, barbicha geométrica, cara quadrada, olhos vivos sempre a espreitarem. «Nasci rico. Fiquei pobre, depois quando quis ser independente. Mas não me peça para posar com cha-

péu de cangaceiro, nunca dei com a cabeça tapada...

Nonato mora entre Copacabana e Ipanema. É casado há 6 anos, mas não tem filhos. Considera José Feliciano um dos maiores intérpretes actuais. No seu círculo de amigos estão Chico Buarque, Erasmo Carlos, Darcy da Manguinha, Herb Alpert, Nelson Mota, Burt Bacharach, Edu Lobo, Roberto Carlos.

— *Música de protesto não interessa a ninguém — diz — Não me debruço sobre o Nordeste, não posso sentir a tristeza, porque estou ao volante de um Opel quilómetro zero...*

(«A gente tem de ter, pelo menos, quatro empregos para sobreviver». A barba de Nonato, uma barba à Lincoln, começa a ter cabelos brancos. «Mas, no fim da luta, um nome vai ficar — pilantra, tudo o que agrada ao povo, tudo o que contribui para a vontade de viver»).

— *O samba natural é um compasso binário. É a música, para ter condições internacionais, precisa de ser feita em compasso quadrário. Quer saber o que o público pretende?*

Coloca no gira-discos do automóvel «O pequeno burguês» e a voz de Martinho da Vila toma conta da estrada.

— *Hoje, perdi a conta das vezes que lavei pratos no Restaurante da Lapa...*

NEVES DE SOUSA

A seguir: «O Japão deita fora o quimono e aparece de mini-saia».

ESTE RIO LOUCO, LOUCO, LOUCO...

- ★ Maysa e Ellis Regina desfilam-se do peito. Quando se cruzam viram costas.
- ★ Ewa (Checoslováquia), Anita Harris, a japonesa (de mãe a tiracolo), a jugoslava Teresa e Maria Valejo foram os alvos predilectos das máquinas de filmar.

- ★ «Bossa» de Herbert Leonard (do Luxemburgo) — cantar o «soul», às tantas da manhã, com os pés dentro da piscina.

- ★ Numa cela que se realizou em Petrópolis, James Coburn («Flint») fez demonstração de tiro com pistola.

- ★ A vedeta de cinema Carole Linley usa óculos de lentes grossas.

- ★ Henri Mancini declarou à «Última Hora»: «Eu vim sem seguro de vida»...

- ★ O mais cómico do Festival; a japonesa cantou em italiano!

- ★ «Mr.» e «Miss Simpatia»: a japonesa e Lucho Gatica.

- ★ Caída, a melhor intérprete da fase nacional, esteve de romance com o cantor holandês Ben Cramer.

- ★ Marie Laforet val gravar quatro canções brasileiras.

- ★ Agostinho dos Santos: «Está tudo errado, neste Festival»...

- ★ Namoro comentado: Kirst Sparboe (Noruega) com Benny Borg (Suécia), o calor do Rio derreteu a neve.

- ★ Antónia, de «smoking» e laço mergulhou na piscina... outro caso de calor em excesso.

- ★ Carol Lindley foi uma decepção para os brasileiros. «É feia até dizer acabou».

- escreveram eles nos jornais cariocas.
- ★ Marika Lichter (Austria) perdeu e ganhou fortunas ao jogo dos dados.
- ★ A última delegação a chegar ao Rio foi a da Bolívia. Santos de ao pé da porta...

«Grande Carnaval» na Filarmónica Piedense

Amanhã, às 21 e 15, no salão da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, é exibido o filme «O Grande Carnaval», que preenche a 16.ª das sessões organizadas pelo grupo «Divulgação do Bom Cinema». Esta película é realizada por Billy Wilder e interpretada por Kirk Douglas e Bob Arthur. Foi o 1.º Prémio da Bienal de Veneza.



gabardinas
Cyclone

CONFORTO E ELEGÂNCIA
EM TEMPO DE CHUVA
EM QUALQUER TEMPO

Leves, práticas, modernas,
as gabardinas Cyclone
são indeformáveis, lavam-se
e secam depressa e dispensam
o ferro.

UM ARTIGO DE ALTA QUALIDADE

um produto fabricado por

Indústrias Pereira & Brito, s.a.r.l.

AMADORA - PORTUGAL

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

**3.º SALÃO DE
EXPOSIÇÃO**

NSU

Todos os modelos NSU em exposição
e secção de carros usados provenientes de trocas

NOVO STAND

AV. DA REPÚBLICA, 84

(frente à feira popular)

TEL. 77 8073 • LISBOA

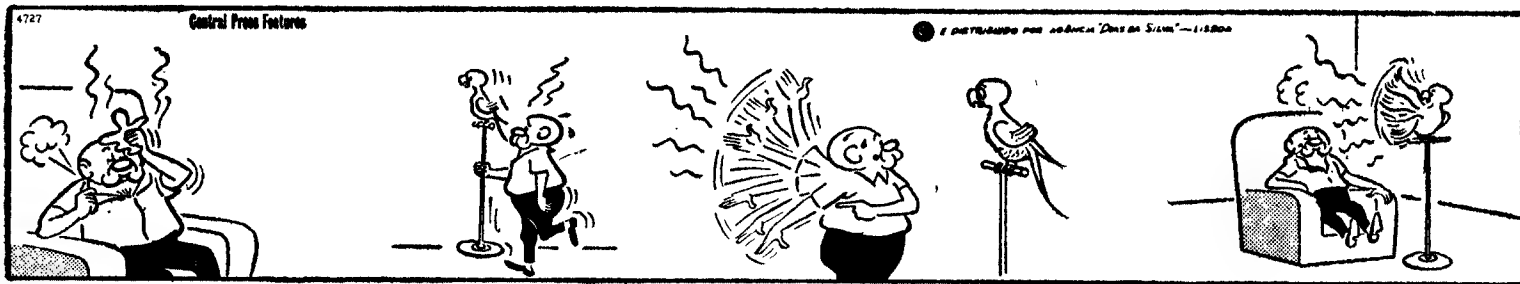
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 21 de Outubro de 1939 publicava:

«LONDRES, 21 — Houve hoje um alarme aéreo na costa a noroeste da Grã-Bretanha.

Na 3.ª Região da Grã-Bretanha, na costa de nordeste, onde o sinal de alarme durou 20 minutos, ouviu-se o ruído dos aviões, mas não foi visto nenhum aparelho.»

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou hipotecados, sem alterar o seguro. Sem fiador. Prazos de 40 meses. Tel 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

AUTOMÓVEIS

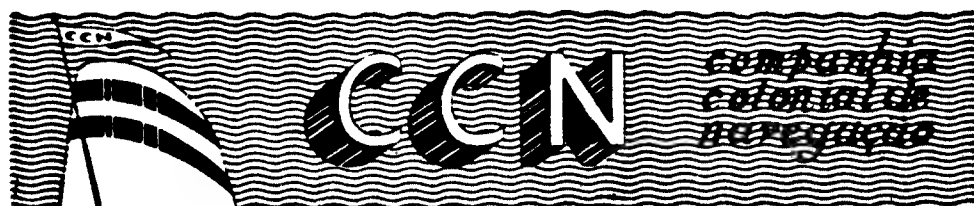
S/ CONDUTOR

AUTO ESTRELA

Os melhores preços

Av. João Crisóstomo, 65-A
Telefa 534331 - 561394
LISBOA

No ESTORIL o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na tabacaria do Parque, Arcadas do Parque.



PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«PORTO» a sair em 21 de Outubro	Com escala por LEIXÕES, para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.
«BAILUNDO» a sair em 24 de Outubro	Com escala por LEIXÕES, para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega até 21 de Outubro.
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 31 de Outubro às 12 horas	Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega — Porão: de 23 a 28 de Outubro. Frigorífico: em 29 e 30 de Outubro.
«LUANDA» a sair em 12 de Novembro	Com escala por LEIXÕES para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega em Lisboa de 4 a 8 de Novembro.
«GANDA» a sair em 18 de Novembro	Com escala por LEIXÕES para: CABINDA, SAZAI, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 10 a 14 de Novembro.
«PÁTRIA» a sair em 21 de Novembro às 12 horas	Com escala prévia por LEIXÕES para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 11 a 14 de Novembro.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 21 de Nov., às 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI). Carrega em 20 de Novembro.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA
RÁDIOS E ALTA FIDELIDADE A TRANSISTORES
Rua Rodrigo da Fonseca, 31, 1.º
Telef. 43464 — LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto
O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Cervadillo, Rotunda da Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

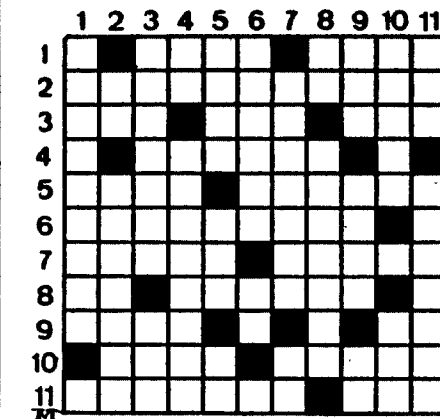
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBO)
PROBLEMA N.º 5334

HORIZONTAIS: 1 — Alegria. Farinha de mandioca cozida (bras.). 2 — Originários. 3 — Rio que atravessa Leiria. Tomba. Espécie de bal selvagem. 4 — Sem demora. 5 — Branque. Cidade da Palestina antiga, que Vespasiano destruiu. 6 — Percorremos. 7 — Cérebro. A parte mais escura do Inferno. 8 — Artigo (pl.). Iludidos. 9 — Afirmações. Aspecto. 10 Denominação. Demente. 11 — Pau com que se tira o coágulo nas medidas de secos. Preposição e artigo (pl.).

VERTICAIS: 1 — Sobreposos. 2 — Graça. Princípio estimulante do anis. 3 — Intratável. Pronome pessoal. 4 — Prefixo de negação. Doutrina filosófica que considerava as ideias gerais como seres reais. 5 — Murro. Relação. Pronome pessoal. 6 — Rio do Sul da África, afluente do Atlântico. Interjeição de dor. 7 — Suspiro. Perfumado. 9 — Artigo navio à vela. Campaões. Em a. 10 — Circular. Prendo. 11 — Hábito. Presságios.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBO nele inserido.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5333

HORIZONTAIS: 1 — Ata. Sic. Rás. 2 — Lema. AJUDA. 3 — Ajouam. 4 — Crucial. Ré. 5 — Mó. Dá. Deram. 6 — Áreas. Ácis. 7 — Frondosos. 8 — Ecoa. Ia. QUE. 9 — Lar. Uns. Ur. 10 — Adoido. Real. 11 — Se. DEUS. Irá.

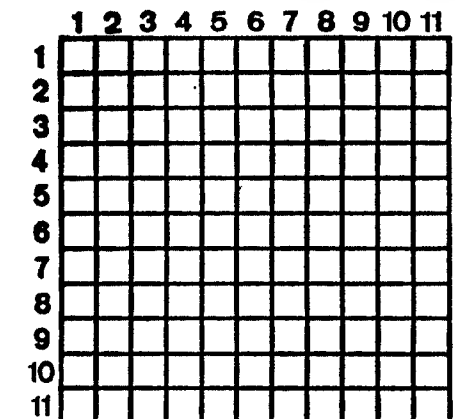
VERTICAIS: 1 — AH. Mazelas. 2 — TE. Cor. Cade. 3 — Amar. Éforo. 4 — AJUDARÁ. Id. 5 — Ocaso. Ude. 6 — Uí. Ninou. 7 — Coia. dadas. 8 — Jaleco. 9 — Rum. Risquei. 10 — Ad. Rasourar. 11 — Sabem. Se Lá.

(Provérbo: AJUDA QUE DEUS TE AJUDARÁ).

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9177

HORIZONTAIS: 1 — Em Goa, herde ro. Trabalho com serra. 2 — Possaia pelas ruas. Prontio de amieiros. 3 — Pedra de mocho. Reis Vi. Pronome pessoal. 4 — Combina. Imãs. da mãe. 5 — Rio de França e Alemanha. Reduzia a fio. 6 — Nota musical. Nome de homem. Ba. tráquia. 7 — Ilha da Insulindia a mais ocidental do arquipélago de Sunda. 8 — Abreviatura que se usa em musica. O lado do vento. Nesse lugar. Basta. 9 — Dá uivos. República da América meridional, á beira do oceano Pacífico. 10 — Atarm. mentada. Quebrar (o negociante). 11 — Equipou. Freguesia do concelho de Guimarães.

VERTICAIS: 1 — Nome de jogo. Chouriço de sangue (Prov.). 2 — Indivíduo sem valor. Mais mal. 3 — Caminhar. Paz. Caminhei para cá. 4 — Declarar solenemente. Com asas. 5 — Seguias. Deserto. Ouro (s. q.). 6 — O mesmo que uma (ant. e pop.). 7 — Ilha do arquipélago de Cabo Verde. Reprodução cinematográfica. Nota musical. 8 — Exprimi. Pregar. ripas em. 9 — Escar. nece. Palmeira da Amazônia. Gavinha. 10 — Raia. Voz imitativa do ruído de coisa que se parte, especialmente vidros. 11 — Igualia. Bebida alcoó. lica, muito vulgar na Índia Portuguesa.

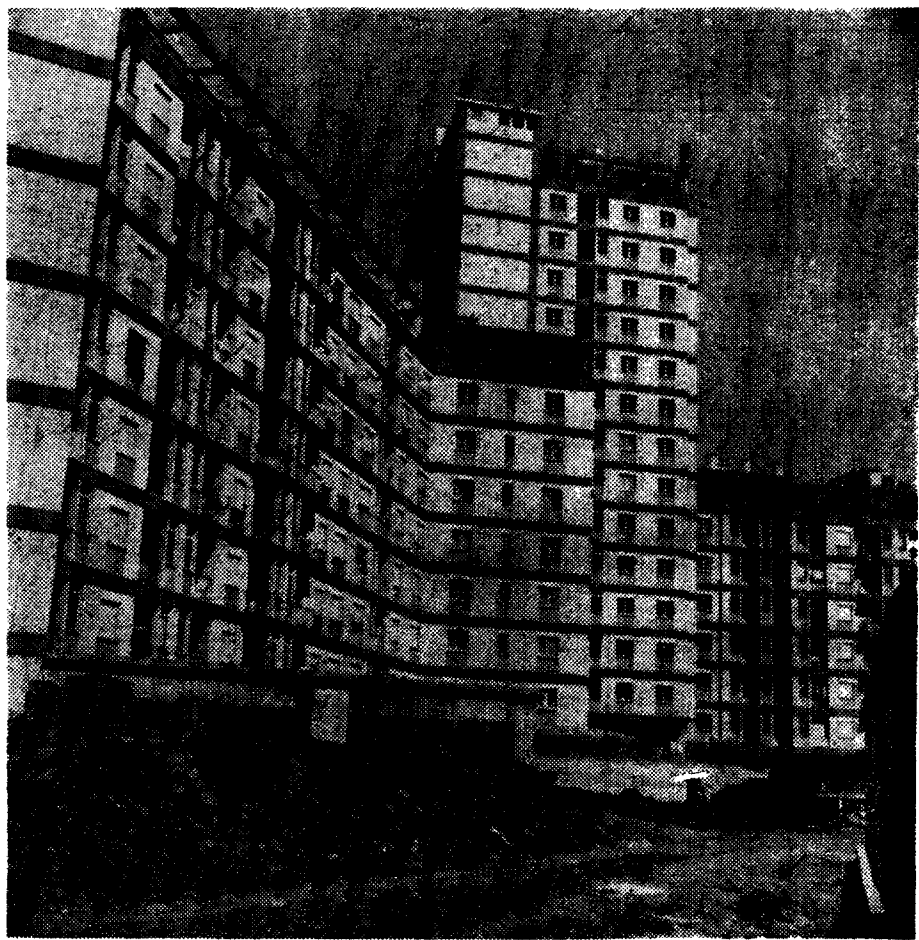


SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9176

HORIZONTAIS: 1 — Destravaram. 2 — Ufo. Ina. Uro. 3 — Lio. Sem. 4 — Ardo. Soca. 5 — Sia. Céu. Rol. 6 — Crime. 7 — Aturo. Alego. 8 — Fere. Anos. 9 — Ad. 10 — Acom. Corar. 11 — Raros. Areia.

VERTICAIS: 1 — Dumas. Afar. 2 — El. Riste. Cá. 3 — Solda. Urrar. 4 — Io. Crá. Mó. 5 — Rio. Cró. Aos. 6 — An. Rei. Id. 7 — Vós. Uma. Iga. 8 — Ela. Or. 9 — Rumor. Entre. 10 — Ar. Corgo. Af. 11 — Moral. Ostra.

3.ª FASE DA REBOLEIRA



VISTA PARCIAL DA REBOLEIRA

Iniciada a 3.ª fase

J. PIMENTA, S. A. R. L.

oferece-lhe as garantias de sempre, dentro de uma melhor e maior gama de Apartamentos Mobilados

180 Contos rendem-lhe 1.125\$00 Mensais

200 Contos rendem-lhe 1.250\$00 Mensais

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Apartamentos em exposição: REBOLEIRA, AMADORA, PAÇO DE ARCOS (Espargal), CASCAIS (por detrás do Hotel Baía).

PROPRIEDADES A VENDA EM: REBOLEIRA, AMADORA, VENDA NOVA, PAÇO DE ARCOS, PAREDE, CASCAIS E LISBOA

LISBOA: R. Conde Redondo, 53-4.º-E.—Tels. 45843/47843
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

— e certamente nem um, nem outro, seria a pessoa indicada para ver a questão num ponto de vista crítico. Eis porque a sua presença no palco — incluindo a interpretação da rapsódia — teve todo o aspecto doloroso de um desfolhar implacável no Outono, de um desmanchar de papelão no carnaval carioca, de uma exibição de «melodias de sempre» que a realidade rejeita como se se tratasse de um coração transpantado.

O NEGÓCIO ESTÁ NA GAITA?

E a Sociedade Boa União vai fazer cem anos. É do povo, nela se pratica teatro, se cultiva a leitura. Mesmo que o público do Villaret não aplauda, pouco importa: a semente foi lançada, a semente mais poderosa: a do exemplo.

E o sr. José Augusto Almeida e mais meia dúzia de amigos fizeram um museu — o museu do País que mais exposições realiza. Outro exemplo a levar...

E Ti Manel Jaleca, guitarrista dessa maravilha de criação popular, que são os «Bonecos de Santo Aleixo», quando não trabalha com os bonecos, trabalha no campo, brita pedra, dita pedra na estrada. Manuel Jaleca não foge à condição do artista português.

Nenhum destes participantes recebeu tantas palmas como os galeiros escoceses. Tristemente devemos reconhecer que para o chamado grande público o grande negócio ainda é a gaita de folles. Ao «Zip-Zip» cabe-lhe pelo menos a honra de trazer até nós o povo que já mais ia à televisão. Verdade seja dita que os seus responsáveis se sentem mais à vontade na presença de Júlia Barroso do que na presença de Manuel Jaleca. Talvez Solnado tivesse muitas saudades de si próprio, daquele Solnado que, há cerca de 20 anos, escreveu no livro de ouro da sociedade de Alfama: «Será difícil trabalhar para um público tão bom como este da Boa União».

Sim. É bom trabalhar para o povo; é triste trabalhar para o público.

MÁRIO CASTRIM

QUATRO MESES DE ESPERA PARA A CONSULTA NUM POSTO DA PREVIDÊNCIA

AVEIRO, 21—Nos primeiros dias de Agosto, a beneficiária dos Serviços Médico-Sociais, sr.ª D. Maria de Lourdes Évora, requisiu uma consulta do médico oftalmologista para si e seu marido, ela para rever as lentes dos seus óculos e ele para análise de inflamação num dos olhos.

Na secretaria daquele posto foi informada de que o referido especialista estava muito sobrecarregado com consultas e, portanto, só em Setembro poderiam considerar a sua inscrição. No dia 15 daquele mês lá voltou; e, com grande espanto seu e dos que presenciaram a conversa, as consultas requeridas por aquela beneficiária da Previdência foram-lhe marcadas, finalmente, para o dia 22 de Novembro próximo, quase quatro meses depois da sr.ª D. Maria de Lourdes ter sentido necessidade de se servir daqueles serviços — e pela primeira vez!

DEU À LUZ NUMA AMBULÂNCIA

PEDRÓGÃO GRANDE, 21 Numa ambulância dos Bombeiros Voluntários, a caminho dos Hospitais da Universidade de Coimbra, a sr.ª D. Laurinda Arnaut Henriques, casada com o sr. Altino Barata Henriques, industrial, e residente nesta vila, teve uma menina, a qual foi dado o nome de Maria Paula, que é o da madrinha da referida ambulância.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

CASACOS DE CABEDAL E CAMURÇA

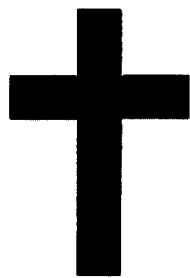
Os nossos novos modelos para a estação corrente são uma tentação para o seu bom gosto. Confeccionamos por medida qualquer modelo para Homem ou Senhora.

VERÍSSIMOS
Av. Guerra Junqueiro, 8-C



MARCEL DIDIER

A ADMINISTRAÇÃO DA LIVRARIA BERTAND, SARL, cumpre o doloroso dever de participar a morte do seu administrador-delegado, Sr. Marcel Didier, ocorrida na Normandia em 18 do corrente. Pelo seu eterno descanso será celebrada missa na Igreja dos Mártires, por Monsenhor Moreira das Neves, dia 22, às 12,30 h.



MARCEL DIDIER

O PESSOAL DA LIVRARIA BERTRAND, SARL, cumpre o doloroso dever de participar a morte do seu administrador-delegado, Sr. Marcel Didier, ocorrida na Normandia em 18 do corrente. Pelo seu eterno descanso será celebrada missa na Igreja dos Mártires, por Monsenhor Moreira das Neves, dia 22, às 12,30 h.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O ESTÁDIO DE TORRES NOVAS

O Município de Torres Novas está a construir um formoso estádio que muito pode contribuir para chamar a juventude local à prática desportiva. Mas que desportos se irão praticar nesse recinto que terá, para espectadores, uma capacidade de 30 mil lugares?

Lemos pormenorizada descrição do que será e como será o estádio torrenjano e ficamos surpreendidos com a indicação de que, em torno do rectângulo de futebol, haverá «quatro pistas de atletismo». Quatro? Oxalá se trate de erro de informação e não de outro mais grave. É que o mínimo de pistas, para se disputarem campeonatos ou provas oficiais, é de seis. Nas mais modernas edificações em que se prevê a realização de provas de atletismo estão mesmo a ser incluídas oito pistas. Mas incluídas oito pistas, se chegam — menos é que não.

A confirmar-se a notícia, a falta terá as mesmas proporções que teria esta outra: a de reservar, para os jogos de futebol, um rectângulo com a largueza de quatro metros. Claro que se poderia lá jogar a bola, mas não disputar jogos incluídos em provas oficiais.

Claro que, para o nosso actual atletismo, tanto faz quatro como seis pistas. Mas tenhamos o optimismo suficiente para acreditar que o desporto português não viverá eternamente apenas debruçado sobre o futebol-espectáculo.

Há, aqui, um erro. De informação? De concepção do estádio? Sinceramente se deseja que se trate da primeira hipótese e que sejamos nós e não o novo estádio torrenjano — a estar «despistado».

M. Z.

REGIONAL DE HÓQUEI EM PATINS

O jogo C. A. C. O.-P. Arcos terminou intempestivamente

Aproxima-se do seu epílogo o campeonato regional de hóquei em patins. Nos três jogos de ontem registaram-se os seguintes epílogos: Campo de Ourique, 1-Paço de Arcos, 1; Parede, 8-Física, 3, e Juventude Salesiana, 2-C. U. F., 3. O primeiro encontro, disputado no recinto de Campo de Ourique, não durou o tempo regulamentar: o árbitro Fernando Rodolfo interrompeu a partida a 9 minutos do termo legal, e atribuiu o triunfo ao Paço de Arcos porque o antagonista chegou a ter expulsos (simultaneamente) três jogadores — Barreto, Adriano e Carlos Pires.

As equipas:

CAMPO DE OURIQUE — Luís Alves, Barreto, Adriano (1), Carlos Pires, Júlio e Jorge.

PAÇO DE ARCOS — Monteiro, Alfredo, Vieira, Abreu (1), Santos e Rosa Soares. Saliente-se que a arbitragem foi deplorável.

No jogo do Estoril, as formações foram:

SALESIANA — Coelho, Venancio, Inácio (1), Orlin, Virgílio e Espadinha (1).

C. U. F. — Vítor Domingos, José Carlos, José Antó-

nio (2), Leonel (1), Venancio e José Fernandes.

A classificação ficou assim

ordenada: C. U. F., 55 pontos; P. Arcos, 54; Benfica, 52; Oeiras, 52; Cascais, 43; C. Ourique, 41; Sporting, 39; H. Sintra, 38; Parede, 38; J. Salesiana, 37; Belenenses, 35 e Física, 28.

Próximos jogos: Sporting-Cascais (hoje); Paço de Arcos-Benfica, C. Ourique-Parede e Oeiras-C. U. F. (amanhã). Os embates de amanhã são decisivos.

Mudança técnica na Académica?

Corre com insistência nos meios afectos à Académica de Coimbra, que o treinador Francisco Andrade irá ser substituído na direcção técnica da equipa.

Os dirigentes escolares — segundo os mesmos rumores — teriam até contactado com Juca para que este assumisse a responsabilidade de dirigir a turma estudantil.

Embora já classificada para a fase final do Campeonato do Mundo de Futebol, a Bélgica não pôde furtar-se a uma copiosa derrota frente à equipa da Jugoslávia por 4-0 no encontro ontem disputado em Skopje.

O Leixões não poderá utilizar no encontro contra o União de Tomar, no próximo domingo, os seus futebolistas Oliveira e Bené. Motivo: as lesões sofridas por ambos, que sem serem de gravidade, impedem no entanto, mais de oito dias de inactividade.

Foi adiado para data a designar, o encontro de reservas Benfica-Belenenses que deveria disputar-se amanhã no Estádio da Luz. As razões do adiamento filiam-se no facto da direcção da A.F.L. não ter apreciado ainda os incidentes verificados naquele estádio quando do encontro com o Sporting.

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

At. Bilbao-Corunha	1
Valência-Granada	1
Sabadel-Eibar	1
Sevilha-Barcelona	X
At. Madrid-Saragoça	X
R. Sociedade-R. Madrid	2
Celta-Maiorca	1
Bari-Sampdoria	1
Juventus-Inter	X
Lanerosi-Verona	1
Nápoles-Cagliari	X
Palermo-Brécia	1
Roma-Lazio	X

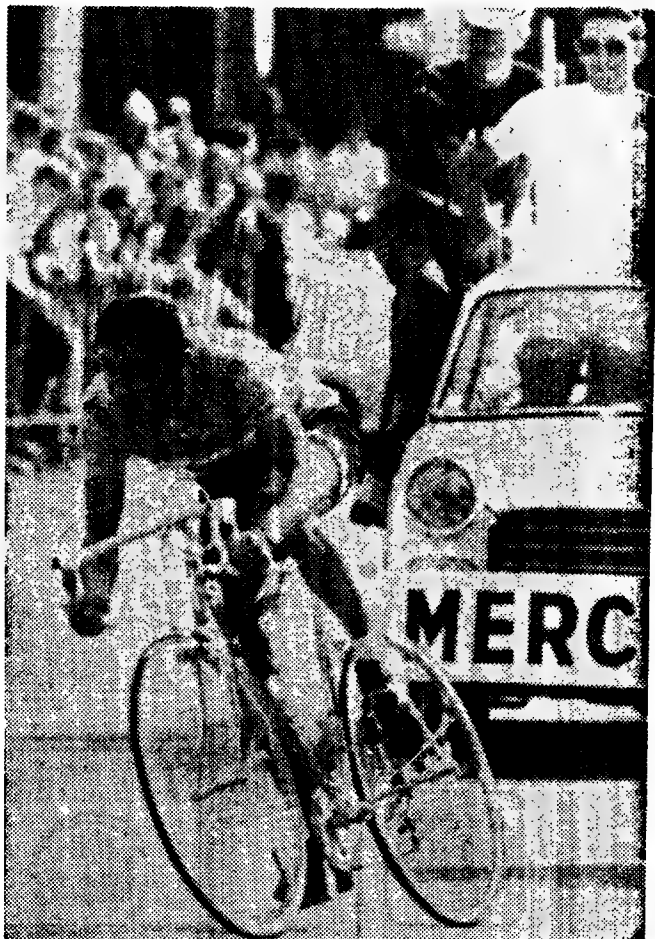
Domingo: futebol de campeonato

A Federação Portuguesa de Futebol divulgou o seguinte comunicado:

«Para conhecimento das Associações, dos clubes seus filiados e

demaís interessados, comunica-se que se mantêm marcadas para o próximo domingo, 26 do corrente, a 6.ª jornada dos Campeonatos Nacionais das I

e II Divisões, bem como a 3.ª jornada do Campeonato da III Divisão, não sendo, portanto, de prever qualquer alteração.»



Eddy Merckx é hoje o maior nome do ciclismo mundial. Vitórias, títulos e honrarias tornaram-se o dia-a-dia do «fenômeno» belga

EDDY MERCKX VENCEDOR DO «TROFÉU SUPER-PRESTIGE»

Com o «Grande Prémio das Nações» que se disputou em Paris, encerrou-se a classificação do «Troféu Super-Prestige» o qual tem já um vencedor virtual: Eddy Merckx. O famoso ciclista belga comanda a tabela com 412 pontos seguido de Gimondi, com 219, Poulidor, com 200, Van Springel, 193, Pingeon e Godefroot, ambos com 150.

Os dirigentes do ciclismo espanhol estão muito preocupados com a extinção de duas das suas principais equipas: Fagor e Pepsi. Ficaram deste modo desempregados cerca de três dezenas de ciclistas profissionais e não se sabe qual será o seu futuro nem o de inúmeros amadores de primeira especial que na próxima temporada ascenderão à categoria de profissionais. Os fedrativos espanhóis estão seriamente preocupados com esta situação, tendo já iniciado diligências no sentido de estimular certas firmas importadoras a aderirem à publicidade no ciclismo.

O ciclismo espanhol contará no próximo ano com mais nove pistas-escovas, dentro do que estava programado no projecto de construção de novas instalações desportivas. Essas pistas são as seguintes: Tirador (Palma de Maiorca), Campos del Puerto (Baleares), Santander, Málaga, Valência, Vilaseca, Sevilha e Castellón.

■ José Luís Aluniz, director da organização da

Volta à Espanha, continua a lutar por manter a fórmula anterior da grande prova ciclista, em 20 dias. No regresso de Milão, Aluniz declarou: «O menos que se pode esperar em assunto de tanta transcendência é que sejam consultados os grupos interessados a fim de se chegar a uma solução».

No fim do corrente mês o problema será discutido pelos organizadores da corrida que ali vão reunir-se

■ O consagrado ciclista espanhol, que na próxima época representará uma firma estrangeira, reagindo ao castigo de um mês de suspensão que lhe foi imposto pela Federação Espanhola, declara: «A decisão da Federação é inadmissível e não estou disposto a aceitá-la. Não compreendo porque se mostra a Federação tão dura para mim. Estou convencido de que o facto de ter firmado um contrato para correr no próximo ano por uma marca estrangeira desgostou certas pessoas e causou invejas».

PESCA DESPORTIVA

O Clube dos Amadores de Pesca de Tomar promove no próximo dia 1 de Novembro a realização do «I Concurso de Outono» de pesca desportiva, que deverá disputar-se nas valas de Saivaterria de Magos.

Acontecimentos DE ONTEM

TÉNIS DE MESA

Efectuaram-se os primeiros jogos de ténis de mesa (categoria sénior) que contam para o troféu «Diário Popular». Resultados: Combatentes B-Arte e Sport C, 1-3; Mirantense A-C, Tejo B, 3-0; Combatentes C-R, Cor-

deiro B, 0-3; S. L. Águias B-Operário B, v.f.c.; Belenenses C-P. de Arcos A, f.c.-v.; Intendente-Combatentes A, 2-3; Arte e Sport A-Arteiros, 2-3; Carmo-E. Amadora C, 1-3; C. Católico A-E. Amadora B, 3-0; Desp. Graça-Arte e Sport B, 3-0; S. L. Águias A-G. I. P. A., 1-3; R. Cordeiro A-Belenenses B, 3-2; C. Católico B-Lisgás, 2-3; Belenenses A-Sporting, 2-3; E. Amadora D-Benfica B, 0-3; O e o 6 micos-Mirantense B, 0-3, e Operário D-P. de Arcos B, v.f.c.

BILHAR

Para o campeonato de Lisboa de bilhar (2.ª categoria) realizaram-se os seguintes encontros: Anton Castilho, 40-73-4-António Figueiredo, 43-73-4; António Figueiredo, 34-64-3-José Lagos, 40-64-3; João de Deus, 40-58-2-Eduardo Farinha, 26-58-8; e Manuel da Silva, 40-76-3-Botelho da Costa, 31-76-6.

EM 1970 DISPUTAM-SE EM INGLATERRA «OS MUNDIAIS» DE ESTRADA

LEICESTER (INGLATERRA), 21 — (A. N. I.) — Foi hoje aprovado em Leicester (Inglaterra) o percurso para o campeonato mundial de estrada de 1970.

O percurso tem a extensão de 15,8 quilómetros e deve ser percorrido dezassete vezes pelos ciclistas profissionais, para perfazer 270 quilómetros, onze vezes pelos amadores, num total de 175 quilómetros, e quatro vezes pelas concorrentes femininas, num total de 65 quilómetros.

O percurso foi aprovado pela Comissão Técnica da Federação Internacional de Ciclismo, composta por Louis Perfetta (Suíça), Emile Bribosa (Bélgica) e Gino Goria (Itália).

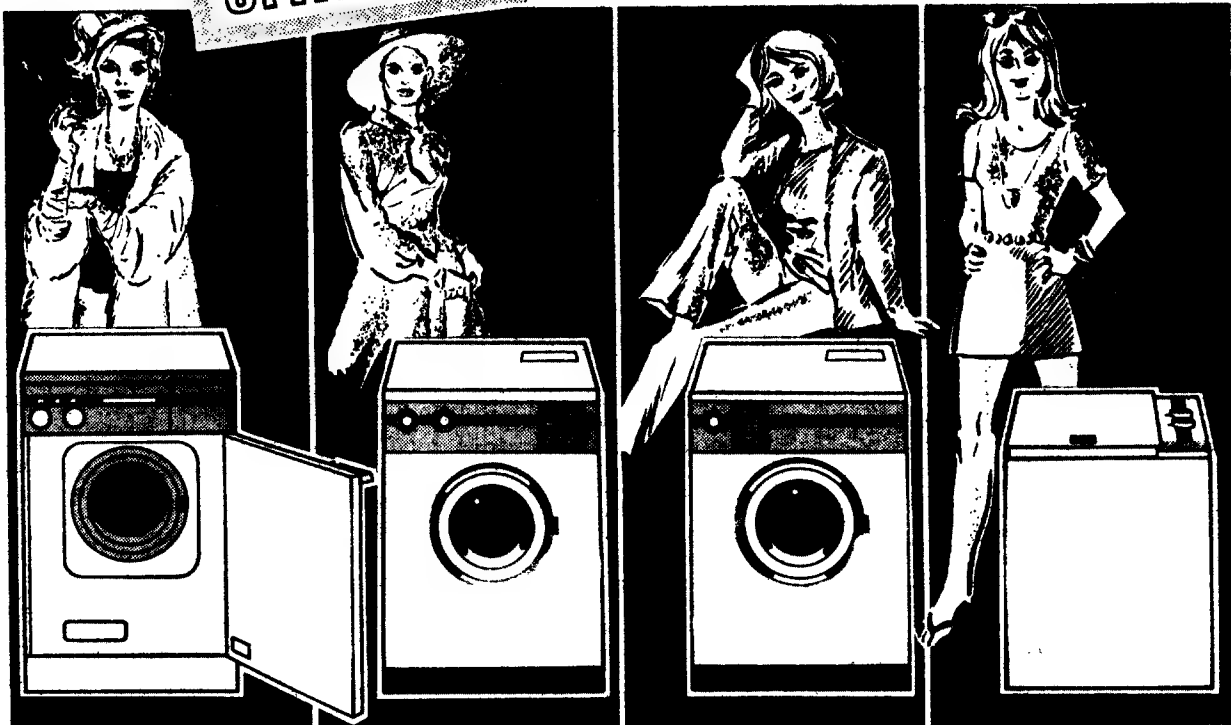
Conta Juventude BANCO DO ALENTEJO

SIEMENS

NOVA GERAÇÃO DE MÁQUINAS DE LAVAR SUPERAUTOMÁTICAS SIEMENS

A MAIS AVANÇADA TÉCNICA ALEMA

AS 4 IRMÃS SIWAMAT



GLÓRIA SIWAMAT

Modelo Luxo, com porta. Interior totalmente em aço inoxidável. Pannel luminoso de programas. 3 câmaras para detergente. 12 programas-base, permitindo inúmeras variações e incluindo o programa biológico. Hidroextracção a 550 r.p.m. Capacidade: 5 kg.

SUSANA SIWAMAT

Modelo Elite. Interior totalmente em aço inoxidável. 3 câmaras para detergente. 15 programas de lavagem, incluindo o biológico. Regulação automática de temperatura. Extraordinário poder de lavagem, devido ao sistema de enxaguamentos. Hidroextracção a 500 r.p.m. Capacidade: 5 kg.

DORA SIWAMAT

Modelo Popular. Interior totalmente em aço inoxidável. 11 programas de lavagem, incluindo o biológico. Escalões fixos de temperatura. 5 enxaguamentos. Hidroextracção a 500 r.p.m. Capacidade: 5 kg.

CLARA SIWAMAT

Modelo Mini. Interior totalmente em aço inoxidável. Dimensões mínimas: 52 cm (largura) x 64 cm (altura) x 56 cm (fundo). 8 programas de lavagem, incluindo o biológico. 5 enxaguamentos. Hidroextracção a 400 r.p.m. Capacidade: 4 kg.

A VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS

EXPOSIÇÃO E DEMONSTRAÇÕES NA

SIEMENS - COMPANHIA DE ELECTRICIDADE, S. A. R. L.

LISBOA-1: AV. ALMIRANTE REIS, 65 — TELEFONE 53 89 21

• PORTO: RUA DAS CARMELITAS, 12 — TELEFONE 2 89 48

ETERGENTE QUE RECOMENDAMOS



AGUALVA-CACÉM



JOÃO BATISTA FERNANDES

MISSA DO 8.º DIA

Sua esposa, filhos e restante família participa que dia 22, às 9 horas da manhã, na igreja de Agualva-Cacém será realizada missa do 8.º dia.

Agradecendo desde já a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.

aprenda a estratégia do MARKETING

Curso de Relações Públicas

Curso de formação acelerada ministrado por CORRESPONDÊNCIA ou em REUNIÕES POST-LABORAIS, das 21 às 23 horas.

Aperfeiçoamento técnico a nível internacional.

No final do curso cada participante recebe um DIPLOMA TÉCNICO e um cartão de EFICIÊNCIA PROFISSIONAL

Inscrições limitadas

Peça informações (das 10 às 23 horas) para:

CENTRO INTERNACIONAL DE MARKETING

RUA PASCOAL DE MELO, 7-2.º, ESQ. — TEL. 53 47 19 (atrás da Cervejaria Portuguesa) — LISBOA

ALMERINDO JAIME CORREIA DE OLIVEIRA BARROS

AGRADECIMENTO

Dama da Silva Braga Barros, e mais família, vem muito reconhecidamente, agradecer a todos que lhes manifestaram o seu pesar, e a quem o não fizeram directamente por desconhecimento de moradas.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS DA GUINÉ

BISSAU, 21 — (A. N. I.) — É do seguinte teor o boletim informativo das Forças Armadas da Guiné relativo ao período de 6 a 13 deste mês: «O inimigo flagelou a povoação de Outra Banda (Bissorá), os quartelamentos de Mansambo, Gullege, Ganture, Cameconde, Enxale, Buba, Bigene, Guidago e Canjambari, implantou engenhos explosivos nos itinerários de Dunane-Canque-lifa e Nhala-Buba, e armou emboscadas às nossas tropas na região de Tama-Binar e Mansambo-Xitole.

Em resultado das acções das nossas forças, o inimigo sofreu na região de Insanta-que Bissorá, a apreensão de material diverso; na região de Fiofili-Xitole, a apreensão de cerca de três toneladas de armamento, destacando-se duas metralhadoras anti-aéreas «Deglianev» de 12,7, nove pistolas-metralhadoras «Ppsh», duas pistolas-metralhadoras «25», duas pistolas-metralhadoras «23», quatro espingardas «Mausers» e a apreensão de numerosas munições, documentos e material diverso, e na região de

Saucunda-Sonaco, os capturados.

No conjunto das acções, foram recuperados, trinta e dois elementos da população.

Durante o período, o inimigo sofreu, entre outras baixas seis mortos confirmados e oito capturados.

As nossas forças sofreram seis mortos em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados.

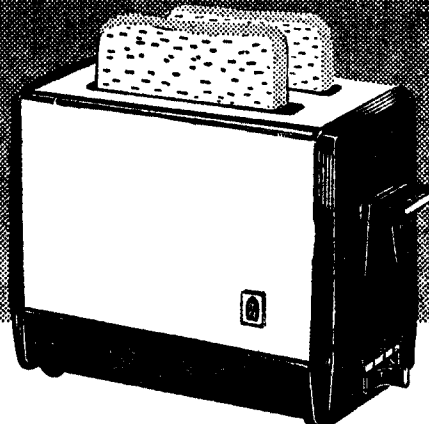
Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que faleceram em combate na província da Guiné, os seguintes militares: soldado n.º 82028368 Joreg Coro Sambu, do recrutamento da província, e o soldado n.º 82112169, Saone Colubali, também do recrutamento desta província.

Na província de Moçambique, o soldado n.º 71015569 Manuel João Guerreiro, do recrutamento da província.

TOAL DE CONCEPÇÃO MODERNA.

morphy-richards



MODELO ATR.

- Regulação a seu gosto do grau de tostaagem.
- Desliga automaticamente elevando simultaneamente as torradas.
- Tabuleiro de migalhas de fácil limpeza.

REPRESENTANTES:

SOC. de REP. SIDA SUECA, LDA.

RUA DE ... LISBOA



Eng.º Júlio Carlos Gomes da Silva

FALECEU

Emília Ribeiro Gomes da Silva, Maria Emília Gomes da Silva do Valle Ribeiro, seu marido e filhos; Julio Ribeiro Gomes da Silva, sua mulher e filhos; Joaquim Ribeiro Gomes da Silva, sua mulher e filhos e demais família participam o falecimento do seu querido marido, pai, sogro, avô e parente e que o funeral se realizará amanhã, dia 22, da Igreja de São Vicente.

AGÊNCIA SALGADO

CARTAZ DOS CINEMAS

*** TIVOLI**
(M. 17 anos) Tel. 60595
As 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
3.ª SEMANA
O filme que obteve
2 PRÉMIOS DA ACADEMIA
com PETER O'TOOLE
e Katharine Hepburn
O LEÃO NO INVERNO

*** SÃO LUIZ**
(M. 12 anos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Franscope - Color
EM 2.ª SEMANA
O CÉREBRO
com David Niven, Bourvil,
Silvia Monti, Jean Paul Bel-
mondo e Eli Wallach

*** ALVALADE**
(M. 12 anos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
Franscope - Color
EM 2.ª SEMANA
O CÉREBRO
com David Niven, Bourvil,
Silvia Monti, Jean Paul Bel-
mondo e Eli Wallach

*** EDEN**
(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Scope - Technicolor
Quem são eles? Homens cuja
profissão é o crime, cuja es-
perança é a traição, cuja
obsessão é o ódio!
**ACABA COM ELES
E VOLTA SÓ!**
com John Connors e Frank
Lanier

*** SÃO JORGE**
(M. 12 anos) Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
Paródia das Paródias
SHERIFF PRECISA-SE
com James Garner e Walter
Brennan

*** IMPERIAL**
(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
O FILHO DE DJANGO
FANTOMAS CONTRA
A SCOTLAND YARD

*** LIZ**
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
3.ª SEMANA
Continuação de estrela
**O DIABO A SOLTA
ELAS SÃO
MAIS PERIGOSAS**

*** IMPÉRIO**
(M. 12 anos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
Panavision - Color
Duas civilizações, duas menta-
lidades em choque!
Um filme de JOHN BOORMAN
DUELO NO PACÍFICO
com Lee Marvin e Toshio Mi-
fune

*** ESTÚDIO**
(Adultos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
10.ª SEMANA
A obra fundamental de
Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve
e Ivonne Fumaux

*** CONDES**
(Adultos) Tel. 322523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
SHARON TATE e
ROMAN POLANSKI
em
**POR FAVOR NÃO ME
MORDA O PESÇOÇO**
uma obra-prima do cinema
moderno
Panavision-Metrocolor

*** POLITEAMA**
(M. 12 anos) Tel. 326305
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
SÓ HOJE A AMANHÃ:
O SENSACIONAL
FILME DE GUERRA
**A BATALHA
DE EL ALAMEIN**
A derrota de Rommel, perante os
exercícios de Montgomery
(Col.) - Um elenco excepcional!

*** ESTÚDIO 444**
(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
O mais discutido filme de
Alain Resnais
AMO-TE, AMO-TE
com Claude Rich, Olga Georges-
Picot

*** AVIS**
(M. 12 anos) Tel. 47163
As 21.45
2.ª semana de enchen-
tes
**A MAIS EXPLOSIVA AVE-
NTURA DE SIMON TEMPLAR**
**O SANTO
E A VENDETTA**
ASTMANCOLOR
com ROGER MOORE

*** ODEON**
(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 2.ª SEMANA
DE ENCHENTES
Um vibrante romance de
paixões proibidas e pecados
escondidos
AMOR SELVAGEM
com Julio Aleman Angelica
Maria e Feresca Velazquez
NOTÁVEL REALIZAÇÃO
DE TITO DAVINSON
(Eastmancolor)

*** VOX**
(M. 21 anos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
13.ª SEMANA
DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade)
Comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresenta-
ção do bilhete de identidade
quando haja dúvida da ava-
liação da idade

*** MUNDIAL**
(M. 12 anos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Finalmente em Portugal o fa-
moso filme com Gary Cooper
e Ingrid Bergman
**POR QUEM OS SINOS
DOBRAM**
Inspirado no celebre romance
de Ernest Hemingway
Metro - Estação Picoas

*** LIDO**
Praça D. João I AMADORA
Grandes artistas num filme estra-
nho, romântico, emocionante!
JOGO PERVERSO
Anthony Quinn e Michael Caine

*** RESTELO**
(Adultos) Tel. 610375
As 21.15
FUNNY GIRL
com BARBRA STREISAND
em Technicolor e Panavision

*** CHIADO TERRASSE**
(Adultos) As 15 e 21 h.
CARNE DA MINHA CARNE
O 3.º DIA

*** MONUMENTAL**
(M. 17 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
Fane Donaway e Marcello
Mastroianni
Realização de Vittorio de Sica
**UM LUGAR
PARA AMAR**

*** EUROPA**
(M. 12 anos) Tel. 661016
As 21.30
70 m/m - Moscolor
16.ª SEMANA
O MAIOR MONUMENTO
DE TODO O CINEMA!
NATASHA
2.º episódio de «Guerra e Paz»

*** ROMA**
(Adultos) Tel. 260729
As 21.45
EM 2.ª SEMANA
A COMÉDIA DO ANO
**CASEI CONTIGO
POR ALEGRIA**
TECHNICOLOR
com MONICA VITTI

*** CASINO ESTORIL**
(M. 17 anos) Tel. 260729
As 15 e 21.30
**CAMARADA
MINI-SAIA**
com Bob Crane e Jim Hoffer
**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**
Para a sua deslocação utilize
os comboios eléctricos.

*** Em Lisboa Turno J**
AJUDA - Mendes Gomes, Lopo-
do do Ajuda 222 (638256) *
Tapada, Lda., Cote de Tapada
83-A (63472) *
ALCANTARA - Este Nogueira,
R. de Alcantara, 5-A (637563) *
ALMIRANTE REIS - Arte e
Lda., Av. Almirante Reis 88-B-C
(44 73) * Magalhães, Av. Al-
mirante Reis 4-D e 4-F (44 49)
ALVALADE - Libia, Av. da gre-
ja, 4-B-C (7 68) * Marbel,
Av. de Roma 3-A (116 35) *
AMOREIRAS - Amoreiras, Praça
das Águas Livres, 8-D (68 5) *
AREIRO - Lusitana, Av. de Ro-
ma, 8-A (725443) * Chinde,
Rua Agostinho Lourenço, 5-B
(7 033) *
ARROIOS - Fonseca - R. Cor-
valho Araújo 46-B-C (84 108) *
AVENIDAS NOVAS - Providência,
R. D.º Filipe de Vilhena 9-C
(110324) * 56 da Bandeira, R.
Marquês 56 da Bandeira 36-42
(4 96-54672) * Oliveira Vie-
gas, R. Vitoria 29-A (48566-
55360) *
BAIRRO DA ENCARNACÃO - Zira,
Pr. das Casas Novas Lote 66
(3 0 72) *
BAIXA - Formosinho, P. dos Res-
tauradores, 8 (30921) * Nor-
mal, R. do Prato 220 (32 342-
32553) *
BENFICA - Benfita, Est. de Ben-
fica, 44-A (782606) * Alegria,
E. de Benfita, 80-A-B (780511) *
Progresso, Est. A-da-Moia,
64-C (702226) * Macedo, Est.
do Poço do Chão, 69-C (110691) *
CAMPO DE OURIQUE - Lindeia
Rua Ferreira Borges 30
(660955) * Fimela, Rua D.
Maro Pto, 5-A (687949) *
CAMPOLIDE - Ronil, R. Rodrigo
da Fonseca, 53 (683438) *
Zenel, R. A. 82, Bairro da Li-
berdade (65 840) * Nova, R.
de Campolide, 291-C (687415) *
CAMPO DE SANTANA - Penin-
sular, Campo dos Martires do
Pátrio, 7-8 (553308) *
ESTEFANIA - Dália, Rua Açores,
32 (52388) *
ESTRELA E LAPA - Neves Suc.,
R. do Boia Vieta e Lapa 37
(66 25) *
GRAÇA - Higilénia, R. Heliodora
Salgado, 20-A (84436) *
LUMIAR - Pateleta, Herdeiros,
R. do Lumiar, 22-24 (790332) *
Douro, Al. dos Linhos de
Torres 92-A-B (79 13) *
OLIVAS - Simão - Av. de
Berlim, R. D.º 6-A (5 058) *
PALHAVA - Canto, Est. dos Osa-
ronheiros, 202-B (78084) *
PEDROÇOS - Higilux, R. de Pe-
drouços, 50-52 (6 0280) *
PENHA DE FRANÇA - Dalton
Av. Mouzinho de Albuquerque,
7-A (84371) * Europa, Av.
General Roca, 41-A (843880) *

*** FARMACIAS DE SERVIÇO**
PICHELEIRA - Martiz, Cote de
Picheleira 40-B-C (720703) *
(728395) *
PRINCIPLE REAL - Gonçalves L.
R. do Raso 16-18 (362687) *
REGO - Berne, Av. de Berne
44-A (113568) *
SANTO AMARO - Botânica, R.
do Arqueiro 38-40 (638 32) *
S BENTO - Micael, R. de S. Ben-
to 380-382 (664 62) * Aço-
reana, Lopo de Casto Barão
(66 330) *
ST MARTA - Morais Sarmiento,
R. Santa Marta 5-A-B (Tel.
46490) *
DE SANTA APOLONIA AO BEATO
Madre de Deus, R. do Mar-
gem, 5-B (382470) * Cruz de
Mello, L. do Chafariz de Jen-
tro, 36 (866 26) * Zema Rua
General Justino Padro 16
Largo dos Bombardinos 21
(832580) *
ST - Santa Luzia, L. de Sa-
vade, 4-B (86983) *
MOSCAVIDE - Santa Bárbara,
Rua Francisco Marques Beato,
45-A (25 234) *

*** Linho de Cascais**
ALGES - Combatentes, Av. dos
Combatentes do Grande Guerra,
66 (Te. 2 3953) *
CAXIAS - Nova, Rua Bernardini
Ribeiro 1-A (24 2839) *
PAÇO DE ARCOS - Trindade Brás
R. Costa Pinto 85 (T. 2432034) *
OIRAS - Godinho - R. Landa
dos Res, 98 (Te. 2430090) *
PAREDE - Grincho - Av. do
Republico, 81-A (Te. 247 204) *
ESTORIL - Marques dos Santos,
R. Ferreira, 2-A e 5 (260116) *
CASCAIS - Cordeiro - Av. Camo-
s Gue 18 4C (Te. 280 10-
28 4 9) * Nova - Estrada de
Alvide-Fantinha, (1 28 044) *

*** Linho de Sintra**
AMADORA - Melo, P. D. João
(932756) * Central, Av.º Car-
doso Lopes 25 (932210) *
Igreja, P. da Igreja, 22-A (Tel.
937140) * Jardim, Av. Conde
de Oeiras, 10-X - Reboreiro
(Tel. 938424) *
DAMAIA - Damata - P. Alexan-
dre Gusmão, 9-A (T. 970523) *
QUELUZ - Gil - Av.º Miguel
Bombar, 28 (Tel. 950177) *
Simões Lopes - Av.º Elias Gar-
cia, 5/5-A (Tel. 950128) *
LACEM - Central - R. Elias
Garcia, 55 (Tel. 2940034) *
MEM MARTINS - Quilma - Est.
Mem Martins, 285 (T. 2910012) *
PEDRO DE SINTRA - Valen-
tim (Tel. 980456) *
SINTRA - Marrazes - L. Rol-
ando D. Amélia, 26 (T. 980155) *
VENDA NOVA - Nova - R. Elias
Garcia, 10 (Tel. 983920) *
COLARES - Colares - Av.º
(Tel. 299088) *

* OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU - As 21 e 30: «Grande
Companhia Internacional».

TEATROS
A B C - As 20 e 45 e às 23:
«Ena já fala» (17 anos) *
CASA DA COMÉDIA - As 22:
«Mário ou eu próprio» (Adultos) *
TRINDADE - As 2 e 30: «Sa-
bina Freire» (17 anos) *
MARIA VITÓRIA - As 20 e 45
e às 23: «Esperteza Saloia»
(17 anos) *
MONUMENTAL - As 20 e 45 e
às 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos) *
VARIADAES - As 21 e 45: «Os
Direitos da Mulher» (17 anos) *
VILLARET - As 21 e 45: «Amor
às riscas» (17 anos) *

CINEMAS
MOSCAVIDE - As 21: «Conspi-
ração Internacional» (17 anos) *
ARCO IRIS - As 21: «Viva Gringo»
(12 anos) *
PARIS - As 21: «O Super-Agente
Fitz» (12 anos) *
IDEAL - As 21: «Por mais alguns
dólares» (17 anos) *
PROMOTORA - As 21: «Honra
a um herói» (17 anos) *
CINEARTE - As 21: «Sob o fogo
da metralha» (17 anos) *
SALAO LISBOA - As 21: «Missão
niquitante» (17 anos) *
OLIMPIA - As 9: «Uma arma
entre nós» *
JARDIM - As 21 h.: «Um cora-
ção solitário» (17 anos) *
CINE-ORIENTE - As 21 h.: «Ca-
çadores de escarpas» (17 anos) *
VOZ DO OPERÁRIO - As 21 h.:
«O estrangulador de Boston»
(17 anos) *

Outra bando
ALMADA - INCRIVEL - As 21
e 5: «A pequena paródia» (12
anos) *
COVA DA PIEDADE - UNIÃO
ARTÍSTICA - As 21 e 5: «O
roubo da Petá» (17 anos) *

Linho de Cascais
ALGES - STADIUM - As 21 e
30: «Sob o signo do suspeito»
(17 anos) *
OIRAS - OIRAS - CINE - As
21: «Aventuras do Santos» e
«A margem da Lei» (12 anos) *
ESTORIL - CASINO - As 17 e
às 21 e 30: «Camarada Mini-
Saia» (17 anos) *
CASCAIS - S. JOSÉ - As 21 e
30: «Duelo de morte» (12 anos) *

Outra Bando
ALCOCHETE - Gamete - L. An-
tonio dos Santos Jorge 5 (Tel.
34 00) *
ALHOS VEDROS - Gusmão, R.
André dos Reis 30 (24 40 00) *
ALMADA - Magalhães, R. Cap-
itão Letho, 8-A (210242) *
BAIXA DA BANHEIRA - Aliança
Estrada Nacional 14 (Tel.
224302) *
BARREIRO - Central, Av. Al-
treito da Silva 48 (2213207) *
COVA DA PIEDADE - Carqueira
Alfonso - 5 de Outubro 8
(Te. 210254) *
MOITA - Silva Rocha, R. de
Joaquim 6 (3 90 29) *
MONTIJO - Diogo, R. Almirante
André dos Reis 42 (230032) *
SESIMBRA - Leão - Av. Sola-
zar (Tel. 22947) *
SETUBAL - Higilene, R. Frei
Agostinho do Cruz (22408) *
Portugal, R. Carmo Castelo
Branco 23 *
SETÚBAL - Godinho, L. de greja

* Linho de Sintra

DAMAIA - D. JOÃO V - As 21
e 30: «Ao sul do Rio Grande»
(12 anos) *
VENDA NOVA - CINE-PORTU-
GAL - As 21: «Filhos de nin-
guém» (17 anos) *
AMADORA - RECREIOS DESPOR-
TIVOS - As 2 e 5: «Pão,
amor e fantasmas» (17 anos) *
QUELUZ - QUELUZ-CINE - As
2 e 5: «Quatro damas para
um dia» e «Duelo na Ilha» (17
anos) *
MEM MARTINS - CINE-CHABY
- As 21 e 30: «Gangster con-
tra gangsters» (17 anos) *

Jovens valores
da Rádio Portuguesa
na «Grande
Noite do Fado»

Alguns dos mais jovens
valores da Rádio Portu-
guesa associam-se ao elen-
co que a Casa da Imprensa
está a organizar para o
cartaz da «Grande Noite
do Fado». Assim, no próxi-
mo dia 18 de Novembro, no
Coliseu dos Recreios, o pú-
blico terá ensejo de ouvir
as vozes frescas de Sissi,
Lena Branco e Rute que
por especial deferência pa-
ra com os jornalistas que
têm incrementado as suas
carreiras artísticas, esta-
rão em palco para oferece-
rem as suas melhores in-
terpretações.

Entretanto a acrescentar
aos bairros da Charneca e
da Fonte-Santa, outras
adesões (colectividades po-
pulares) estão a chegar à
Casa da Imprensa, a pro-
meterem inusitado interes-
se pelo espectáculo

BOM APETITE

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA
ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

VIRIATO
RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA
PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h.)
Telefone 530758

POPADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM
QUE SE OFERECE
QUALIDADE
BAR-BOITE
(M. 17 anos)
A PARTIR DAS
23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

**RESTAURANTE BAR
LA PAIX**
VISITE-NOS
Aberto até às 2 horas
Av. S. João de Deus, 41-H
(Esquina Av. Roma, junto
à ponte)
Tel. 72 31 51 - LISBOA

CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto
O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias
de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa,
Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal,
Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim
e Antas, a partir das 19 e 30, e na tabacaria do Bar-Restaurante
do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
AGUA, GAS e ELECTRICIDADE -
Companhia das Águas 861353
* Companhias Reunidas, 537011
* Gascid 538221 * Gasci-
dio Idem e feridos, 382069
BOMBEIROS - Sapadores 322222
* Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. - Serviço de
emergência, 115 * Segurança
Pública, 866141 * Judiciária,
535380 * Marítima, 326456 *
Internacional, 362721 * Via-
ção e Trânsito, 42205 * G.N.R.
(área rural) 36865
SAUDE - Cruz Vermelha, 865342
* Enfermagem p. m. nte, 766161 * Enfermagem de ur-
gência, 43738 * Hospital de
Santa Maria, 775171 * Hospi-
tal de S. José, 860131 * Son-
guo, oxigénio e soros, 771168
* 771169 * Transfusões, soros
e oxigénio, 538524 * Centro
de Intoxicações (informativo),
767777, 761176 e 763456
TRANSPORTES - Aeroporto,
720111 * Caminhos de ferro
(C. P.), 869029 * Caminhos de
ferro (Estoril), 861121 * Estre-
ito fluvial (T. Poço), 325345 *
Estação Marítima de Alcantara,
687195 * Estação Marítima de
Nossa, 672445 * Estação flu-
vial (Belém), 638571.

Diário de Lisboa

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.



Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA, Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O Nobel da Paz para a OIT

O prémio reverterá para fins sociais



DR. MÁRIO RUIVO

ESTÁ EM LISBOA O DR. MÁRIO RUIVO ALTO FUNCIONÁRIO DA F. A. O.

Encontra-se de passagem no nosso País, depois de uma ausência de vários anos, em missão oficial, a caminho de uma reunião em Madrid, o sr. dr. Mário Ruivo, alto funcionário das Nações Unidas, onde é director da Divisão de Recursos e Exploração de Pesca da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (F. A. O.).

O dr. Mário Ruivo, desempenhou as funções de subdirector do Instituto de Biologia Marítima e foi responsável das investigações portuguesas sobre o bacalhau na Terra Nova e Gronelândia e organizador das primeiras expedições do batiscavo em Portugal. É secretário do Comité de Coordenação das Nações Unidas para a Oceanografia e as Ciências do Mar e está ligado a diferentes comissões internacionais de direito marítimo e pescas.

O sr. dr. Mário Ruivo, até à sua partida para Roma, para onde se deslocou a ocupar o cargo para que foi convidado na F. A. O., foi membro da direcção da revista «Seara Nova».

JOSÉ RÉGIO

Accentuam-se francamente, as melhoras do escritor José Régio, em tratamento, de uma grave crise cardíaca na sua casa de Villa do Conde, como temos noticiado.

NAÇÕES UNIDAS, 21 — (F. P.) — «A atribuição do Prémio Nobel da Paz à Organização Internacional do Trabalho foi para mim uma surpresa completa mas estou muito satisfeito», declarou David Morse, director da O.I.T., numa conferência de imprensa.

Morse acrescentou que esperava que o dinheiro do Prémio Nobel fosse utilizado de «maneira útil» para fins sociais no quadro da O.I.T.

50.º ANIVERSÁRIO

A Assembleia Geral das Nações Unidas dedicará o dia 29 de Outubro à celebração do 50.º aniversário da fundação da Organização Internacional do Trabalho, que agora obteve o Prémio Nobel da Paz.

O director da O.I.T., David Morse, discursará perante a Assembleia Geral nessa ocasião.

Corre na O.N.U. que Morse poderia ser nomeado em breve pelo secretário-geral U Thant para a direcção do programa da O.N.U. para o desenvolvimento, em lugar de Paul Hoffman que completou 78 anos.

ASSINATURA DO CONTRATO ENTRE A C. M. L. E O BENFICA

Na Câmara Municipal de Lisboa efectuou-se esta tarde a cerimónia da assinatura do contrato entre a edilidade e o Sport Lisboa e Benfica, referente à cedência aos «encarnados» do terreno (na Luz) onde se erguem as suas instalações desportivas.

Além da direcção do Benfica, que compareceu na máxima força, estiveram presentes algumas das mais representativas figuras do clube, nomeadamente os presidentes das gerências posteriores à data da inauguração do Estádio da Luz, isto é, desde que Joaquim Ferreira Bogalho deu vida ao sonho benfiquista de possuir o seu parque desportivo em local condigno, com a grandeza e projecção da colectividade.

Um comunicado oficial distribuído pelo Governo do presidente Eduardo Frei diz que o regimento aquartelado em Tacna nesta cidade se amotinou hoje de manhã, estando o alto comando do Exército a tomar medidas para dominar os revoltosos.

A revolta surgiu após duas semanas de boatos sobre o descontentamento no Exército motivado por salários baixos.

O general Robert Viaux, antigo comandante da primeira região militar, que fora passado à reforma compulsiva no princípio deste mês, tinha chegado a Santiago ontem à noite e, segundo fontes bem informadas, encontrava-se no quartel de Tacna quando a revolta começou.

No resto da capital a situação é aparentemente normal, mas no sector de Tacna os soldados e oficiais do regimento amotinado patrulham as ruas em volta do quartel.

O detective e a mulher polícia deram em ladrões

LONDRES, 21 — (R.) — Um detective apaixonou-se por uma mulher-polícia e ambos resolveram dedicar-se ao crime para fazerem um lar.

O detective David Robinson, de 30 anos, casado e pai de dois filhos, foi preso por um colega quando assaltava uma cooperativa na cidade de Wellingborough, no Northamptonshire.

Quando a Polícia se dirigiu à residência da mulher-polícia Caroline Opperman encontrou mobiliário, um aparelho de televisão e artigos roubados noutro assalto efectuado o ano passado à mesma cooperativa.

Robinson, que fora antes louvado três vezes pelo seu trabalho na Polícia, foi condenado a três anos de cadeia por um tribunal de Northampton. Caroline Opperman será sentenciada hoje.



Entre Fernando Martins e Justino Pinheiro Machado, o general França Borges (presidente da Câmara Municipal de Lisboa) assina a escritura de cedência de terrenos ao Sport Lisboa e Benfica



Sarita Montiel, a vedeta cinematográfica que fez reviver a época do «cuplé», está novamente na berra: vai aos touros puxando fumaças de um longo (e ornamental) «habano»

TENTATIVA DE GOLPE DE ESTADO NO CHILE

SANTIAGO DO CHILE, 21 — (R.) — O Governo chileno anunciou que um regimento da guarnição

militar desta capital se revoltou e lançou um apelo à população para que se oponha ao movimento que

classificou de tentativa de golpe de Estado.

MOSHE DAYAN PROPÔS A ANEXAÇÃO DAS ZONAS OCUPADAS

TEL-AVIV, 21 — (R.) — O ministro da Defesa israelita general Dayan propôs que os territórios árabes ocupados durante a guerra dos seis dias sejam incluídos no Estado israelita, de modo a torná-lo maior e mais forte do que antes do conflito.

Falando num comício eleitoral no sul de Israel, disse que o país devia estender-se desde os montes Golan no norte até ao extremo sul da Península do Sinai.

O ministro da Defesa disse que Sharm-el-Sheik, o extremo sul do Sinai que domina a entrada do Golfo de Aqaba, é o «Gibraltar Judaico» e salientou que tanto aquela posição como as montanhas de Golan na Síria ocupada são necessárias como «fronteiras estrategicamente seguras».

A defesa dessas posições deve ser garantida e apenas por tropas israelitas e não por tropas da O. N. U.

O general Dayan repetiu os seus anteriores avisos de que no próximo Verão a guerra no Médio-Oriente poderá recommençar.

Sobre a questão das despesas impostas em Israel pela defesa disse que o país terá de pedir auxílio aos judeus espalhados pelo mundo e aos países amigos, incluindo os Estados Unidos.

Segundo afirmou, actual-

CONSELHO DE MINISTROS

Sob a presidência do prof. Marcello Caetano reuniu-se esta tarde, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

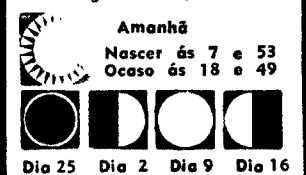
SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava geralmente muito nublado a norte do rio Tejo e pouco nublado a sul, havia neblina em alguns locais do litoral oeste, o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 23,5; mínima: Penhas da Saudade, 4,8

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 16°; Penhas Douradas, 11°; Coimbra e Portalegre, 15°; Lisboa, 16°; Faro, 17°; Funchal, 20°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado, nas regiões do Norte e Centro, e geralmente pouco nublado nas do Sul; vento fraco; condições favoráveis à ocorrência de neblina ou nevoeiros matinais.



MARES: PRELA-MAR: Dia 21 — 0 e 48 (3,5 m); 13 e 07 (3,8 m); Dia 22 — 1 e 45 (3,7 m); 14 e 02 (4,0 m); Dia 23 — 2 e 32 (4 m); 15 e 52 (4,2 m). BAIXA-MAR: Dia 21 — 6 e 37 (1,6 m); 19 e 18 (1,3 m); Dia 22 — 7 e 33 (1,4 m); 20 e 05 (1,1 m); Dia 23 — 8 e 20 (1,1 m); 20 e 50 (0,9 m).

GOLPE DE ESTADO NA SOMÁLIA

(Continuação da 1.ª página)

ciar ainda hoje a composição do novo Governo, soube-se de fonte diplomática em Nairobi, onde não se possui qualquer indicação acerca da sorte do primeiro-ministro Ibrahim Egal e do seu Gabinete. Ignora-se também quem dirige a Junta que assumiu o Poder.

O EMBAIXADOR OURO PRETO REGRESSA AO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 21 — (A. N. I.) — Diz o «Diário de Notícias» do Rio de Janeiro, na sua secção diplomática: «Parece assente: o embaixador Mário Gibson Alves Barbosa, futuro chanceler, terá no embaixador Carlos Silvestre de Ouro Preto o seu secretário-geral». E acrescenta, noutro local: «Parece definir-se a indicação do professor Gama e Silva, actual ministro da Justiça, para a chefia da missão diplomática do Brasil em Lisboa».

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alta temperatura a 323422, Rua da Prata, 156, 2.º (único no género).

A nossa frota de pesca não possui qualificação técnica

— disse-se na sessão da C. E. U. D.



Candidatos da U. N. de Lisboa reunidos, em conferência de imprensa, com jornalistas portugueses e estrangeiros

— Amigos, peço que se levantem e batam palmas de homenagem e apoio aos ferroviários que hoje, das 16 às 16 horas, fizeram greve.

Estas foram as primeiras palavras da candidata ceudista Etelvina Lopes de Almeida, no comício de propaganda eleitoral on-

tem efectuado no Teatro Vasco Santana

Etelvina Lopes de Almeida teve, depois, algumas considerações sobre o aspecto abúlico de certas zonas visitadas pelos candidatos da C. E. U. D.

Antes das palavras de Etelvina Lopes de Almeida, que galvanizaram a sala, mais cheia do que nunca (o público excedente foi, em parte, convidado a subir para o palco), o dr. Mário Soares fez a seguinte afirmação:

— Pelo facto de termos convidado a assistir a uma das nossas sessões um grupo de socialistas italianos, o «Diário da Manhã» acusa a C. E. U. D. de termos indiscretos e de patentearmos a nossa política interna a estrangeiros.

Temos as nossas amadadas como eles têm as suas. E, assim, tenho todo o prazer de anunciar a presença nesta sala do secretário do Partido Socialista sueco; do secretário do Partido Trabalhista inglês; do secretário do Partido Trabalhista da Irlanda; do secretário das Juventudes Socialistas Italianas; do director do Comité Central do Partido Socialista Italiano; e, finalmente, do cidadão austríaco secretário geral da Internacional Socialista!

Toda a sala se ergueu e aplaudiu demoradamente.

Feita esta apresentação, o dr. Mário Soares abandonou a sala.

O dr. Francisco de Souza (Continua na última página)

Existem na Oposição pessoas politicamente válidas

— afirmou o dr. Mello e Castro na conferência de imprensa da U. N.

Candidatos da U. N. pelo círculo de Lisboa reuniram-se ontem, na sede da Comissão Distrital daquele organismo político, com representantes da imprensa portuguesa e estrangeira, para prestar esclarecimentos sobre o actual momento político. Serviu de base às perguntas dos jornalistas o manifesto que aqueles candidatos tornaram público no passado dia 16.

A primeira pergunta, que versou sobre os resultados do inquérito da U. N. à opinião pública, ainda não divulgados, respondeu o presidente da Comissão Executiva do organismo, dr. Mello e Castro. Começou por referir compor-se o inquérito de 30 perguntas, a fazer, em princípio, a 30.000 pessoas de todos os distritos da Metrópole. As respostas, porém, vieram em plena campanha — segundo o dr. Mello e Castro — e, assim, os resultados só serão conhecidos dois ou três dias após as eleições. Uma das perguntas do inquérito, sobre aspirações individuais, obteve esmagadora maioria de respostas pedindo boa protecção social, em caso de doença ou desemprego, reforma, protecção na in-

validez, boa organização dos serviços de educação.

— Os técnicos que levarão a efeito o inquérito ainda não podem garantir os resultados. Aliás, é a primeira vez que se efectua, em Portugal, uma sondagem deste tipo e não temos nenhuma empresa especializada em inquéritos para fins políticos — sublinhou o dr. Mello e Castro.

A pergunta seguinte versou sobre os 13 manifestos tornados públicos pela U. N., no decorrer desta campanha, pondo-se o problema de uma uniformidade de pontos de vista. Também foi o dr. Mello e Castro que respondeu. Afirmou, nomeadamente:

— Os manifestos foram elaborados pelos candidatos dos respectivos círculos. A U. N. não fez censura prévia, embora todos, salvo no caso de um dos manifestos, tivessem tido a amabilidade de nos enviar um rascunho. Existe uma linha geral doutrinal e existe coincidência nos pontos essenciais da política nacional.

Depois de uma questão — «Quantos eleitores tem o Ultramar?» — a que o

(Continua na 5.ª pág.)



Urge aplicar em Portugal a experiência brasileira no domínio da alfabetização

— afirmou-se numa sessão da C. D. E.



O professor Lindley Cintra presidiu à sessão da C. D. E. no Palácio Fronteira. A seu lado o candidato João Benard da Costa

«Alfabetização e cultura popular» foi o tema de mais um debate promovido pela C. D. E. no Palácio do Marquês de Fronteira, e a que presidiu o prof. dr. Luís F. Lindley Cintra, ladeado por D. Maria Justina Fonseca e pelo candidato dr. João Benard da Costa. A sala estava cheia e tanto as comunicações iniciais como o colóquio que se seguiu despertaram vivo interesse.

O prof. Lindley Cintra abriu a sessão e proferiu algumas considerações de introdução ao tema, seguindo-se no uso da palavra a sr.ª D. Maria Justina Fonseca, do Movimento de Alfabetização do Grau. A oradora referiu-

se à grande percentagem de analfabetos no nosso País e a diversos aspectos das graves deficiências do ensino entre nós em múltiplos aspectos e sectores. Referiu-se à falta de escolas e professores, à pernicioso influência da Rádio e Televisão na

cultura, etc. Citou os exemplos de Cuba, do Brasil e do Chile, a propósito dos movimentos de alfabetização promovidos naqueles países pondo em relevo a necessidade e ur-

(Continua na última página)

Política externa portuguesa — Impõe-se a sua revisão e actualização?

Mesa-redonda em que tomaram parte Francisco Rolão Preto, Francisco de Sousa Tavares e Joaquim Mestre (PAG. CENTRAL)

A «Seara» e as eleições

Elaborámos o presente número da nossa revista numa altura em que o País assiste, ainda surpreso mas deveras interessado, ao debate mais ou menos público dos grandes problemas que o afligem. Não há dúvida que a campanha eleitoral, sendo embora, na sua formulação e nas intenções que a tornam possível, essencialmente um exercício de pirotecnia política, suspendeu a apatia rotineira da vida portuguesa e fez despertar o interesse colectivo pelo problema político nacional. Em torno de uma simbologia que, entre nós, não chega a ter significado, gera-se uma dinâmica social que transcende largamente a dimensão territorial em que, ao longo de quatro anos, os democratas são forçados a mover-se. Este dado, que as experiências passadas tornavam já previsível, legítima, só por si, o intervencionismo das forças democráticas, com a única condição de saberem combater, firme e eficazmente, as ilusões fáceis acerca dos objectivos da sua própria intervenção e da viabilidade política dos meios nela empregados. Com esta singela mas fundamental reserva — que só o decurso da campanha mostrará se foi ou não tida em conta — a *Seara Nova* não hesita em aplaudir a participação, à escala nacional, dos democratas nas eleições legislativas de 1969.

★

O nosso companheiro Augusto Abelaira, discursando no almoço comemorativo do 10.º aniversário da renovação da *Seara Nova*, em Fevereiro último, definiu-a como «publicação de pendor socialista». A expressão conserva todo o seu rigor. A *Seara Nova*, na sua redacção, elementos de várias tendências e opções, mas todas «socialistas». Daí o pendor socialista da revista. No entanto, a *Seara Nova* não restringe as suas colunas à colaboração dos socialistas, antes as conserva abertas à contribuição de todas as formas de pensamento democrático, pois a escassez de publicações inconformistas e progressivas assim o exige. Neste sentido, não seria correcto definirmo-nos apenas como revista socialista.

O presente número foi elaborado nesta dupla perspectiva. Aproveitando a campanha eleitoral, procurámos equacionar os principais problemas da vida portuguesa — da saúde ao ultramar, da previdência ao ensino, das liberdades públicas ao sindicalismo, da economia à cultura — sem a preocupação de nos cingirmos nos limites de uma óptica socialista. Todavia, sabemos bem que, no seu conjunto, este número da *Seara Nova* ilustrará — se lhe for permitido que ilustre alguma coisa — uma visão socialista da problemática nacional.

Pela nossa parte, tudo fizemos para oferecer ao leitor um número invulgarmente atento à realidade portuguesa e à análise política. Fomos ao ponto de adiar por duas semanas

a data normal de saída da revista — dia 1 de cada mês. Se acaso não conseguirmos o pretendido, resta-nos esta certeza: poucos factos poderão ter o valor sintomático da saída em 15 de Outubro de uma *Seara* igual a todas as outras...

(«Seara Nova», Outubro de 1969)

Palavras simples a um eleitor

«Disseste que não vale a pena! No íntimo sabes que não tens razão. As razões que evocas não são mais que meras fórmulas vazias de significado, com as quais pretendes, de ti

próprio talvez, esconder essa falta de coragem que te impede de enfrentar os acontecimentos frontalmente, de arcares em consciência com a responsabilidade que se pode revelar decisiva para a comunidade a que pertences.

Um voto, argumentos: que pode interessar o meu voto? Mas já pensastes, porventura, que podem ser muitos a pensar como tu e que não será já então um único voto mas uma legião de votos a faltar à chamada? Não encolhas os ombros. Não sorrias. A hora não é dos cépticos, nem dos neutros. A gravidade das conjunturas impõe-nos responsabilidades a que a nossa condição de homens e de portugueses

não pode deixar-nos indiferentes. É a sorte do teu país, a dos teus companheiros de trabalho, a dos teus irmãos e dos teus filhos que iremos decidir. Disto, sobretudo, é que eu gostaria que te recordasses; nisto, sobretudo, é que eu gostaria que meditasses.

Há pouco tempo ainda, lembra-te?, encontrei-te interessado e actuante: tratava-se, se bem me recordo, de uma importante eleição no teu clube — o Benfica. Bem vês, amigo, que agora o caso é bem diferente e mais transcendente; que não é de mais ou menos golos que nos vamos ocupar, mas sim de questões vitais que dizem respeito à existência de um povo. Não te indico cami-

nho, não te sugiro opções. Tens ainda quinze dias à tua frente... aproveita-os para um trabalho lúcido de actualização e consciencialização. Lê, escuta e analisa as diversas propostas formuladas para a solução dos mais importantes problemas nacionais e toma depois a tua decisão. Apenas te peço e aconselho absoluta isenção e total independência. O voto é um direito que te foi reconhecido e, mais do que isso, é um dever a que te não deves eximir. Na hora própria tu cumprirás o teu dever. Os teus amigos, o povo português, o teu País confiam em ti. Não deves desiludi-los.»

(Orlando Gonçalves, «Notícias da Amadora», 11-10-69)

Ser ou não ser

«Há dias, segundo nos contaram à mesa do Boca do Inferno, perguntaram ao Correia de Moraes qual era, afinal, a cor política do nosso jornal. E ele, com acerto, e sem deixar de usar a sua habitual boa disposição, respondeu que, por tendência pessoal dos que aqui trabalham, poderia ser tanto das esquerdas, como das direitas, por conveniência, melhor seria que se tornasse órgão da situação, mas como o que nós pretendíamos era fazer jornalismo sério, a verdade é que, politicamente, eram incolores. É realmente esta a posição deste jornal: independente e objectivo. Por isso publicámos as listas de todos os candidatos a deputados pelo nosso círculo, só não acrescentando, em relação aos monárquicos, biografia mais detalhada, pela única razão de ela nos não ter chegado às mãos.

Não temos, pois, nestas colunas, qualquer partidarismo político. Mas, até porque acatamos as Leis em vigor, há uma coisa que somos, e orgulhosamente mesmo — republicanos.

Não é Portugal, quase há seis décadas uma República? Não é republicana a nossa actual Constituição, aquela a que temos de jurar fidelidade quando tomamos posse de cargo público, seja alto, seja baixo? E não é a Constituição a Lei Fundamental do Estado Português?

Isto não quer dizer que não tenhamos o maior respeito por aqueles que se confessam monárquicos, até porque achamos que cada um tem o direito de pensar como quiser.

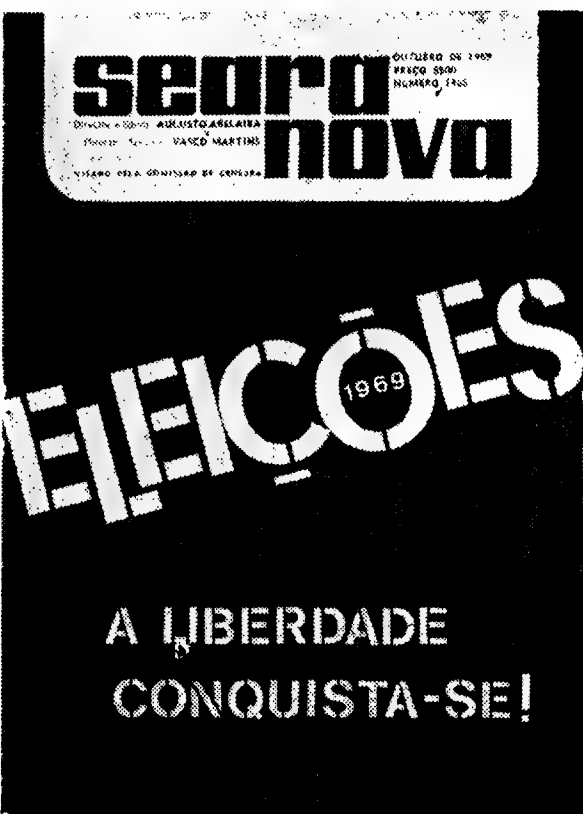
E nesta linha prosseguiremos, mesmo que nos tenhamos de sujeitar, não sem mágoa, a receber missivas, como o fez um senhor, que mandou imprimir nos seus cartões «D. José Vaz de Almada», e que nos escreve a dizer, com toda a delicadeza, acentue-se, que não quer continuar a receber o nosso jornal «pois que, pelo facto de ser monárquico não costuma, nem deseja, ser assinante dum jornal em que se exclama: «Viva a República».

Achamos preferível não fazer qualquer comentário.»

(Jornal de Cascais, 9-18-69)

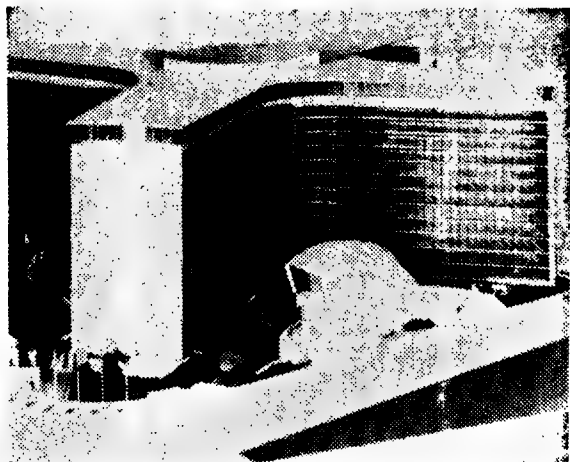
espelho da imprensa

ASSIM VAMOS NÓS



«Seara Nova»

Saiu o número referente a Outubro da revista «Seara Nova». Um número como os outros. Uma capa alusiva às eleições.



A sede da Comunidade Económica Europeia em Bruxelas

Internacionalismo

Coincidência de preocupações no nosso eco «Discutir» (Mesa Redonda, 12 do corrente) e no suelto «Terceiro Assalto» da página de Economia e Finanças do «Diário de Notícias» de 14 de Outubro. Transcrevemos um passo desse suelto:

«Não se vê, na verdade, como poderá subsistir e desenvolver-se um Mercado Comum alargado sem que, paralelamente, seja reforçado o poder executivo supranacional da Comissão de Bruxelas e se generalize, no Conselho de Ministros, o emprego da regra de decisão por maioria. Estarão os grandes países europeus preparados para abdicarem parcialmente da sua soberania nacional em favor de uma Europa integrada? É este o nó do problema...»

Entretanto, para a economia portuguesa a eventualidade de uma rápida adesão do Reino Unido, Irlanda, Dinamarca e Noruega ao Mercado Comum — implicando o desmembramento da E. F. T. A. — constitui perspectiva pouco confortável a curto prazo (já que a longo prazo a integração europeia será para nós não apenas inevitável, como também benéfica, pela especialização produtiva que permitirá).

Só queremos pôr em evidência a tendência internacionalista consubstancial ao Mercado Comum.

NOVOS MODELOS



ADMIRAL • DIPLOMAT • KAPITAN



em exposição na
SOREL
RUA TOMAZ RIBEIRO, 97-A LISBOA
Concessionária da General Motors

Documentos



O problema económico português segundo um estudo da C. E. U. D. de Lisboa

Recebemos da C. E. U. D. o seguinte documento acerca da situação económica portuguesa:

1. Não obstante o ritmo de crescimento económico português ter registado na década de 50 e nos primeiros anos da actual década uma aceleração, não diminuiu a distância que nos separa da generalidade das economias europeias. As taxas de aumento da produção nacional situaram-se abaixo das atingidas por outros países da sul da Europa com níveis de desenvolvimento semelhantes ao nosso; ora acontece que a base de onde partem essas taxas de crescimento é, no caso de Portugal, de nível muito baixo: o produto nacional português por habitante, continua a representar o valor mais baixo, entre os países europeus, com a única excepção da Turquia...

Esta situação de inferioridade — particularmente grave numa época de crescente integração económica internacional, em que os fracos já não podem defender-se com barreiras alfandegárias ou outros protecçõesismos — esta situação, dizíamos, não mostra perspectivas de melhoria; pelo contrário, se observarmos ser Portugal um dos países da C. E. D. que menor parcela dos seus recursos dedica ao investimento produtivo e que, desde há anos, persiste na economia portuguesa uma elarmente relutância em investir, não poderá deixar de reafirmar-se um agravamento da posição de Portugal no confronto das economias europeias.

A efeito conjugado desta debilidade económica com a vigência de estruturas sócio-políticas antidemocráticas parece bem evidente quando se consultam alguns indicadores do nível de bem-estar das populações. Como se sabe, Portugal apresenta capacidades de consumo de proteínas, calorias e gorduras que não só, de um modo geral, são bastante inferiores às médias da Europa industrializada, como ficam, quase sempre, aquém dos níveis apurados nos outros países da sul da Europa; isto acontece não obstante as despesas com a alimentação representarem, entre nós, 50% a 60% dos orçamentos familiares — contra 30% a 40% na Europa desenvolvida. No domínio da habitação, Portugal construiu em 1967 4,2 alojamentos por mil pessoas — contra, por exemplo, 9,4 na Alemanha, 8,4 em França, e 6,5 em Espanha. O nosso País consome em média 530 KWh anuais por pessoa, de electricidade — contra 2,760 na Alemanha, 2,120 em França e 976 em Espanha. As despesas públicas com a Educação representam, apenas, no caso português, 1,4% do produto nacional — a mais baixa proporção entre os países da O. C. D. E. (a qual é de, por exemplo, 5,2% em Itália, 3,9%

na Turquia e 2,2% em Espanha).

No domínio das remunerações do trabalho — apesar do fenómeno recente da emigração forçar a uma subida, sensível sobretudo na Agricultura — verifica-se não ter o aumento real dos salários portugueses sido, em geral, superior ao acréscimo registado nos salários europeus; permanecendo assim, diferenças variando entre 1 para 3 e 1 para 7 em relação aos níveis salariais da Europa — o que, naturalmente, explica a amplitude da emigração.

2. Se o crescimento económico português nos últimos 20 anos foi insuficiente para nos aproximar das médias europeias, nem por isso ele deixou de implicar o agravamento de um certo número de desequilíbrios internos.

Desequilíbrios regionais, por exemplo, como reflexo da estagnação agrícola e da incapacidade de criar zonas industriais e urbanas para além de dois ou três distritos. Só no distrito de Lisboa forma-se cerca de um terço do produto do continente; mais ainda: calcula-se que este distrito recebe outro terço do rendimento nacional que, embora originado noutros distritos, afliu à capital — o que significa estar a processar-se um autêntico fenómeno de exploração por parte de Lisboa em relação ao resto do País.

Por outro lado, a aceleração do desenvolvimento industrial na década de 50 assentou, largamente, numa estagnação de salários proporcionada pela inexistência de verdadeiros sindicatos em Portugal. Não espanta, por isso, que em 1960 apenas 41% do rendimento nacional se destinasse à remuneração do trabalho (contra, por exemplo, 49% em Espanha, 61% na França, 74% na Grã-Bretanha, etc.). A disparidade entre o trabalho e o capital não só não diminuiu, como se alargou: enquanto o produto industrial aumentou, em média, de 8,7% por ano entre 1953 e 1965, a parte distribuída ao factor trabalho subiu apenas de 6,2%.

O que esta desigualdade de repartição de rendimentos significa concretamente pode avaliar-se lembrando que em 1964, mais de 37% dos trabalhadores assalariados da indústria e de 92% dos da agricultura ganhavam menos de 4000 diários.

Independentemente da injustiça social que estes números encerram, a situação reflecte-se, por um lado, numa contínua ausência de estímulo à melhoria de produtividade das empresas e, por outro lado, numa limitação ao alargamento do muito escasso mercado interno. Agrava este panorama o fenómeno da subida generalizada dos preços, bem visível em Portugal desde há mais de dez anos (entre Agosto de 1968 e Agosto passado o índice de preços no consumidor subiu, em

Lisboa, mais de 9%). As deficiências da produção agrícola — sector cuja margem contraria com a eficiência das agriculturas europeias, onde o problema é de excedentes — o volume de despesas improdutivas que significa o facto de, em 1967, 44% das despesas públicas terem cabido à rubrica serviços de defesa militar e seguranças (contra 20% dez anos antes), e, ainda, os reflexos das remessas de emigrantes e receitas de turismo no aumento nominal do poder de comprar interno, são factores conhecidos e frequentemente citados desse desequilíbrio cada vez mais sério entre a oferta e a procura que gera a inflação em Portugal.

3. Apesar de fortemente protegida do exterior pelas pautas alfandegárias e do interior pela ausência dos sindicatos livres e pelo regime do condicionamento industrial, as actividades económicas portuguesas mostram-se de 1960 para cá, cada vez menos seguras. E especial, a necessidade de participar em movimentos de integração europeia eliminou a possibilidade de uma eficaz protecção aduaneira, retirando, ao mesmo tempo, significado ao condicionamento; por outro lado, a emigração maciça para a Europa industrializada provoca, agora, altas de salários, não obstante a inexistência de um sindicalismo representativo.

Nas vésperas de uma aproximação da Grã-Bretanha com o Mercado Comum, que culminará provavelmente com a adesão dos ingleses e de outros países europeus àquele Mercado (integrando a desagregação da EFTA), a situação portuguesa é embaraçosa; ninguém ignora as dificuldades económicas e, sobretudo, políticas que o mercado comum levantará à assinatura de um acordo com Portugal (o exemplo da Espanha é significativo).

Nem sequer nos resta a consolação de termos sabido aproveitar a experiência da EFTA, zona onde beneficiamos de um tratamento favorável. Com efeito, dois terços da forte expansão das exportações portuguesas para o mercado da EFTA (aliás em parte da iniciativa estrangeira) concentraram-se num único sector: os têxteis. De modo geral, limitamo-nos a usufruir, a curto prazo, de uma oportunidade comercial, sem termos aproveitado estes anos para a criação de uma base industrial sólida, formada por sectores tecnologicamente evoluídos, economicamente dinâmicos e produzindo para mercados externos.

Por outro lado, acentuou-se nos últimos anos a integração do sector privado português na rede de relações capitalistas internacionais, pondo em perigo a possibilidade de o País autocontrolar o futuro do seu próprio desenvolvimento.

II

4. Em boa parte, o diagnóstico dos males de que enferma a economia portuguesa acha-se já feito, sendo até possível encontrar, embora parcialmente mutilado, em textos nacionais. O que tem faltado não é a ciência dos económicos, — mas a vontade política a impor as transformações que o progresso económico-social exige e de contrariar os interesses privados para quem tais informações são indesejáveis. Veja-se por exemplo, o que aconteceu com os tímidos esboços de reorganização agrícola, com a chamada reforma fiscal, com a intenção (expressa em preâmbulo de um decreto-lei de há já 4 anos) de alterar substancialmente o regime do condicionamento industrial... repare-se na ausência de «controle» efectivo do Estado sobre as empresas onde, directa ou indirectamente, detém uma

posição... Observe-se a inoperância das tentativas (?) verbais para pôr cobro às especulações sobre terrenos e construção que está na origem da presente crise habitacional... Ou, ainda, veja-se o que acontece no domínio essencial do crédito: não obstante repetidas declarações de intenção, continua a não existir entre nós, em escala minimamente significativa, crédito adequado ao investimento produtivo. Entretanto, a banca privada vai reforçando o seu domínio sobre as outras empresas, que a ela recorrem para obter empréstimos a curto prazo, teoricamente renováveis...

O que se passa com os planos de fomento ilustra, de maneira flagrante, esta ineficácia. Elaborados sem participação autêntica dos interessados, que são todos os portugueses, mas redigidos por técnicos competentes, os planos constituíram óptimos documentos de propaganda interna

e externa — até ao momento em que se tornou demasiado evidente que, para além de suporte de uma missão de relações públicas e de fornecer algumas análises sobre temas de economia nacional (análises muito truncadas, aliás, nas versões finais que vêm a público), os planos de fomento nenhuma influência — positiva ou negativa — exercem sobre a marcha da actividade económica portuguesa.

5. Raiz do problema económico nacional é, na verdade, de natureza política, não podendo esperar-se que alicerces beneficiários de uma orientação tecnocrata.

Sem a institucionalização da democracia sem um socialismo autêntico, sem a participação, a todos os níveis, da população nos negócios públicos — é fatal que os interesses privados de grupos continuem a contro-

(Continua na 8.ª pág.)

A utilização das reservas do Banco de Portugal poderia colocar-nos no plano dos países economicamente evoluídos — afirma a C. E. U. D. do Porto

Da C. E. U. D. do Porto recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«Em 1980, por força da Convenção de Estocolmo, desaparecerão as barreiras alfandegárias entre os países da E. F. T. A. e, por acordo entre esta e o Mercado Comum, é de prever como certa a integração económica de todos os países da Europa Ocidental, o que se traduzirá então na livre circulação de mão-de-obra, matérias-primas, mercadorias e capitais.

Se na década que se vai iniciar não formos capazes de criar uma indústria competitiva, no plano industrial e agrícola, se não criarmos as condições que permitam prender os homens à terra mediante a solução dos problemas de salários, segurança social, educação e habitação, sujeitamo-nos inexoravelmente a um despovoamento total das classes que trabalham, para os restantes países europeus.

Com a manutenção do mesmo quadro político, e com a repetição nas listas da União Nacional dos conhecidos servidores da alta finança e dos grupos de pressão económica, pode afirmar-se, infelizmente sem receio de errar, que o Regime continuará a velar pelos monopólios de

facto, em detrimento de uma reestruturação e reorganização da indústria, que a possa tornar válida e competitiva.

E' sabido que um dos pontos de arranque da nossa economia seria uma reestruturação agrícola, tendo como necessário ponto de partida um emparcelamento e parcelamento coerentes, que o Governo não se atrevia também a fazer, por não ser capaz de neste domínio de algumas latifundiários seus apaniguados.

O que se fez até agora e o que está programado no III Plano de Fomento, em vigor até 1973, não passam de medidas circunstanciais e epidémicas, incapazes de fazer sair do imobilismo o sector agrícola e de impedir até a sua maior degradação.

A taxa de crescimento anual do rendimento da agricultura é 0,5 por cento — a mais baixa verificada na Europa!

Paradoxalmente, e como já vem a ser afirmado desde há vários anos, somos dos poucos países subdesenvolvidos com possibilidades em dinheiro para podermos fazer uma arrancada económica que nos coloque no plano dos países economicamente evoluídos.

Dostaria, nesta altura, fazer funcionar, a exemplo doutros países, as reservas cambiais do Banco de Portugal que se tradu-

zem numa posição relativa das mais altas do Mundo num país que é o mais pobre da Europa Ocidental!

Mas esse arranque económico carecerá ainda de mão-de-obra qualificada, de empresas, técnica e administrativa mente dimensionadas, de um clima de liberdade política e na organização do trabalho, condições essas que o Regime é incapaz de criar.

A nota viva do estado de degradação económica do País é dada pelo fenómeno da emigração, a processar-se em ritmo crescente e alarmante.

Os emigrantes funcionam, momentaneamente, como elemento de equilíbrio da balança de pagamentos — só no ano de 1968, segundo censo, fizeram entrar no País 8 milhões de contos — mas, em termos económicos, o benefício real do seu trabalho vem a reflectir-se na economia dos próprios países em que se radicaram e não aqui, a não ser apenas negativamente, como factor inflacionista.

Perdida a mão-de-obra válida — que resta ao País para um programa de aceleração económica imediata?

Com os mesmos quadros e as mesmas inibições, o Regime — que continua a ser o mesmo, apesar do seu ar liberalizante e dinâmico — está impossibilitado de promover o progresso económico do País.

PERFIL DOS CANDIDATOS

Da C. D. E. de Bragança

De acordo com elementos fornecidos pela respectiva Comissão, publicamos a seguir os principais dados biográficos dos candidatos da C. D. E. de Bragança:

Agostinho Guedes Rafael

AGOSTINHO JOSÉ GUEDES RAFAEL, de 31 anos, natural de Mirandela,



Agostinho Guedes Rafael

é aluno voluntário do quarto ano de Direito da Universidade de Lisboa e frequentou a Universidade de Coimbra, onde teve participação na actividade associativa académica, tendo sido membro do primeiro Secretariado do Conselho das Repúblicas, sócio fundador e impulsor da Cooperativa Académica de Consumo «Unifas», e representante da lista proposta pelo Conselho das Repúblicas junto das autoridades, na qual era proposto para membro da mesa da assembleia geral da Associação Académica de Coimbra, lista que foi, depois, votada por esmagadora maioria. Frequentou, no Instituto de Novas Profissões, o curso de Direcção e Gestão de Empresas, no qual se revelou aluno distinto e que utilizou em várias actividades específicas da Indústria.

Domingos Ponte

DOMINGOS RODRIGUES PONTE, nasceu



Domingos Ponte

em Vinhais, em 1933, é licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, e exerceu as funções de conservador e notário na Madeira e, mais tarde, em Botas. Actualmente dedica-se à advocacia, tendo escritórios em Bragança e Vinhais.

João António Vicente

JOÃO ANTÓNIO VICENTE, nasceu em Vinhais, há 27 anos, frequentou o Liceu Fernão de Magalhães, de Chaves, e tirou o curso de regentes agrícolas na Escola Agrícola de Santarém, defendendo tese sobre *Tecnologia Agrícola* e sendo classificado com distinção. É delegado, em Trás-os-Montes, do Sindicato Nacional dos Regentes Agrícolas e tem desenvolvido, em vários jornais e revistas, uma campanha de esclarecimento de temas sociais e técnicos relacionados com a sua profissão. Foi membro da comissão cultural da Escola Agrícola de



João António Vicente

Santarém e promoveu, recentemente, em Chaves, um colóquio sobre Agricultura.

Luís Teixeira Neves

Luís José Nuno Passanha Teixeira Neves, nasceu em 1922, em Mirandela, e passou a maior parte da infância e adolescência em Bragança. É licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Universidade de Coimbra e exerce, há vários anos, a profissão de jornalista. Participou, na qualidade de dirigente, nos movimentos académicos dos anos de 1947 e 1948 e deu o seu activo apoio ao Movimento de Unidade Democrática e às campanhas das candidaturas dos generais Norton de Matos e Humberto Delgado, do prof. dr. Ruy Luís Gomes e do dr. Arlindo Vicente. Foi presidente da direcção da Sociedade Cooperativa Editora Norte e vice-presidente da direcção da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. Tem colaboração de carácter sociológico e literário

dispersa por vários jornais e revistas, parte considerável da mesma sobre temas transmontanos. Publicou três volumes de ensaios: *Por um tempo europeu num espaço português*, em que defende um diálogo sem reservas para uma solução europeia dos problemas portugueses; *Introdução a um realismo difícil*, em que aborda a



Luís Teixeira Neves

uma nova luz, alguns problemas actuais do progressismo e condena todas as formas de opressão da consciência individual ou colectiva, venham da direita ou da esquerda; e *Liberdade de Imprensa e dignificação da palavra*, em que ilustra, com exemplos da sua experiência pessoal, os inconvenientes da supressão da liberdade de expressão.

Da C. D. E. de Vila Real

Segundo elementos fornecidos pela respectiva Comissão Eleitoral, publicamos a seguir os principais dados biográficos dos candidatos da C. D. E. de Vila Real:

José Alberto Rodrigues

José Alberto Rodrigues, de 63 anos, é natural de Cabanas ou Cabaninhas, concelho de Valpaços e



José Alberto Rodrigues

exerce a advocacia. Participou, activamente, em todas as campanhas da Oposição Democrática, desig-

nadamente no M. U. D. e na candidatura do general Humberto Delgado, tendo feito numerosas conferências. Foi membro da Comissão Central do Movimento Democrático. Foi candidato a deputado, na última campanha eleitoral, por Braga, em 1965.

Montalvão Machado

Julio Augusto de Montalvão Machado, nascido em



Montalvão Machado

Julho de 1928, licenciou-se em Medicina em 1952. Exerce a especialidade de oftalmologista, em Chaves, desde 1957. Pertenceu ao M. U. D. Juvenil e tomou parte nas campanhas eleitorais do general Norton de Matos e do general Humberto Delgado.

Otilio Figueiredo

Otilio de Carvalho Figueiredo nasceu em 1909, em Vila Real. Licenciou-se em Medicina pela Universidade de Coimbra e tem os cursos profissionais de Medicina Sanitária, Tisiologia e a especialidade de Pediatria. Foi membro da direcção do Centro Académico Republicano (1929), presidente da direcção do Orfeão Académico de Coimbra (1933-34), director do jornal de Medicina «Paracelso», do jornal de «Letras Artes e Ciências» e representante da Academia de Coimbra no Senado Universitário (1934-35). Com Oscar Lopes, organizou em Vila Real, em 1948, uma série de conferências, correram alguns dos maiores artistas nacionais. Foi médico municipal em 1938. Tomou parte activa no



Otilio Figueiredo

Organizou exposições de arte em Vila Real, salientando-se a de 1958 (pintura e fotografia), às quais com M. U. D. e subscorreu a candidatura do general Norton de Matos à Presidência da República. Fez parte da comissão de apoio à mesma candidatura e à do general Humberto Delgado.

Sousa Botelho

Camilo de Barros de Sousa Botelho, de 55 anos,



Sousa Botelho

é natural e residente na freguesia de Faveiros, concelho de Alijó. Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito de Lisboa, exerce advocacia na comarca de Alijó. Tomou parte activa nas campanhas eleitorais do M. U. D., do general Norton de Matos e do general Humberto Delgado.

Os novos candidatos por Braga

Segundo elementos fornecidos pela respectiva Comissão Eleitoral, damos a seguir as biografias dos novos candidatos pela C. D. E. de Braga, em substituição dos rejeitados pelo Governo Civil:

Eduardo Ribeiro

Eduardo Ribeiro Martins, tem 43 anos e é casado, natural de Guimarães, onde reside.

Frequentou o Curso Elemental de Comércio nas escolas técnicas de Guimarães e Braga, nos anos de 1940 a 1943. Trabalhou como guarda-livros até 1947, data em que assentou praça no Regimento de Cavalaria 6. A partir de 1949 dedicou-se à actividade de construção civil na empresa familiar de que ainda é colaborador.

Durante os anos de 1963-67 frequentou, na Escola Técnica de Braga, o Curso Nocturno de Construtor Civil, que concluiu com alta classificação, sendo-lhe por isso atribuído pela escola o prémio «Comendador Santos da Cunha». Participou no Colóquio da Construção Civil que se realizou em Lisboa, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil e em diversos cursos de especialidade. Pelo presidente do Sindicato dos Construtores Civis foi proposto para dirigir a secção cultural da delegação do Porto.

É autor da tese apresentada no II Congresso Republicano de Aveiro intitulada «Habitação — problema social». É membro do Rotary Clube de Guimarães desde 1959. Proferiu palestras e temas pro-

fissionais e doutros em alguns Rotary Clube. É, recentemente, no de Braga, apresentou um trabalho intitulado «A Influência da Habitação no Homem», seguido de colóquio.

Participou nas campanhas



Eduardo Ribeiro

nas do general Delgado em 1958, dos deputados de Braga em 1961 e foi candidato da Oposição Democrática de Braga em 1965.

José Sampaio

José Araújo Pereira Sampaio, tem 40 anos e é casado, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, exerce advocacia em Braga onde reside e donde é natural.

Em Coimbra, foi um dos fundadores da «república» académica dos Páxas, e delegado de curso do 5.º ano jurídico à Associação Académica. Tem pertencido à direcção da Associação Ju-

rídica de Braga, onde proferiu uma conferência sobre problemas da especialidade. É membro do Rotary Clube de Braga, onde também tem exercido actividade cultural.

Participou desde 1945 no M. U. D. Juvenil, e mais tarde nas campanhas eleitorais para a presidência da república dos candidatos general Norton de Matos (1949) e dr. Arlindo Vicente (1958).

Foi um dos impulsoradores das campanhas democráticas no distrito de Braga para as eleições legislativas de 1957, 1961 e 1965, tendo sido advogado dos candidatos Victor de Sá, em 1961, e Humberto Soeiro, em 1965, nas reclamações para o Supremo Tribunal Administrativo das decisões do Governador Civil de então.

Em 1961, presidiu ao grandioso comício de propaganda efectuado no Teatro-Circo.



José Sampaio

A conferência de Imprensa da União Nacional

(Continuação da 1.ª página)

dr. Melo e Castro não pôde responder no momento, por não trazer os dados necessários consigo, outra surgiu, desta vez sobre a linha geral das tomadas de posição dos candidatos.

Mais uma vez foi o presidente da Comissão Executiva do Organismo Político quem se encarregou da resposta. Começou por salientar que, desde o início da campanha, houve o desejo de que todos os temas fossem tratados. A U. N., por seu turno, aludira a duas grandes opções: progresso cultural e sócio-económico e não abandono do Ultramar. E declarou que estas opções constituíam a linha dorsal dos 13 manifestos.

O candidato Ulisses Cortês leu, então, uma breve declaração preliminar.

— Quando em África se bate e morre a juventude portuguesa, não considero legítimo — constitui mesmo empresa de desmoralização — pôr em dúvida, na retaguarda, as razões do seu combate. Parafraseando o grande escritor Albert Camus, observarei que entre a Pátria e a liberdade sou, evidentemente, pela Pátria. Direi mesmo que contra a Pátria não há liberdade. Relativamente aos problemas do desenvolvimento económico reafirmo, com base nas publicações mais qualificadas, que as nossas cadências de expansão excedem os padrões internacionais de crescimento e superam, nos últimos anos, os níveis registados nos países evoluídos da Europa Ocidental. Todavia — e sem embargo do reconhecimento de amplitude da obra do Governo — a minha atitude é de insatisfação e de ardente anseio no sentido de atingirmos rapidamente e mais elevadas metas do progresso. Essa é também a finalidade do III Plano de Fomento.

Mais adiante, o dr. Ulisses Cortês referiu a necessidade de se modernizar os métodos de ensino, com vista à preparação de novas camadas preparadas para desempenhar as tarefas concretas da vida nacional. E afirmou:

— Sempre tive presente que o homem é o capital mais precioso.

Depois de dizer que não sabia dissociar progresso cultural e científico de desenvolvimento económico, preconizou especial carinho pela Agricultura, que atravessa dificuldades, por parte do Governo, a par de uma atenção permanente, havendo que se fazer uma política de reconversão agrícola e melhoramento de equipamentos, para se atingirem níveis de produtividade. E depois:

— Não vou contestar que o País não superou ainda o seu atraso.

O antigo ministro das Finanças recordou, depois, que o País estava a atingir o limiar para ser tido como país em estado de desenvolvimento, ultrapassando o limite dos 500 dólares por capita (523 dólares, mais precisamente, como referiu). Dizendo que continuava a ser um insatisfeito, afirmou que, no entanto, nos últimos anos, o País tivera um ritmo acelerado de desenvolvimento e, no último triénio, esse ritmo fora supe-

rior ao de muitos países da Europa.

«NADA TEMOS A INVEJAR AO ESTRANGEIRO»

E o dr. Ulisses Cortês afirmou:

— Situando os problemas no conjunto português, não apenas pensados em relação à Metrópole, mas a todo o conjunto, nada temos a invejar ao estrangeiro. O auxílio económico às províncias do Ultramar, é o mais elevado do Ocidente, exce-

dendo, em proporção, o que os Estados Unidos proporcionam aos países subdesenvolvidos.

Terminada a declaração do antigo membro do Governo, surgiu uma pergunta relacionada com a declaração dos candidatos da U. N. do Porto sobre as liberdades públicas. O jornalista desejava saber se a declaração exprimia o ponto de vista desses candidatos apenas, ou o da generalidade dos candidatos da U. N. Respondeu o dr. Melo e Castro, que disse

terem os candidatos em causa feito essa declaração em seu próprio nome. E prosseguiu, dizendo que isso era mais uma afirmação, reconhecida, aliás, por exemplo, pelo dr. Mário Soares, de que dentro da U. N. existia efectiva pluralidade de ideias — o que correspondia aos próprios estatutos do organismo — sublinhou. Disse, por outro lado, que essa pluralidade não existia pela primeira vez, pois já aquando da fundação da U. N., em 1934, as grandes figuras dos par-

tidos existentes nos primeiros 16 anos da República haviam aderido ao organismo — salvo os elementos do Partido Democrático Português. Nos primeiros, deu o exemplo do conselheiro Albino dos Reis. Apontou ainda, pelos mesmos motivos o ano de 1947 e o actual, «onde se verificara a entrada de pessoas com tendências políticas algo diferentes das que aparentemente predominavam na U. N.»

A pergunta seguinte, feita pelo representante do

«New York Times» — «A U. N. poderá não ganhar as eleições em algum distrito? Em caso afirmativo qual ou quais? Seria desejável que a U. N. ganhasse em todos?» — começou por responder o dr. Ulisses Cortês, que disse haver numa luta possibilidades de derrota e de vitória. Afirmou, depois, não saber se a Oposição poderia ou não ganhar em algum distrito. Quanto ao facto de ser desejável a entrada da opo-

(Continua na 8.ª página)

Bull-General Electric lança o GE/58 primeiro ordenador para pequenas empresas a "circuitos cruzados"



O primeiro «circuito» do GE-58 — que podemos chamar «horizontal» — é comum a todos os ordenadores: vai desde a entrada, sob a forma de cartões, sobre perfuradora, marcás manuscritas... até à saída, sobre impressora rápida, passando pela unidade central, com interferência da memória a discos magnéticos. É, simplesmente, mais flexível, graças à sua memória a discos e aos circuitos integrados da unidade central. Permite a gestão automática de stocks, a contabilidade geral ou analítica, vencimentos, facturação...

A característica revolucionária do novo GE-58, é, porém, o seu segundo circuito: o «circuito vertical» — o acesso directo à memória a discos por teclado. Funciona de duas formas:

— Pela introdução, em qualquer momento, de novos dados, através do teclado, os quais são imediatamente registados na memória a discos e utilizados no «circuito horizontal». Assim, os trabalhos de gestão fazem-se, sempre, sobre elementos actualizados

— Pela interrogação, a todo o momento, da memória a discos, também através do teclado. Aquela contém até 23 milhões de números, comunicáveis sobre «ecrã» numa fracção de milissegundo.

O «circuito horizontal» e o duplo «circuito vertical» funcionam simultaneamente, e fazem do GE-58 o primeiro ordenador a «circuitos cruzados» para pequenas e médias empresas.

Para si, e para a sua empresa, cujo sucesso depende do dinamismo e aptidão de resposta rápida a todas as solicitações do mercado, existe, agora, o GE-58. Envie-nos o «coupon» junto e receberá documentação que lhe permitirá conhecer melhor o novo GE-58, da Bull General Electric.

BULL
GENERAL ELECTRIC

ORDENADOR DE BUREAU GE-58
DOCUMENTAÇÃO A ENVIAR PARA:
NOME _____
EMPRESA _____
MORADA _____

Impõe-se uma revisão e actualização



Mesa-redonda em que tomaram parte Francisco Rolão Preto (C. E. M.), Francisco de Sousa Tavares (C. E. U. D.) e Joaquim Mestre (C. D. E.). Interveio como moderador o nosso camarada de Redacção Amadeu Lopes Sabino.

MODERADOR — A importância das definições e opções de política internacional no campo da política geral torna-se progressivamente maior. A extensão de modo de produção capitalista a toda a superfície do globo, a evolução tecnológica, a universalização da informação, colocam problemas comuns às várias comunidades humanas. Nenhum Estado, tal como nenhum povo, está hoje isolado, antes vive ligado por laços indissolúveis a outros Estados, a outros povos. Esses laços (geográficos, económicos, culturais, etc.) adquirem uma expressão política e colocam as forças que no interior de cada comunidade politicamente organizada se defrontam, perante a urgência de definições de solidariedades a nível internacional. Nenhum grupo social ou político, detenha ou não o Poder, vive isolado. O seu isolamento é-o sempre apenas em relação a um determinado sistema de relações e é a procura de integração em outro ou outros. Por exemplo, o isolamento da China face à chamada «comunidade internacional» tem radicado na necessidade objectiva experimentada pela República Popular de uma aproximação em relação aos povos em luta contra os vários imperialismos. Também o chamado «isolamento» de Portugal tem significado para os governos do Estado Novo a possibilidade de criação de certas alianças e a solidificação de determinadas amizades, com exclusão de outras que seriam incómodas. De tudo isto, decorre a importância, numa campanha eleitoral que se pretende tanto quanto possível clarificadora e reveladora, do tema «política internacional». Na mesa-redonda aqui reunida, julgo importante que os candidatos presentes definam as suas opções numa dupla perspectiva — dir-me-ão se estão de acordo ou não. Prioritariamente, quais as opções programáticas no campo da política internacional, dos respectivos movimentos políticos. Por outro lado, quais as soluções que as listas respectivas julgam úteis, de acordo com uma «política do possível» propor na Assembleia Nacional,

no caso de serem eleitas. De qualquer modo, aceitando ou não aceitando esta dupla perspectiva (é absolutamente admissível que dela discordem, que digam porquê), eu proporia que abordassem nas vossas intervenções as grandes questões da política internacional do Estado português — manutenção da actual política de «isolamento» ou a recusa dessa política; integração plena ou não na Comunidade Internacional e nos seus organismos — O. N. U. e outros organismos de vocação mundial; posição face à chamada «política de blocos» e aceitação ou não aceitação do jogo que dela decorre; relações com os Estados Unidos da América e com o bloco ocidental; participação portuguesa na N. A. T. O.; relações com o bloco socialista; integração europeia; relações com Espanha, com o Brasil e com a Inglaterra, que me parecem merecer uma referência à parte; relações com o Terceiro Mundo.

ROLÃO PRETO — Eu, quanto à C. E. M., penso que realmente há que rever, repensar, os termos em que se tem orientado a nossa política externa, em função, primeiro da crítica a fazer sobre o que se fez. Depois, quais os horizontes actuais e como se devem interpretar numa nova orientação de política externa. Primeiro, penso, pois, que seria bom examinar o que realmente se fez ou o que se não fez, ou o que se fez errado. Eu penso que num país como o nosso, um país marítimo, evidentemente nós não podíamos ter outra política que não fosse aquela em que se conta com o mar e o seu apoio. Foi essa política sempre bem orientada neste período de 40 anos de regime? Corresponde ela às tradições da nossa política externa de todos os tempos? Houve todo o cuidado em prevenir as consequências duma mudança de política externa, se é que essa mudança de facto existe? Parece que responder primeiro a estas perguntas será criar a base da parte positiva a expor. 1.ª — A nossa política externa, baseando-se no mar, baseava-se na

Aliança Inglesa. Continuou-se fiel a essa Aliança inglesa ou houve circunstâncias ou táticas políticas que desviaram o êxito dessa Aliança? Penso que de facto nos desviámos da nossa política tradicional quanto à Inglaterra. E desviámos não só criando uma política externa que se chocava com essa tradição como deixando de prevenir as consequências dessa mudança, alargámos mais a distância que nos separa dessa política da Aliança Inglesa. De facto, afastámo-nos da Aliança Inglesa quando tivemos ou quisemos aproximar-nos da Espanha. Esquecemo-nos de que a Inglaterra sempre viu com grandes ciúmes a nossa aproximação da Espanha. Ouvi, em tempos, dizer mesmo a um ministro inglês, em Lisboa, estas palavras que jamais esquecerrei: «No dia em que Portugal e a Espanha se entenderem, a bem ou a mal, terá soado uma hora difícil para o Império Inglês». Mais, quando em Lisboa se quis montar um instituto chamado «António Sardinha» soubemos que a Inglaterra tinha feito reparo e pressões para que se não fizesse esse instituto, porquanto António Sardinha tinha defendido a tese da aliança peninsular. De sorte que a nossa aproximação da Espanha, sem o cuidado de prevenir as consequências, trouxe-nos com certeza o afastamento da Grã-Bretanha, nas circunstâncias em que nós precisaríamos que ela estivesse presente. E quando chegou a hora da crise, a Inglaterra, segundo a própria confissão do chefe do Governo do então, não estava presente. E o chefe do Governo atribuiu a isso mesmo o nosso desastre da Índia.

MODERADOR — O dr. Rolão Preto acha, portanto, fundamental que a política externa de Portugal volte a ter por base a Aliança Inglesa...

ROLÃO PRETO — Ela e as alianças que a gente tem neste momento. Mas não deixar afastar da política inglesa as nossas alianças. Quer dizer, entendo que mesmo

que tenhamos outras alianças e até mais poderosas, a nossa Aliança Inglesa interessa, quanto mais não seja, porque ela de certo modo equilibra o peso das outras.

SOSA TAVARES — Quando se fala em opções programáticas isto envolve logo uma dificuldade de definição. Uma política estrangeira deve obedecer evidentemente a determinado tipo de opções. O que é que se pode pretender, hoje em dia, com uma política estrangeira? Tradicionalmente, pretendia-se com uma política estrangeira, predominantemente, a defesa da independência e a garantia dessa defesa. Suponho que no nosso tempo essa preocupação não é predominante. Uma política estrangeira, hoje em dia, deve ter outros motivos fundamentais de escolha, chamemos-lhe assim. Outras razões de opção que não sejam propriamente a de segurança, a de defesa da independência. E, portanto, eu penso que as duas linhas de opções fundamentais, hoje em dia, devem ser a opção cultural, a opção comercial, quer dizer a opção de interesses comerciais e a opção de interesses culturais. Evidentemente, também, uma opção humana, no sentido de que devemos procurar favorecer todos os movimentos que sejam, na realidade, de progresso, no sentido de criar um direito internacional autêntico e, portanto, da criação progressiva e cada vez maior de organismos internacionais. Suponho que hoje assistimos ao século em que a plena independência das nações cessou e muito difícil, mesmo às grandes nações, mesmo às potências nucleares, considerarem-se hoje totalmente independentes. A interdependência dos povos (é mesmo uma banalidade falar nela) é hoje de tal maneira grande que não há nações verdadeiramente independentes. As nações integram-se em todos mais vastos e cada vez se tenderá mais para isso. Portanto, essa terceira linha de opção será, evidentemente, a da escolha do todo em que fatalmente, duma maneira ou doutra, Portugal se virá a integrar num futuro, ainda que conservando todas as suas formas próprias de administração e de cultura. Portanto, as nossas opções são exactamente aquelas que forem ditadas pelo interesse nacional sobre estes três aspectos, não só pelo interesse nacional como pelo interesse humano. Quanto à distinção entre opções programáticas e posições imediatamente possíveis eu não estou totalmente de acordo com ela, quer dizer, digamos que as posições imediatamente possíveis têm que ser as de repercussão das opções fundamentais, mas dentro daquilo que é possível em cada momento. Quer dizer, não é um outro capítulo, não são posições diferentes, são as mesmas mas tendo em conta aquilo que em cada momento é possível realizar. Suponho que, por enquanto, não gostaria de entrar em pormenor, gostaria só de definir este princípio aquilo que determina as nossas opções fundamentais.

JOAQUIM MESTRE — Eu começo por discordar deste dualismo de posições, apresentado pelo moderador, porque me parece que não é possível fazer uma distinção entre uma política a defender, eventualmente, na Assembleia Nacional e aquilo que se possa considerar como opções fundamentais, quer ao nível do movimento político, quer ao nível pessoal. Não me parece que uma Assembleia Nacional possa ser a expressão real duma nação se os seus membros não levarem para essa Assembleia as suas verdadeiras opções de carácter político. A não ser assim é natural que uma Assembleia Nacional não exprima a verdadeira vontade nacional e pode-se cair no erro de soluções a curto prazo com consequências de ordem histórica, que podem ser graves. Portanto, eu entendo que na Assembleia Nacional a única política que um deputado pode defender é a política que realmente acha que é a melhor. Não há políticas possíveis nem políticas impossíveis. Há políticas e umas são aplicadas outras não são, simplesmente é muito difícil fazer uma distinção entre política possível porque historicamente se revela que muitas vezes o impossível lógico, historicamente, acontece. Aquilo que, e entrando propriamente na posição programática da C. D. E., aquilo que a C. D. E. defende como posição política no domínio internacional, consta do seu programa que se encontra devidamente divulgado. Essa posição parte duma análise da política do regime que não está feita no programa, mas que, de qualquer modo, serve de base às opções finais tomadas. Essa análise de política do regime, durante estes longos 43 anos, parece poder definir-se como uma política exterior com 3 características fundamentais: 1.ª uma política

ofic
pol
me
pr
Po
qu
co
ria
vis
so
se
lóg
ide
int
um
ter
po
aci
N.
T.
cia
coi
çã
do
grã
a
abs
per
ma
difi
me
um
car
qu
vol
ter
tica
enci
nei
re
ma
imp

M
qu
par
e
alia
nac

F
que
pro
est
tam
mo
afri
ger
res
mei
res
que
naç
pel.
Qu
pos
put
sa

mer
mer
apri
ças
um
Pen
ção

do da política externa portuguesa?

oficialmente pragmática, quer dizer, uma política que tenha, em cada um dos momentos históricos, resolver determinados problemas conjunturais, a qualquer preço. Por outro lado, parece-me ser uma política que tem oscilado, durante todo este tempo, conforme e de acordo aos ventos da história. Finalmente, parece-me uma política que visa defender uma determinada estrutura social, um determinado sistema político, sem grandes preocupações de ordem ideológica ou humana. As opções de carácter ideológico-humano foram tomadas ao nível interno e a política externa tem sido apenas um processo de efectivar essa política interna. Esta política com o decorrer do tempo, levou à dependência em que Portugal actualmente se encontra dos países da N. A. T. O. e da própria Organização N. A. T. O., e tem levado ultimamente, e especialmente a partir de 1961, portanto do começo das guerras coloniais, à aproximação com os regimes da Rodésia e da África do Sul, tem levado a um afastamento progressivo do Terceiro Mundo e tem levado a uma política de isolamento internacional absolutamente indesejável. Daí que nós pensemos que haveria que estruturar numa maneira nova e segundo linhas totalmente diferentes, uma política externa. E, conforme consta do nosso programa, defendemos uma política de estrita neutralidade, implicando a saída da NATO e a não adesão a quaisquer pactos militares, que possam envolver o País em conflitos que em nada interessam à população portuguesa; uma política de aproximação com os países do Terceiro Mundo, particularmente com os que encetaram uma política progressiva e de neutralidade; e, em último lugar, a aproximação com os países africanos que ainda representam um obstáculo à expansão dos imperialismos neste continente.

MODERADOR — Peço ao dr. Rolão Preto que indique quais as vias pelas quais, para além de um reforço da Aliança Inglesa e para além da manutenção das actuais alianças, se deverá orientar a política internacional de Portugal.

ROLÃO PRETO — Outras vias (eu noto que tenho de me cingir às deliberações do programa que defendo) as outras vias são: estamos na NATO e devemos continuar; estamos na ONU e devemos continuar; devemos procurar as Alianças com os povos africanos, considerados úteis, de um modo geral, à civilização e à nossa própria interesse, e a meu ver devemos juntar no número dos aliados. Devemos manter o interesse da Aliança Inglesa, porque sabemos que na Assembleia da ONU cada uma das nações presentes, não vale só por si, mas pelas alianças ou amizades que possa ter. Quanto à N.A.T.O. não me parece que nos possa cumprir, como candidatos, como deputados, amanhã, resolver um problema dessa transcendência sem se medir, no mo-

MODERADOR — O dr. Sousa Tavares afirmou que as definições de política internacional deveriam ter por base opções de carácter cultural comercial e humano. Gostaria que especificasse quais as opções concretas que, neste momento, deveriam ser feitas.

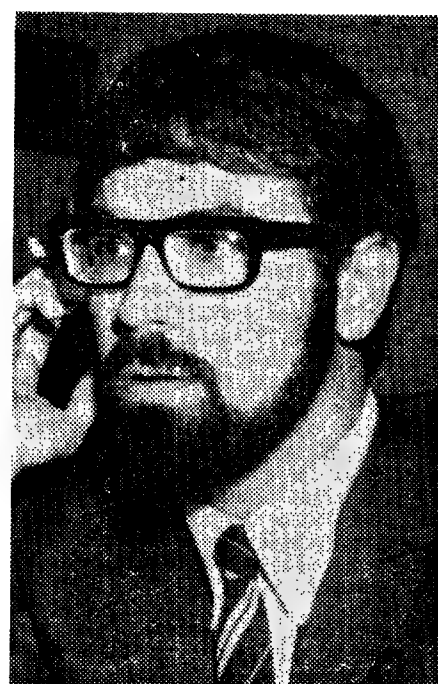
SOUSA TAVARES — A política externa portuguesa é, evidentemente, complicada e dificultada pela política interna do país. Quer dizer, a manutenção a todo o custo duma situação política ilegítima e contrária à vontade do povo, influência profundamente a política externa e tira ao Governo da nação a liberdade de fazer uma política externa verdadeiramente útil e de longo alcance para o país. Quer dizer, a preocupação do Governo tem sido, realmente, a de defender a situação interna portuguesa, a defender as suas opções políticas a cada momento, socorrendo-se dos apoios internacionais ou das simpatias internacionais que em cada momento pudesse obter pelos seus tipos de política. Parece-me, isto, perfeitamente errado e chego, portanto, à conclusão de que a definição duma política exterior, como nós a pretendemos, só seria possível, na realidade, com uma libertação prévia do poder político em Portugal. A política exterior, tal como eu a concebo, tem de assentar num dado, que é um dado de facto, Portugal é um país do ocidente europeu, portanto, está integrado num determinado tipo de civilização e está integrado numa determinada evolução histórica, da qual dificilmente se poderá separar. Inclusive, não alargamento a que eu me referi do direito internacional e das relações entre os povos, o lugar português não pode deixar de ser a Europa ou inclusive, ou especificando ainda mais, a Europa Ocidental. Isso, portanto, dá-nos um 1.º tipo de opção: os nossos interesses culturais, técnicos, civilizacionais, económicos, são essencialmente solidários com a Europa e, portanto, tudo quanto seja sair duma posição essencialmente europeia e que infelizmente, em grande parte, temos estado a sair, por necessidade política e até por atraso económico e social, é comprometer a política externa portuguesa nas suas raízes fundamentais. Uma 2.ª linha de opção, mas que entrará aqui no programa especificado, é, evidentemente, o estreitamento de relações culturais com o Brasil e com a Espanha. Que é uma afirmação permanente, retórica, unicamente retórica, mas a qual no mundo dos factos nada se tem feito de sério e nada se continuou a fazer de sério. Quer dizer, a expansão da cultura portuguesa e a sua íntima ligação com a cultura espanhola e com a cultura brasileira, intimamente afins à nossa, e das quais a nossa precisa e cuja separação tem sido, inclusive, um erro histórico. Finalmente, a 3.ª linha de opções obriga-me a dizer que Portugal deve ter boas relações com todos os estados do mundo, em prin-

que tudo isto envolve uma modificação da política portuguesa sobre muitos aspectos. Entrando em detalhes maiores: eu não creio que seja possível, e atendendo à 1.ª linha de opiniões que formulei, uma saída de Portugal da NATO, no momento presente. Penso que Portugal deve procurar dentro da NATO uma posição não militar, quer dizer uma posição não flexível, como a da França. Essencialmente independente, mas

o País em jogo. Ora, é perfeitamente possível que através duma luta de pactos, o país possa vir a ver envolvido numa guerra para que nada contribua, que não perceba e que, de facto, nada lhe diz. Aliás, esta saída da N.A.T.O., seria uma saída que realmente corresponderia a um anseio geral creio que hoje ao nível europeu, de desarmamento geral e especialmente na Europa. Isto corresponde a uma ideia, hoje



Joaquim Mestre



Amadeu Lopes Sabino

não deve, de facto, separar-se das suas ligações ocidentais que são o Mundo no qual, naturalmente, se encontra integrado. Quanto às suas relações com o Terceiro Mundo elas encontram-se prejudicadas enquanto o problema ultramarino português não se encontrar resolvido. E, portanto, acho difícil uma definição duma política portuguesa em relação ao Terceiro Mundo sem uma solução interna, digamos assim, no quadro constitucional português dos problemas, sobretudo de Angola e Moçambique. Que nos fazemos, inclusive, como a CEUD tem várias vezes acentuado, procurar alianças espúrias com as quais nós nada temos a ver e que são até refractárias aos nossos profundos sentimentos, e à profunda ideologia do povo português, como sejam as alianças da Rodésia e da União Sul Africana.

MODERADOR — Após o dr. Rolão Preto e o dr. Sousa Tavares terem referido, com uma certa insistência, a ligação de Portugal ao Ocidente e à NATO, peço-te Joaquim Mestre, que indiques a posição da C. D. E. perante esta orientação, na medida em que na tua exposição inicial isso não ficou completamente expresso. Em que termos é que uma ruptura com a N. A. T. O., significaria ou não uma ruptura com o Ocidente e com a política do Ocidente? Peço concretamente que te pronuncies também sobre uma possível saída «parcial» da N. A. T. O., nos termos em que a C. E. U. D. propõe.

SOUSA TAVARES — Nós não propomos uma saída propomos uma posição diferente...

MODERADOR — Se eu bem entendo, a C.E.U.D., propõe uma saída do pacto militar e a continuação, à francesa, na Aliança.

SOUSA TAVARES — Tal e qual. Aliás a nossa presença no pacto militar pouco ou nenhum significado tem para a própria N. A. T. O.

JOAQUIM MESTRE — O que está em causa no programa da C.D.E. e que eu expressei à pouco é, de facto, a saída da N. A. T. O., e a não adesão a qualquer pacto militar que, por conseguinte, possa, e dada a sua lógica interna, envolver o País em conflitos, que dependerão de problemas de ordem não especificadamente portuguesa, envolvendo, apesar disso, a população portuguesa num eventual conflito. É isto precisamente que se tenta evitar, porque se pensa que um conflito armado em que uma nação, neste caso particular Portugal, possa envolver-se tem de ser um conflito que necessariamente tenha posto, ou possa pôr,

mais ou menos vulgarizada, de que era extraordinariamente importante para o futuro desenvolvimento da Europa, não só o desaparecimento da N. A. T. O., como o do Pacto de Varsóvia. E seria portanto, digamos a solução ideal, para toda a Europa, digamos, para um regresso à calma no Ocidente, o desaparecimento destes dois pactos militares. É evidente que a saída da N. A. T. O., implica determinados problemas, bastante melindrosos, que haveria de solucionar. Simplesmente, todos os pactos têm, pelo menos na sua contextura articulada, determinados processos previstos de desvinculação. E, portanto, quando se propõe a saída da N. A. T. O., não se propõe uma saída abrupta, imediata, para já, e podendo acarretar qualquer consequência desastrosa, mas, até dentro do próprio sistema do pacto. Nomeadamente no final dos prazos, quando da respectiva renovação. Isto uma hipótese. Por outro lado, esta política de separação da N. A. T. O., não é de modo algum, não pode ser entendida como uma política anti-occidental, antes pelo contrário, nós pensamos que numa política, no futuro, verdadeiramente ocidental terá que passar por um desarmamento de carácter militar. Mas não só, visto que esse desarmamento terá que ser também económico, social e cultural. Portanto, esta linha de orientação é uma linha de orientação de concórdia, de coexistência entre os povos, e, de facto representa, ou pretendia representar, uma pedra sobre uma organização, um determinado modo de viver internacional, herdado do fim da II Guerra Mundial, e que foi possível apenas, segundo pensamos, dando o aparecimento da guerra fria. Terminada essa fase de guerra fria parece, pois, que haverá que reestruturar toda uma conjuntura europeia. E essa reestruturação não se poderá fazer sem o referido desarmamento, sem, portanto, uma política de aproximação, de coexistência, de troca a todos os níveis entre os povos ocidentais.

SOUSA TAVARES — Eu queria pôr objecções ao que acabou de dizer o dr. Joaquim Mestre porque, realmente, se há coisas com que eu concordo, há coisas de que discordo completamente. Em 1.º lugar não me quer parecer que nós possamos ter uma situação de exemplaridade. Infelizmente, a nossa própria situação atrasada em relação ao contexto internacional em que nos inserimos, de um povo que nitidamente para o seu desenvolvimento, precisa actualmente, de ajudas, e precisa, portanto, duma intensificação dum determinado tipo de planos, e de ajudas exteriores, não me parece possível a criação duma situação de isolamento que fatalmente resultaria do nosso abandono da N. A. T. O., para atingir um

(Continua na pág. seguinte)



Francisco Rolão Preto



Francisco de Sousa Tavares

mento, a circunstância. Quanto, evidentemente, a uma política económica devemos aproveitar todas as possibilidades de alianças de interesses, independentemente de um ponto doutrinário fixo que o oriente. Penso que nisso devemos ter todas as opções livres do interesse nacional.

cípio, e não ter diferenciações de carácter ideológico. Devemos procurar uma aproximação com os países do Terceiro Mundo, sobretudo, com aqueles onde exista, por vezes, ainda muito da nossa influência e até, por vezes, presenças culturais portuguesas que é criminoso deixar a perder. É claro

A política externa portuguesa

(Cont. da pág. anterior)

nível de exemplaridade, que em relação a Portugal seria praticamente ignorado internacionalmente. E, portanto, não me parece que isso se inserisse numa linha de interesses nacionais. Apenas de interesses ideológicos sem expressão realmente para o verdadeiro interesse nacional. Por outro lado, não sei até que ponto, em face de fenómenos como o da invasão da Checoslováquia e da ameaça à Jugoslávia, se pode considerar acabada a guerra fria. E, portanto, tenho dúvidas exactamente também nesse aspecto. De qualquer maneira penso que nós não devemos estar na N. A. T. O., num posição militar, mas que não devemos de maneira nenhuma separarmo-nos da posição geográfica a que somos, bem ou mal, condenados a estar inseridos, quase, digamos assim, no coração da Aliança Atlântica, ou numa posição quase central da Aliança Atlântica. Não me parece viável nem útil para os interesses nacionais.

ROLÃO PRETO — Eu tenho pensado exactamente assim: não me parece que Portugal tenha o peso necessário para determinar qualquer transformação nos destinos da N. A. T. O. A nossa posição não me parece que possa frutificar sem trazer consequências graves e até impossíveis de calcular. Por isso, eu comecei por apresentar o caso da nossa aproximação de Espanha, sem se ter prevenido as consequências e os resultados que trouxe para o País o facto de termos feito uma política tão audaciosa e tão incompatível com os nossos destinos como uma nação ocidental, com bases marítimas à mercê das grandes potências.

MODERADOR — A discussão acerca da participação portuguesa na N. A. T. O. coloca-nos perante um outro feixe de questões que eu peço que seja abordado agora nas vossas intervenções: posição a assumir por Portugal, face à chamada política de blocos e a participação de Portugal nos organismos da Comunidade Internacional, sobretudo na O. N. U.

SOUSA TAVARES — Eu não sou partidário da política de blocos, antes pelo contrário, acho que a posição de todos os pequenos países deve ser a de reforço dos organismos internacionais porque será a única forma possível de acabar com a política de blocos. Enquanto na realidade não se fizer viver autenticamente uma organização mundial que garanta as relações internacionais numa base de direito e numa base de igualdade entre as nações grandes ou pequenas, não é possível evitar a predominância na vida internacional das grandes nações e, portanto, da política de blocos. Portanto, penso que a política portuguesa, como a política de todas

as pequenas nações, deve ser essencialmente uma política ideologicamente anti-blocos. Isto não é contraditório ao que eu disse primeiro, isto é, muito embora nós devamos fazer o possível para desfazer a política de blocos e, portanto, todos os tipos de guerra fria, não podemos deixar de ver o condicionamento em que estamos inseridos, e ver até que ponto uma posição teórica é compatível ou não com a situação prática, na qual nos encontramos. Quanto à integração de Portugal nos organismos mundiais suponho que ninguém discute que ela deve ser cada vez maior. Que devemos fazer parte de organismos, aos quais ainda não pertencemos, lamentavelmente, como a UNESCO. Que devemos, inclusivamente, ter uma presença mais viva em toda a espécie de organismos internacionais. Sabemos também, infelizmente, que tudo isso está condicionado à resolução de problemas da política interna de Portugal, que já aqui foram apontados, e já não só da política interna como da política portuguesa em África.

JOAQUIM MESTRE — Parece-me que, de facto, este problema dos blocos e da participação de Portugal nos organismos internacionais estava a ser já tocado na questão anterior. Sobre ele direi que somos nós, C. D. E., contrários a qualquer política de bloco somos, naturalmente, adeptos do reforço de todos os organismos internacionais. Parece-nos mesmo que é uma das grandes falhas da política externa do nosso Governo actual, o desprezo, mesmo certa soberberia, que se nota nos responsáveis da política externa portuguesa em relação aos organismos internacionais. A ideia que se pretende dar desses organismos é, normalmente, a de que neles participam pessoas movidas por pequeninos interesses particulares e pessoas, portanto, que não merecem o mínimo da nossa consideração. Quando, de facto, se sabe que os organismos internacionais são hoje expressão de uma opinião mundial que conviria ter na devida atenção. Como consequência lógica do que acabo de dizer, nós julgamos necessária a saída da N. A. T. O., consequência primeira da não integração em blocos, propomos a neutralidade como base da política externa e a aproximação em relação aos povos do Terceiro Mundo. Diz-se, contra esta política, que nós necessitamos, actualmente, de muita ajuda do exterior e que, portanto, este tipo de actuação não seria o mais conveniente ao interesse nacional, e levaria ao isolamento de Portugal. Eu diria apenas que política que possa levar mais ao isolamento do que aquela que é praticada actualmente pelo Governo português não conheço. Se é ao isolamento político que se pretende obstar,

a política de não participação em blocos traz uma aproximação em relação aos povos do Terceiro Mundo que, de facto, levaria ao não isolamento de Portugal e à verdadeira integração de Portugal na comunidade internacional, de que se encontra actualmente excluído. Por outro lado, se é uma ajuda de carácter económico que se pretende, está devidamente provado que um Governo, como é o português, isolado politicamente sob o ponto de vista internacional, consegue sempre, basta para isso dar alguma coisa em troca, o apoio económico necessário. Também não me parece objecção plausível, o falar-se da nossa posição geográfica e das implicações que ela possa ter para a nossa política externa. Estamos, de facto, no coração da Aliança Atlântica. Não seríamos, no entanto, o primeiro povo que estando no coração de uma aliança se desvincularia dessa aliança e faria uma política verdadeiramente independente; não me parecem as duas coisas inconciliáveis. Já não direi que seja possível no coração da Aliança Atlântica fazer uma política hostil à Aliança Atlântica. Daí não se conclua que não se pode fazer uma política de neutralidade em relação à Aliança Atlântica e a qualquer outro pacto militar. Também não julgo procedente a razão apontada pelo dr. Rolão Preto no sentido de que Portugal não tem peso para transformar a política internacional. Parece-me que o que interessa não é tanto transformar a política internacional, como tomar uma posição coerente em face da política internacional. Delinear a sua política internacional, sem pretensões de outra coisa que não seja uma tomada de posições lógica e justa. Outros países, de tanto ou menos peso do que o nosso, têm conseguido uma política perfeitamente independente.

ROLÃO PRETO — Eu penso que seria pretensão nossa o poder optar entre querer ou não querer pertencer a blocos. Os blocos representam, de facto, uma criação da história, a que não podemos fugir nem ficar de fora até porque eles determinam, de certo modo, o sentido económico do destino. De resto, parece-me, também pretensão nós tentarmos querer ficar em posição de neutralidade, mesmo que essa fosse, de facto, a nossa boa intenção. Acho que devemos limitar os nossos conceitos aos limites das nossas possibilidades e ter um sentido realista ao considerar a grandeza desses problemas.

SOUSA TAVARES — Uma vez que o Joaquim Mestre se bateu pela sua dama, eu tenho que me bater também um pouco pela minha. E tenho que especificar melhor a nossa posição sobretudo tendo em atenção as palavras que ele disse. Eu tenho a impressão, e insistindo, que não se trata

de combater a N. A. T. O., estando dentro dela, primeiro ponto, mas sim, como eu disse, de a superar, quer dizer, pode-se estar dentro de uma coisa tentando superá-la. E, portanto, através da política dos organismos internacionais e do alargamento cada vez maior das relações internacionais, numa base de direito. E, portanto, inclusivamente, numa base de um prestígio cada maior da O. N. U. e da tendência da O. N. U. para um governo universal, ideia de todos os homens. É evidente que isso não é antagónico com a nossa posição não militar dentro da N. A. T. O. Em segundo ponto: penso que nós assistimos cada vez mais, e iremos assistir nos anos mais próximos, a uma superação nacional, em pequenas zonas ou em zonas limitadas. O Mercado Comum já é uma tentativa de formação de uma Europa, ainda que deficiente, ou é, pelo menos, um primeiro passo nesse sentido. Nós não poderemos continuar indefinidamente isolados. Fatalmente teremos de nos integrar; aliás, mesmo um dos grandes problemas que se põe à política e à economia portuguesas é a situação extraordinária e cada vez mais deficiente de Portugal, em face de uma eventual integração no Mercado Comum. Todas essas dificuldades se viriam ainda mais acentuar com a nossa separação, radical, da N. A. T. O. Quer quiséssemos, quer não, isso acarretar-nos-ia para uma posição geográfica de isolamento, extraordinariamente perigosa ao nosso desenvolvimento económico e à nossa posição internacional e liquidando as nossas possibilidades de integração progressiva num todo mais vasto. Joaquim Mestre falou também de que há nações que têm conseguido, estando no coração de determinado tipo de alianças, serem independentes. Suponho que isso só se pode realmente aplicar ao caso cubano. Mas, todos nós temos sabido da extraordinária dose de sofrimento que isso tem acarretado ao povo cubano e, inclusivamente, como isso tem sido um grande entrave ao próprio desenvolvimento da revolução cubana. Experiência inteiramente válida, experiência inteiramente justa, mas ainda hoje com resultados que não se sabe até que ponto é que poderão ser ou não triunfantes, devido exactamente à pressão geográfica que a rodeia e ao perigo permanente em que ela existe. Eu creio que seria um aventureirismo, lançar Portugal numa posição parecida. Portanto, continuo a dizer que toda a nossa evolução, ou toda a nossa revolução de estruturas, tem que se manter dentro de um enquadramento geográfico que é o nosso e ao qual não podemos renunciar. E creio, portanto, ilusória e não realista, qualquer política que se afaste destas coordenadas.

Amanhã publicaremos a segunda parte desta mesa-redonda.

A conferência de Imprensa da União Nacional

(Continuação da pág. 5)

sicção na Assembleia Nacional, o candidato Ulisses Cortês afirmou que tal não era desejável, porque dentro da U. N. já existia oposição. E sublinhou:

— Tenho 35 anos de Parlamento, e muitas vezes disse não ao Governo. Não entendo, no entanto, que se vote contra o Governo por uma questão de partido,

nem que haja uma Oposição sistemática (...). Não aceitei nenhuma hipoteca sobre a minha liberdade.

O problema levantado a seguir foi o da tão falada Lei de Imprensa. Respondeu o candidato dr. Melo e Castro que disse que lhe parecia ser intenção do Governo enviar, na próxima Legislatura da Assembleia, a proposta de uma nova Lei de Imprensa.

Foi também o dr. Melo e Castro a responder à pergunta seguinte, que versou sobre a ausência de elementos da U. N. em contactos públicos com a Oposição (mesas-redondas, etc.).

— Pessoalmente, não teria tido dificuldade em aceitar o repto dos drs. Mário Soares e Sousa Tavares — afirmou o dr. Melo e Castro, que disse não o ter feito porque o convite surgira numa fase da campanha «muito carregada de emoção». E disse que de uma discussão pública resultariam, apenas, os aspectos espectaculares. A U. N. de 1969, como apontou, está à vontade para debater todos os temas com interesse nacional. E, termi-

nou por dizer que, em período mais calmo, menos emocional, estava de acordo em avistar-se com Mário Soares, em sessão pública.

Mais adiante, surgiu uma pergunta sobre o sistema de eleição do Presidente da República e uma possível modificação do mesmo. O candidato Franco Nogueira respondeu a perguntas sobre as questões da vizinhança com os países afri-

Comício da C. E. U. D. em Sintra

No Teatro Carlos Manuel, em Sintra, efectua-se esta noite uma sessão de propaganda das candidaturas da C. E. U. D.

A sessão é promovida pela comissão concelhia daquelas candidaturas e entre os oradores contam-se os drs. Sargo Junior, José de Magalhães Godinho, Mário Soares, Salgado Zenha e Jaime Gama.

A sessão principia às 21 e 30.

canos, levantando a seguir um jornalista a seguinte questão:

— Quantos homens novos figuram nas listas da U. N.?

Respondeu o presidente da Comissão Executiva do organismo, que, depois de tecer algumas considerações sobre o assunto, afirmou, nomeadamente:

— Temos um candidato, o de Ponta Delgada, com 26 anos de idade. Em média, as nossas idades estão nos 48 anos, rondando os 41 as da Oposição.

— Por que apresenta a U. N. tantos novos candidatos?

— Pretendeu-se uma ampla renovação.

A pergunta seguinte — «Vêm na actividade da Oposição algum perigo para o que pensamos ser a paz do País?» — respondeu também o dr. Melo e Castro:

— Até agora não vejo que tenha havido qualquer transgressão. Houve dois incidentes que não vale a pena mencionar. A campanha tem decorrido de forma agradável e a concorrência às urnas será um desejável serviço à paz política do País.

«EXISTEM NA OPOSIÇÃO PESSOAS POLITICAMENTE VALIDAS»

Pergunta seguinte:

— A Imprensa da U. N. fala do perigo comunista. Até que ponto está esse perigo evidenciado?

Respondeu o prof. Teixeira Pinto que a dada altura afirmou nunca ter o Partido Comunista ascendido ao Poder em qualquer país, pela via eleitoral. E acrescentou que um dos grupos oposicionista declarara não querer chegar ao Poder por esse meio, declarando não saber se tal traduzia um compromisso com a linha do Partido.

Seguiu-se Melo e Castro no uso da palavra, para afirmar:

— Estamos satisfeitos com a perspectiva da Oposição ir às urnas. Isso corresponde a uma ampla liberdade que houve nestas eleições, tornada mais patente depois das alterações introduzidas na Lei Eleitoral.

E continuou a abordar o assunto, referindo-se, nomeadamente, ao subsídio

governamental. A dada altura, afirmou:

— Desejávamos que houvesse mais um milhão de eleitores, mas não se pode atribuir ao Governo que isso não aconteça.

Seguiram-se outras perguntas. Uma delas focou o facto de terem ou não sido convidados — dado o seu reconhecido valor — elementos da Oposição para figurarem nas listas da U. N. Depois de algumas considerações do prof. Teixeira Pinto, Melo e Castro precisou:

— Há na Oposição pessoas que, fora de dúvida, são politicamente válidas.

E, mais adiante:

— Dos 146 candidatos da Oposição, só cinco foram recusados (...). Numerosos candidatos das oposições foram julgados, tiveram casos com as polícias. O critério foi o mais liberal. Cento e quarenta e um, como se viu, eram politicamente aceitáveis (...). Nenhum foi convidado para figurar nas nossas listas (...). Tive conversas com diversos elementos da Oposição. Honro-me de ser amigo de alguns deles. Efectivo convite, porém, não foi feito.

Urbano Tavares Rodrigues

Do gabinete do ministro da Justiça recebemos a seguinte informação:

«Os factos noticiados pela Imprensa como praticados na pessoa do sr. dr. Urbano Tavares Rodrigues, à saída de uma sessão realizada em Lisboa, no Teatro Vasco Santana, na noite de quarta-feira da semana passada não foram, até este momento, objecto de participação a qualquer entidade policial.»

O «Mercado único português» e a integração europeia

MANUEL BELLO

(Membro da Comissão Económica da C. E. U. D. de Lisboa)

Este é o texto da intervenção do dr. Manuel Bello, nosso prezado colaborador, na sessão da C. E. U. D., no Teatro Vasco Santana:

O tema de que vos vou falar diz respeito à chamada «integração económica do espaço português» que se pretendeu promover entre nós, através de várias medidas legislativas a partir de 1961.

Trata-se de uma orientação fundamental da política económica do Estado Novo, anunciada pelo menos desde 1952, quando se reformou o Acto Colonial e se fez a sua inserção na Constituição política. Um artigo da Constituição passou com efeito a determinar que se deveria promover a livre circulação dos produtos no interior do espaço nacional, mediante a supressão dos direitos aduaneiros, assim como a livre circulação das pessoas e dos capitais.

Esta disposição constitucional, como tantas outras, teria talvez ficado indefinidamente letra morta se não fora o grande sobressalto dos acontecimentos de 1961 em Angola.

Foi em Novembro desse ano, com efeito, que surgiram os decretos que criaram o chamado «mercado único português». Vou tentar indicar, em breves notas, em que consiste esse mercado, quais as consequências práticas das medidas que o criaram e quais as perspectivas que se lhe abrem em face de um outro processo de integração a que

— julgo — não poderemos conservar-nos estranhos: — Refiro-me aos movimentos de integração económica europeia.

Lembrei em primeiro lugar que o «mercado único português» não é, de modo algum, um «Mercado Comum» do tipo, por exemplo do Mercado Comum Europeu, visto que a Metrópole e os diversos territórios ultramarinos constituem territórios aduaneiros distintos, não existindo uma pauta exterior comum que a todos abranja. Trata-se, mais modestamente, duma simples zona de trocas livres que se limita a assegurar a circulação, sem pagamento de direitos, das mercadorias de origem nacional entre a metrópole e o ultramar.

Na prática as repercussões da criação desta zona de trocas livres no intercâmbio comercial da metrópole com o ultramar foram extremamente limitadas. Por várias razões. Em primeiro lugar, as mercadorias ultramarinas ou estavam já isentas de direitos na metrópole ou pagavam direitos muito reduzidos, pelo que a sua supressão não teve significado apreciável. Em segundo lugar, as mercadorias metropolitanas destinadas ao ultramar já gozavam ali dum regime preferencial que correspondia geralmente a uma redução de 80% dos direitos aduaneiros.

Não surpreende, por isso, que a posição relativa do ultramar no quadro das exportações e das importações metropolitanas se tenha mantido praticamente sem alteração, entre 1961 e 1967; as estatísticas indicam que as exportações de metrópole para o ultramar representavam 23% do total em 1961 e 24 em 1967; quanto às importações provenientes do ul-

tramar, elas representavam 12% do total das importações metropolitanas em 1961 e 14% em 1967.

POR ASSEGURAR A LIVRE TRANSFERÊNCIA DE FUNDOS

Relativamente à posição da metrópole no quadro das exportações e importações dos territórios ultramarinos, também não se verificaram alterações sensíveis no conjunto, excepto quanto a Angola devido ao caso especial dos diamantes que anteriormente eram exportados directamente para Inglaterra e agora são expedidos para a Metrópole. No conjunto, mais de 60% das trocas externas do ultramar continuam a efectuar-se com os mercados estrangeiros. Não houve assim desvios sensíveis das correntes comerciais, no sentido de aumentar o grau de interdependências entre a metrópole e os territórios ultramarinos. Não houve portanto maior integração efectiva em consequência das medidas que criaram a zona de trocas livres metrópole-ultramar.

Mas há outros aspectos da política de integração económica inaugurada em 1961 a que queria fazer referência, e que são os respeitantes à livre circulação dos factores produtivos — as pessoas e os capitais. Relativamente a estes últimos, foi instituído um sistema de pagamentos inter-territoriais. Este sistema, como se sabe, não consegue assegurar a livre transferência de fundos nem a interconvertibilidade das moedas, nem tão pouco tem impedido o agravamento das dificuldades de pagamentos dos territórios ultramarinos em relação à metrópole. Ora, sem a livre conver-

bilidade das moedas falta-nos o facto essencial e imprescindível de um sistema de integração económica. As dificuldades de pagamentos resultam dos grandes saldos do intercâmbio comercial, sempre favoráveis à metrópole; e resultam também dos chamados «invisíveis», ou seja, as transferências privadas, os rendimentos de capitais e o turismo. Todas estas rubricas são negativas para o ultramar na sua balança de pagamentos com a metrópole — e não são suficientemente contrabalançadas pelos movimentos de capitais a médio e longo prazo no sentido metrópole-ultramar.

ESQUEMA DE TIPO COLONIAL

Finalmente, no que se refere à livre circulação das pessoas, a emigração líquida de metropolitanos para o ultramar a partir de 1961 não registou quaisquer progressos em relação à década anterior, não obstante a criação das Juntas de Povoamento em Angola e em Moçambique que tinham por principal objectivo incrementar o povoamento branco naqueles territórios. Além disso, segundo penso, o interesse do ultramar estaria apenas em receber trabalhadores especializados, para tarefas determinadas, enquanto a procura de tais trabalhadores não poder ser satisfeita, como deve ser, por elementos da população local formados através de meios adequados de ensino técnico e profissional.

Pode pois concluir-se que em todos os seus aspectos, a política de integração económica definida e aplicada pelos decretos de 1961 nada alterou de substancial na estrutura

efectiva das relações económicas metrópole-ultramar. Estas relações continuam assim a obedecer ao esquema de tipo colonial clássico que herdámos do passado.

DUALISMO ECONÓMICO E SOCIAL

Por outro lado não devemos esquecer que, em qualquer caso, trata de uma integração entre a economia metropolitana e os sectores de economia moderna dos vários territórios, quanto aos sectores de economia tradicional dita de subsistência, em que se inclui a imensa maioria das populações africanas, pois não são afectadas, ou são-no apenas em medida extremamente limitada. Ora, eu oreio que relativamente a territórios como Angola e Moçambique o problema da integração socio-económica põe-se com carácter prioritário no âmbito territorial interno. Trata-se, como bem se sabe, de sociedades caracterizadas pelo seu dualismo económico e social, em que se reproduz toda a problemática das áreas subdesenvolvidas que foram durante longo tempo regiões de colonização: algumas «ilhas» de desenvolvimento capitalista moderno, existem ali, em contraste com os vastíssimos sectores de economia tradicional de subsistência sem se harmonizarem e articularem entre si. Este é o verdadeiro problema da integração, se considerarmos — como nós consideramos — que integrar é atenuar os desequilíbrios e as desigualdades de nível de desenvolvimento entre os grupos sociais; é dar maior coesão e homogeneidade às actividades humanas no seio de um determinado espaço económico; é assegurar igualdade de oportunidades a todos os membros de uma comunidade.

ENORMES DESNIVEIS DE CRESCIMENTO ECONÓMICO

Voltando agora ao plano interterritorial da zona de trocas livres estabelecida para o conjunto metrópole-ultramar, direi ainda que se trata de um esquema de liberalização segundo o modelo preconizado pelos economistas da escola clássica do século passado, e que não pode contrariar-se com a integração das economias entendidas num sentido dinâmico moderno, e visando um crescimento harmonizado, a qual só é possível entre economias que atingiram estádios comparáveis de desenvolvimento e que, por isso, podem estabelecer entre si uma competição estimuladora do progresso. Tal é o caso por exemplo dos 6 países que formaram a Comunidade Económica Europeia.

Parece-me evidente que no âmbito restrito do «mercado único português», nem a metrópole nem os territórios ultramarinos encontrarão pos-

sibilidades e estímulos suficientes para o seu desenvolvimento dada a exiguidade relativa daquele mercado e os problemas inerentes aos enormes desníveis do crescimento económico da metrópole e do ultramar. Ficamos, como única alternativa, com a possibilidade de nos abirmos para o exterior e em particular, segundo creio, devemos encetar seriamente a nossa participação nos movimentos de integração económica europeia. Os países europeus são com efeito o maior mercado para os nossos produtos de exportação, e de longe, os nossos principais fornecedores. Acresce que, além de tantos laços históricos e culturais, estamos hoje ligados a estes países pela presença de muitas centenas de milhares dos nossos compatriotas que ali trabalham para angariar o seu sustento e o das suas famílias.

DEMOCRATIZAÇÃO E PAZ

Temos pertencido até ao presente à E. F. T. A., organização internacional de comércio livre destinada ao que parece, a fundir-se com o Mercado Comum europeu, depois da Inglaterra a ele ser admitida. A hora em que teremos que fazer uma opção decisiva não estará talvez ainda muito próxima, mas é inevitável e para ela nos devíamos preparar. A linha política a seguir seria a de uma aproximação, por etapas sucessivas, com a Comunidade Económica Europeia. Negarmo-nos a este caminho, em nome de retrógrados princípios autárquicos e isolacionistas, seria reconhecer de antemão a nossa incapacidade de promovermos a modernização das nossas estruturas económicas. Seria um acto de verdadeira demissão nacional. Ora nós acreditamos que é possível ao nosso povo avançar a largos passos no sentido do progresso que outros já alcançaram. Mas é necessário para isso, evidentemente, que sejam removidos todos os obstáculos, — todos os imobilismos, todos os interesses estabelecidos, que hoje entravam as forças criadoras potencialmente existentes no país.

Quanto aos territórios do ultramar, pensamos que também se lhes impõe, no plano económico, seguir a mesma política de aproximação com a Comunidade Económica Europeia, à qual já estão associados quase todos os países africanos e a qual representa para eles um mercado bem mais importante que os dos actuais países da E. F. T. A.

Para que tudo isto seja possível, todos sabemos que são necessárias, pelo menos, duas condições fundamentais:

— Em primeiro lugar a democratização autêntica das nossas instituições políticas e de toda a nossa vida nacional;

— Em segundo lugar a paz — a paz que ardentemente desejamos para o ultramar.

Actividades da Oposição no distrito de Viseu

TONDELA, 21 — Uma assistência e n tusiada assistiu, ontem à noite, no cine-teatro desta vila, a uma sessão de propaganda dos candidatos oposicionistas pelo círculo de Viseu. Presidiu a sr.ª D. Flora Sovente Pinto e, na mesa, tomaram lugar a dr.ª D. Laura Pimentel, professora do Colégio de Santa Maria, D. Fanny da Silva Lopes, dr. Eduardo Frias Soares, director daquele colégio e dr. António Almeida Meneses e Castro, médico em Canos de Santa Maria, deste concelho.

Usaram da palavra os srs. dr. Fernando Duarte, advogado nesta comarca e candidato suplente, os candidatos dres. Jaime Gralheiro, Armando Lopes e Alvaro Monteiro e o dr. José Francisco Lopes, advogado nesta comarca.

Por motivos de saúde, não puderam comparecer à sessão os candidatos dr. Mário Gomes da Silva, de Montágua, e dr. César Anjo, de Viseu.

Na MARINHA GRANDE o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Emílio Neto, Rua das Flores, 8.

O problema económico português

«Continuação da 3.ª pag.)

lar o centro de decisões da política económica.

Por outro lado, apenas democratização das instituições políticas e administrativas permitirá libertar para o progresso económico e social a iniciativa de cada um e suscitar a adesão consciente e responsável de todos aos esforços de desenvolvimento que se nos impõem. Como é possível, por exemplo, pretender-se fomentar o desenvolvimento regional sem se permitir que as populações locais debatam livre e publicamente os seus problemas e em relação a eles ponham em jogo a sua capacidade de iniciativa?

A instauração de estruturas democráticas surge, assim, como condição essencial no desenvolvimento económico português. Paralelamente, só a democratização permitirá garantir que os progressos no domínio social — desde o ensino, a saúde e a habitação — não sejam meros reflexos

das necessidades de mão-de-obra das empresas, mas sejam prosseguidos por si próprios. Do mesmo modo, sem estruturas políticas democráticas a desejável participação dos trabalhadores na gestão empresarial nunca passará de uma técnica mais ou menos habilidosa de integração das classes operárias em políticas que lhes são adversas.

A partir de uma efectiva democratização do Estado, que assegure a sua independência de interesses particulares, haverá que encetar um substancial reforço da actuação do sector público, instaurando um maior «controlo» sobre as posições-chave, nomeadamente o sector do crédito. Para tal, e além de se exigir que se tornem efectivas as possibilidades de intervenção proporcionadas pela actual participação do Estado no capital de numerosas sociedades, é de preconizar a criação de novas empresas de economia mista e, sempre que aconselhável, de empresas públicas.

Deverá ser concedida

prioridade — não apenas verbal, mas efectiva — ao investimento nos sectores sociais da educação, saúde, etc.; simultaneamente, o sistema fiscal deverá ser utilizado como arma eficaz de redistribuição de riqueza.

No sector agrícola urge promover uma reforma agrária séria, enquanto, no sector industrial, será de adoptar uma política de defesa da concorrência contra situações monopolistas, paralela a uma promoção da concentração empresarial quando exigências técnicas o justificarem e a um apoio às pequenas e médias empresas.

A substituição do regime corporativo por um sindicalismo livre e por organizações patronais igualmente livres e representativas impõe-se, naturalmente, para que possa operar-se a mudança fundamental que há-de permitir instaurar, no nosso País, uma sociedade democrática, progressiva e pluralista.

Os candidatos da C. E. U. D. (Lista B)

«Há duas juventudes: a de condição trabalhadora e a de descendência burguesa» — afirmação da C. D. E. em Moscavide

No Centro Social de Lisboa, a Moscavide, numa sala de aulas, tiradas as carteiras e ornamentadas com dísticos as paredes, realizou-se um colóquio, promovido pela C. D. E. e destinado a esclarecimento da juventude.

Presidiu à sessão, o jovem José Eduardo e, na mesa de honra, tomaram lugar Luísa Amorim e o candidato Sottomaior Cardia, que abriu o debate, expondo as razões da reunião.

«Estamos numa reunião

política — disse e deduziu o que era política e fazer política.

Em seguida, referiu o Programa da C. D. E. Deu, depois, os tópicos do colóquio, afirmando que «a maior parte dos portugueses não tem a noção da relação que há entre os seus próprios problemas e os problemas políticos» e, falando de juventude, deduziu tudo o que há de discriminação da criança desde a fase pré-natal até à adolescência, para concluir que «há, pois, dois

conceitos de juventude: a de condição trabalhadora e a de descendência burguesa».

DIREITOS DA MULHER LIBERDADE E PAZ

Na mesma linha de esclarecimento e de introdução ao debate, Luísa Amorim analisou a situação actual da mulher portuguesa.

Referiu-se a casos gerais de documentação estatística, afirmando: «Apenas 1/4 dos partos, entre nós, dispõe de assistência médica. Apenas 3/1000 dos nossos filhos frequentam a Universidade, e, desses, apenas 0,1 é da classe trabalhadora».

«Portanto — concluiu — a expressão tão debatida pela U. N. de que «a mulher portuguesa e a família têm que ser respeitadas» é, por força, uma mentira».

«Para sermos fortes, lutemos juntos pelos nossos direitos, pelas liberdades democráticas e pela Paz».

Aberto o debate, intervieram vários oradores pedindo «esclarecimentos».

«A palavra traição aplica-se àqueles que não colaborem»

— afirmação do dr. Pinto Leite numa sessão da U. N.

O candidato a deputado pela U. N. dr. Pinto Leite proferiu um discurso, o qual transcrevemos em parte, na sessão realizada em Camarate. Disse, designadamente:

«Pertencço pela idade e pelo espírito a uma geração insatisfeita que não aceita nem a rotina nem a inércia, nem a mentira como métodos de trabalho. Há entre os candidatos ou entre aqueles que apoiam a U. N. certamente pessoas mais jovens do que eu. Em juventude de espírito, em entusiasmo e em fé nos destinos de Portugal como Nação independente não tenho medo

de pedir meças a quem quer que seja.

«Estou habituado a lutar. Estou aqui para lutar. E porque me empolga a luta leal que dignifica o Homem, a minha presença na Assembleia Nacional, se for eleito, será também uma luta sem tréguas pela defesa dos verdadeiros interesses do distrito de Lisboa e da Nação Portuguesa».

«Vim para a União Nacional por duas razões fundamentais:

— Porque conheço bem e porque admiro a extraordinária personalidade de homem e de político do actual Presidente do Conselho, Senhor Professor Marcello Caetano, que já

prestou em pouco mais de 12 meses, tão notáveis e tão reais serviços ao País; — Porque me identifica, porque apoio sem reservas a nova orientação e o novo estilo moderno e arejado que o Sr. Dr. Melo e Castro veio imprimir à União Nacional.

«E mais adiante afirmou: «Temos que lutar sem desfalecimentos pela rápida aceleração do progresso económico, cultural, social e moral de todas as parcelas do território português».

«Mais do que a qualquer outro a palavra traição aplica-se com profundidade àqueles que, por estupidia cegueira ou por desfares egoísta de situações de privilégio, não colaboram ou que tentem impedir o esforço em que o País e o Governo estão empenhados no sentido de conseguir a melhoria das condições de vida de todas as camadas populacionais, a instauração de um verdadeiro Estado Social».

«E o dr. Pinto Leite disse, e determinando passo, referindo-se à presença portuguesa em África:

«...Presença ainda que tem de ser vigorosa e não se deixar iludir pelos cantos das sereias, das potências que se dizem emancipadas da África, gulosas de poder económico e financeiro, e a quem principalmente se devem as chacinas que ultimamente têm devastado as populações africanas.

«Temos de conquistar a Paz», disse Marcello Caetano, no discurso que proferiu durante a visita que fez este ano à Guiné.

Conquistar a Paz interna e externa nas armas e nos espíritos.

«E se como disse Paulo VI na Encíclica «Progresso dos Povos», o desenvolvimento é o novo nome da Paz, a problemática portuguesa, considerada no seu todo pluricontinental é na sua essência uma problemática de aceleração do progresso de combate à estagnação, de conexão dos desequilíbrios socioeconómicos».

«E a terminar afirmou:

«Todos juntos continuaremos o futuro, o nosso futuro, sem quimeras, nem desordens. Um futuro onde haja mais compreensão e tolerância, maior bem-estar e maior felicidade para todos.

«Confiemos em Marcello Caetano, mas, sobretudo, saibamos contribuir com a nossa quota-parte para o engrandecimento da nossa Pátria imortal».

Seguiu-se um debate em que participaram alguns habitantes daquela freguesia, entre os quais o sr. José Bernardino Alves, ex-membro do M. U. D., que referiu a sua tristeza com a linha de rumo da Oposição, afirmando a sua adesão à política de Marcello Caetano.

Encerrou a sessão o eng.º Camas da Silva, que se congratulou com o êxito de mais esta reunião de esclarecimento.

Falou ainda o dr. Osvaldo Gomes, que falou de Ultramar, educação e administração camarária.

SESSÃO DA C. E. U. D. EM CASCAIS

No Teatro de Gil Vicente em Cascais, efectua-se esta noite, às 21 horas, uma sessão de propaganda das candidaturas da C. E. U. D. pelo distrito de Lisboa.

A sessão é promovida pela comissão concelhia de Cascais, constituída pelos srs. Manuel António Garcia, Fernando Grade, Fernando Heitor Gomes Teixeira, J. H. Gomes Teixeira, D. Otília Judite de Paiva Ribeiro, D. Maria Margarida Gomes Teixeira Eduar-

do Aragão de Carvalho e D. Maria Gabriela Lopes Domingues Gomes Teixeira. A comissão tem a sua sede na R. João Luís Ricardo, 4, 1.º, na Parede.

A sessão desta noite preside o sr. Manuel António Garcia.

Na sessão falam os candidatos a deputados Jaime Gama, José Carlos Megre, Gonçalo Ribeiro Teles, Francisco Salgado Zenha, Mário Soares e Francisco de Sousa Tavares.

Agenda das sessões de propaganda eleitoral

HOJE

DA OPOSIÇÃO

AMADORA — As 21 horas, na R. 1.º de Dezembro, 9 — da C. D. E. de Lisboa.

ALENQUER — As 21 e 30, na Quinta do Reguengo, da C. E. M. de Lisboa.

ATOUGUA DA BALEIA — As 21 horas, da C. D. E. de Leiria.

BARCELOS — As 21 e 30 horas, no Teatro Gil Vicente, da C. E. U. D. de Braga.

CASCAIS — As 21 horas, no Teatro Gil Vicente, da C. E. U. D. de Lisboa.

LISBOA — As 21 horas, no Teatro Vasco Santana, da C. D. E.

LISBOA — As 21 e 30, no Centro Republicano Botto Machado, da C. E. U. D.

MONTEMOR-O-NOVO — Da C. D. E. de Évora.

MORTAGUA — As 20 e 30, da C. D. E. de Viseu.

MOSCAVIDE — As 21 horas, no Centro Social, da C. D. E. de Lisboa.

SANTO TIRSO — As 21 e 30, em S. Tomé de Negrelos, da C. E. U. D. do Porto.

SEIA — Da C. D. E. da Guarda.

SINTRA — As 21 e 30, no Cine-Teatro Carlos Manuel, da C. E. U. D. de Lisboa.

TORRES VEDRAS — As 21 horas, na Adega dos Pancadares, da C. D. E. de Lisboa.

TROFA — As 21 horas, no lugar de Bairo, Santiago de Bougado, da C. D. E. do Porto.

VILA FRANCA DE XIRA — As 21 horas, no Cine-Teatro, da C. D. E. de Lisboa.

VIZELA — As 21 e 30, no teatro local, da C. D. E. de Braga.

DA U. N.

ANADIA — As 21 e 15.

LEIRIA — As 21 e 30, na garagem Euro-Sol.

MAFRA — No cinema local.

OVAR — As 21 e 15.

PORTO — As 21 e 30, no Coliseu do Porto.

VILA FRANCA DE XIRA — As 21 e 30.

AMANHÃ

DA OPOSIÇÃO

ALLENQUER — As 21 horas, na Quinta do Reguengo, da C. E. D. de Lisboa.

ARRIFANA — As 21 horas, no Cine-Teatro de Arrifana, da C. D. E. de Aveiro.

BEJA — As 21 horas, no Cine-Teatro Pax-Julia, da C. D. E. de Beja.

CALDAS DA RAÍNHA — As 21 horas, da C. D. E. de Leiria.

CERVAES — As 20 horas, da C. E. U. D. de Braga.

CHAVES — As 21 horas, da C. D. E. de Vila Real.

FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO — Da C. D. E. da Guarda.

GAFANHA DA NAZARÉ — As 21 horas, da C. D. E. de Aveiro.

GUIMARÃES — As 21 horas, no Teatro Jordão, da C. D. E. de Braga.

LISBOA — As 21 e 30, no Teatro Vasco Santana, da C. E. M. de Lisboa.

MARINHA GRANDE — As 21 horas, no Pavilhão Gimnodesportivo da Embra, da C. D. E. de Leiria.

PINHEI — Da C. D. E. da Guarda.

PORTO — As 21 e 30, no Coliseu do Porto, da C. D. E.

UISEU — As 21 horas, da C. D. E. de Viseu.

OBRAS DE ASSINALÁVEL ACTUALIDADE NO PRESENTE MOMENTO POLÍTICO

COLECÇÃO PORTUGÁLIA

biblioteca de estudos sobre a vida portuguesa
a história • a cultura • a terra • os homens

Alguns volumes publicados:

JOSÉ ESTEVÃO (o maior orador parlamentar português e um dos maiores da Europa oitocentista): OBRA POLÍTICA

Discursos parlamentares, Controvérsias e intervenções parlamentares, Artigos de Imprensa, Programas políticos, Discursos proferidos fora do Parlamento. Recolha, Prefácios e Notas de José Tengarrinha — 2 vols., 900 p., 110\$00

CÉSAR NOGUEIRA: NOTAS PARA A HISTÓRIA DO SOCIALISMO EM PORTUGAL
A primeira obra de conjunto sobre o movimento socialista em Portugal, utilizando e transcrevendo documentos inéditos. — 2 vols., 650 p., 90\$00

JOSÉ TENGARRINHA: HISTÓRIA DA IMPRENSA PERIÓDICA PORTUGUESA

Desde as «folhas volantes» quinhentistas até aos primeiros diários e à imprensa política de 1910. — 1 vol., 350 p., 45\$00

AUGUSTO DA COSTA DIAS: DISCURSOS SOBRE A LIBERDADE DE IMPRENSA/1821

Os textos das sessões, nas Cortes Constituintes de 1821, sobre o tema da Censura e Liberdade à Imprensa. Intervenções de Manuel Fernandes Tomás, Borges Carneiro, Abade de Castelo Branco, Francisco de Melo Breyner, etc. — Um belo livro. Um alto serviço prestado à Cultura. (Mário Sacramento). 1 vol., 580 p., 65\$00

PROSA DOUTRINAL DE AUTORES PORTUGUESES — II: ANTÓNIO SÉRGIO

Seleção, prefácio e notas de Joel Serrão. — Antologia que reúne e estimula do pensamento sergiano: «Como que a busca dum método...»; Problemas do homem português; Humanismo, Racionalismo e Universalismo. 1 vol. de 600 p., 65\$00

OBRAS DE BASÍLIO TELES

A reedição de algumas obras do notável pensador e ideólogo, grande vulto do movimento republicano, que soube ver com rara penetração os mais agudos problemas nacionais.

DO ULTIMATUM AO 31 DE JANEIRO (Esboço de história política) — Introdução de Augusto da Costa Dias — 380 p., 65\$00

MEMÓRIAS POLÍTICAS — Com um longo estudo de Augusto da Costa Dias — 260 p., 55\$00



PORTUGÁLIA EDITORA
Avenida da Liberdade, 13, 3.º — LISBOA

A «união nacional» contra o regime é o facto mais evidente da vida portuguesa

— afirmou um candidato monárquico
na sessão de Paço de Arcos

«Estamos aqui porque queremos soltar o grito de alarme contra o comodismo que nos tem mantido e nos tem feito deixar que os atropelos e as injustiças se cometam aos nossos olhos sem que façamos algo para os evitar ou remediar» — afirmou o candidato Pardete da Fonseca, no discurso que pronunciou durante a sessão de propaganda da lista dos monárquicos independentes ontem realizada em Paço de Arcos, na presença de numeroso público e do presidente do Município de Oeiras, dr. Mena de Matos.

«Num país em que um milhão dos seus filhos busca melhor vida junto dos estrangeiros — disse mais adiante o jovem candidato, que se declarou filho de um pastor da serra e neto de agricultores — é o sinal claro de que algo está errado».

A sessão, presidida pelo candidato Francisco Lopes Roseira (que já foi deputado unionista pela sua terra natal — Angola), decorreu em ambiente de extraordinária vibração, constantemente interrompida por aplausos e vivas «ao rei» e «a Portugal». No palco, oito dos doze candidatos da C. E. M. de Lisboa. Nas suas costas, diante da assembleia, uma bandeira da Restauração.

Mais cinco candidatos usaram da palavra durante a sessão: o primeiro foi o arquitecto Fernando Viana e seguiram-se, depois de Pardete, os srs. dr. Fernando Quintais, Magalhães e Silva, dr. Barrilero Ruas e, por último, o presidente, sr. Francisco Roseira.

Depois de lavrar o seu protesto contra o assalto à sede da C. D. E. e a agressão a um candidato da C. E. U. D., o arquitecto Fernando Viana afirmou ter-se candidatado por considerar «extremamente grave o momento político pelo qual passamos» e denunciou a «ignorância que tem sido tão útil à chamada ordem estabelecida».

Afirmou ainda o candidato que «o subdesenvolvimento cultural entre nós é de tal ordem que nos faz concluir que o problema da habitação, sendo, de facto, um problema gravíssimo, não é sentido pelas populações subdesenvolvidas como premente». Referiu-se também às realizações urgentes no campo da seguri-

rança social e disse, a terminar:

«Somos independentes e, como tal, em toda a pluralidade do espaço português, só poderemos conceber a independência nacional numa convergência cooperante de culturas em progresso».

Fernando Quintais:

**«NÃO PRIVILÉGIOS
PARA O PRÍNCIPE
MAS PRINCÍPIOS
PARA OS
PORTUGUESES»**

O sr. dr. Fernando Quintais foi o terceiro orador da sessão que disse não aceitar nenhum programa de reforma socioeconómica «que não tenha por base o homem social e político» e defendeu o lugar da mulher no seio da família, para se poder «encerrar o ressurgimento de uma sociedade consciente da sua finalidade última — a de transmitir, vivificados e aperfeiçoados, os instrumentos do progresso às gerações futuras, única fórmula capaz de assegurar o progresso dinâmico das sociedades». Disse ainda não se tratar «de privilégios a conseguir para a família do príncipe, mas de princípios a exigir para a família dos portugueses».

Magalhães e Silva:

**«FINALMENTE,
CHEGOU A HORA!»**

No discurso mais acuti-



A presidência da sessão da C. E. M.

lante da noite, o candidato Magalhães e Silva fez uma crítica da actual situação política portuguesa.

Também o que se passa no sector universitário foi alvo da atenção do candidato. Declarou depois Magalhães e Silva que se encontra «realizada a União Nacional»: «a união nacional» contra o Regime é o facto mais evidente da vida política portuguesa.

«Finalmente chegou a hora!»

«SOMOS PORTUGUESES DE PORTUGAL INTEIRO»

Num discurso arrebatado, que em seguida pronunciou, o dr. Henrique Ruas salientou a esperança que havia movido a candidatura dos monárquicos independentes.

«Somos Portugueses de Portugal inteiro dispostos a todos os combates, dispostos a todas as resistências, cheios de amor humano e de amor à Pátria».

Mais de mil pessoas numa sessão oposicionista em Estremoz

ÉVORA, 21 — Integrada na campanha eleitoral da Oposição Democrática deste distrito, realizou-se ontem uma caravana automóvel, em que participaram 18 viaturas, que percorreram várias aldeias e vilas do distrito, contactando com as populações e com as autoridades administrativas.

Ao fim da tarde, realizou-se em Estremoz, na Esplanada Parque, uma sessão de propaganda a

que assistiram mais de mil pessoas. Usaram da palavra os srs. Armando Carmelo, Zulmira Rodrigues, dr. José Madureira, dr. Brito Lima e os candidatos Joaquim Trindade, arquitecto Manuel Bagulho, Antunes da Silva e Mário Ventura.

A Oposição Democrática promoveu também uma sessão em Cabeção, que decorreu num barracão improvisado, que se encheu rapidamente de povo. Entre os assistentes, viam-se muitas mulheres do campo. Falaram os trabalhadores rurais Adriano Neto, Zulmira Rodrigues e Manuel Peres, os candidatos arquitecto Manuel Bagulho e Antunes da Silva.

A sessão da C. D. E. de Beja na Vidigueira

VIDIGUEIRA, 21 — Num ampla adegas desta localidade efectuou-se anteontem

Sessão da U. N. em Pinhal Novo

PINHAL NOVO, 21 — Efectuou-se nesta vila uma reunião de esclarecimento do eleitorado promovida pela União Nacional. Estiveram presentes os candidatos a deputados por este círculo, dres Miguel Rodrigues Bastos, juiz conselheiro do Tribunal de Contas e Rogério Peres Claro, director da Escola Técnica de Setúbal. Foram tratados vários temas relativos à acção que os candidatos esperam exercer na futura Assembleia Nacional, no caso de serem eleitos.

Um dos assistentes chamou especialmente a atenção dos candidatos para esta vila «que se mantém numa chocante situação de atraso devido ao desinteresse dos autocratas que a governam».

tem á tarde, com a presença de muitas centenas de pessoas, uma sessão de propaganda eleitoral da C. D. E. de Beja, que decorreu com grande entusiasmo. Presidiu o sr. João Domingos Pinto Kois, ladeado pelos srs. Luís Viegas Rosa Mendes, Luís Eduardo Viegas Moreira, Manuel António Mansos e pelos candidatos eng.º Areosa Feio, dr. Celso Pinto de Almeida e dr. Aníbal Coelho da Costa.

Aberta a sessão, o industrial de Beja sr. José Coelho tratou do problema da emigração do trabalhador alentejano. Depois, o candidato eng.º Areosa Feio ocupou-se das liberdades políticas e, também, do problema da emigração.

Seguiu-se no uso da palavra o candidato Aníbal Coelho da Costa, que se ocupou do funcionamento das Casas do Povo e da falta de assistência médica aos trabalhadores rurais.

A sessão terminou com uma troca de impressões sobre o momento político e problemas distritais, entre os candidatos e a assistência.



**lar feliz é lar
onde há calor**

calor que pode ter, graças ao serviço
de aluguer que, durante os meses
de inverno, a imperluz põe à sua
disposição

mediante um contrato, por três
meses, haverá, em sua casa, «calor
e simpatia» dados pelo sonapágas
— «uma chama mais quente».

IMPERLUZ

rua artilharia um, 37-a

telefones 65 02 03 - 65 03 19

alugue o seu bem-estar

REUNIÕES DA U. N.

promovidas pela Comissão Eleitoral
do concelho de Loures

Hoje, pelas 21,30 horas,
reunião em Póvoa de
Santo Adrião
Dia 22, pelas 21,30 ho-
ras, reunião em Lou-

res, com a presença
dos candidatos a de-
putados, Dr. Melo e
Castro e Eng.º San-
tos Castro

LIVRELCO

Devido a disposição legal,
Decreto-Lei n.º 24402, o
novo horário é o seguinte:

10.30 às 13 horas

14.30 às 18.45 horas

Descanso semanal ao Do-
mingo e encerrada às 2.ª-
feiras.

A C.D.E. de Leiria repudia as acusações relativas ao caso da igreja de Alvaizere

A Comissão Executiva da U. N. distribuiu um comunicado do seguinte teor:

«De Leiria chega-nos a notícia de que, no pas-

A P.I.D.E. devolveu o programa da C. D. E.

Recebemos da C. D. E. de Lisboa o seguinte comunicado:

«1 — O subdirector da P.I.D.E., inspector Sachetti, convocou a meio da tarde de ontem dois membros da Comissão Jurídica da C.D.E. e fez-lhes a devolução dos exemplares do Programa Político que haviam sido apreendidos. Estes exemplares encontram-se já na sede à disposição dos demorados que desejem adquiri-los.

— Os democratas de Cascais que desejarem contactar com a comissão de apoio à C. D. E. desta vila, devem fazê-lo para a Rua Costa Pinto, 2, 1.º Esq.º — Telefone 282037.

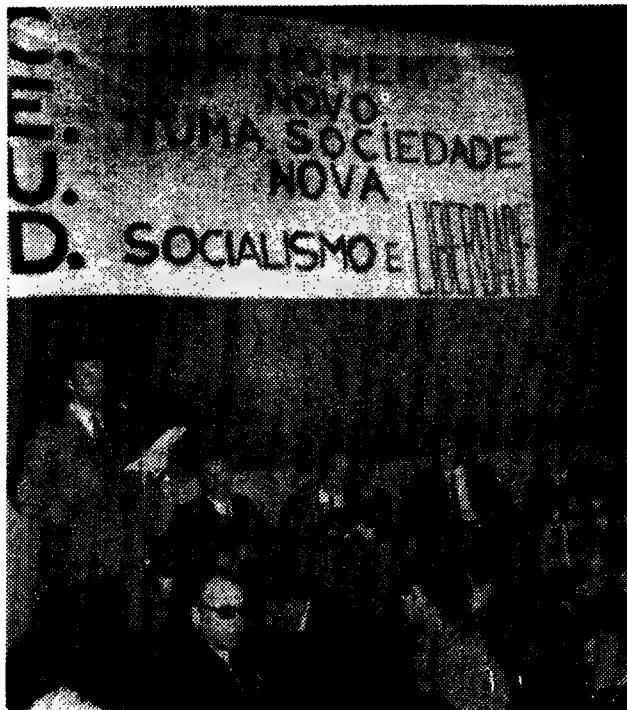
sado dia 12, alguns elementos oposicionistas daquela cidade, integrados num cortejo de automóveis se deslocaram à vila de Alvaizere onde entraram na igreja matriz, tendo colocado cartazes da C.D.E. em todos os altares e no sacrário.

A saída, os referidos indivíduos lavaram as mãos na pia da água benta.

Aguardamos que também neste caso as autoridades competentes tomem as necessárias providências.»

A propósito, a C.D.E. de Leiria comunica-nos o seguinte:

«Esta Comissão e os seus candidatos repudiam todas as acusações que lhes são feitas relativamente ao caso da igreja de Alvaizere e apressaram já queixa judicial contra os autores de um panfleto sobre o assunto, que só se sabe ter sido impresso nas oficinas gráficas da Prisão-Escola de Leiria, cujo director é o candidato da União Nacional dr. Rul Moura Ramos.»



Um dos oradores durante o comício da C.E.U.D. de ontem

A situação do Teatro objecto de crítica na sessão da C. E. U. D.

(Continuação da 1.ª página)

sa Tavares, candidato, esclareceu, ao falar sobre o sector das pescas que a nossa frota não

possui qualquer qualificação técnica. Comporta por 47 barcos, um dos quais data de 1902 e os dois mais modernos de 1948, está irremediavelmente condenada se não for de pronto renovada.

LIMITAÇÕES IMPOSTAS AO TEATRO

O dr. Luís Francisco Rebelo, que falou a seguir, pronunciou-se sobre a censura arbitrária e feroz que estrangula o nosso pensamento.

Expôs, em termos gerais, o problema do teatro em Portugal, e perguntou a assistência se já tinha visto o drama da emigração num palco, ou, então, o da guerra colonial.

Referiu as peças publicadas entre nós, da autoria de Bernardo Santareno, Sítio Montebelo, Flama Hasse Paes Brandão, Romeu Correia, Grangeiro Crespo, António Gedeão, que nunca subiram à cena por, precisamente, tratarem de problemas portugueses.

— O próprio teatro de revista — sublinhou — desceu de nível: refugia-se, actualmente, na pornografia.

E a terminar:

— Mais do que subsídios, o que faz verdadeiramente falta é uma simples palavra: liberdade.

Finalmente, o dr. Fernando Magalhães Colaço teve algumas considerações sobre a falta de liberdade individual, absolutamente necessária para que em Portugal surja um homem novo.

Hino Nacional e o sinal de vitória feito com os dedos por toda a assistência.

A cultura popular tema de uma sessão da C. D. E. de Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

gência de se fazer o mesmo em Portugal.

O dr. Bénard da Costa, após outras considerações apreciou a democratização do ensino (sobre a qual — com excepção de alguns países — disse todos estarem de acordo, até a facção renovadora da U. N.), salientando que, além dela, era necessário repensar toda a função do ensino e da escola na sociedade em que vivemos, e que a educação deve ser essencialmente contestadora do que vai sendo transmitido e vem de trás: «num mundo em constante transformação, e de extraordinário progresso, as estruturas educativas têm-se mantido sensivelmente idênticas.

ESCOLA ORIENTADORA E NÃO SELECIONADORA

Mais à frente o orador acentuou que para além de algumas inovações positivas se têm verificado nos campos da psicologia, da psicopedagogia, etc., o que se torna indispensável para mudar a atitude perante a escola e fazer com que os alunos deixassem de ter uma posição passiva. «A escola — prosseguiu — não deve ser seleccionadora, mas orientadora: para orientar não no sentido da sociedade tal como se encontra já constituída, mas da capacidade de cada um.

Em resposta a outra pergunta alguns aspectos das possíveis estratégias da alfabetização e ao investimento inestimável que, a longo prazo, a educação é, mesmo no plano do desenvolvimento económico. Quanto ao método (de Paulo Freire) utilizado no Brasil para a alfabetização de massas, revelou que ele teve um grande apoio do Governo de Júlio Quadros, mas que ultimamente lhe foi retirado.

Foram abordados ainda diversos outros aspectos do ensino, nomeadamente a necessidade do ensino pré-primário obrigatório e gratuito.

ACHEGAS PARA UMA ANÁLISE DA SITUAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO

Dentro da orientação preconizada no colóquio a que nos referimos, a C. D. E. distribuiu, durante a sessão, um texto a que chamou «Achegas para uma análise da situação do ensino primário, a que pode levar um ensino informativo».

Sessão

oposicionista em Vila

Nova de Ourém

VILA NOVA DE OURÉM, 21 — No Cine-Teatro desta vila, com a presença de 500 pessoas, realizou-se ontem mais uma sessão de propaganda dos candidatos oposicionistas pelo círculo de Santarém, a que presidiu o advogado dr. Rui Vieira. Usaram da palavra os candidatos dr. Antunes da Silva, estudante António Reis e dr.ª D. Maria Barroso.

No final, a assistência cantou o Hino Nacional.

● SESSÃO FINAL DE PROPAGANDA DA C. D. E. DE BRAGA — Vai realizar-se no Teatro-Circo em Braga a sessão final de propaganda da C. D. E., no dia 23, pelas 21 horas. A sessão será presidida pelo sr. dr. Humberto Soares, e nela participarão como oradores os candidatos D. Margarida Malvar, Eduardo Ribeiro, Lino Lima, José Sampaio e Santos Simões, além dos membros da C. D. E., drs. Vítor de Sá e Joaquim Loureiro.

Os convites para a sessão de Braga vão ser postos em distribuição na respectiva sede, na rua Frederico Ulrich, 46 r/c. (junto ao Jardim de Santa Bárbara).

Uma nota do Governo Civil acerca do assalto à sede da C. D. E.

Do Governo Civil de Lisboa recebemos a seguinte nota:

No dia 16 do corrente o Governo Civil de Lisboa publicou na Imprensa um comunicado relativo a um assalto que teria sido feito à sede da Comissão Democrática Eleitoral.

Baseou-se na participação que nessa madrugada fora feita pelo sr. dr. Francisco Pereira de Moura na 18.ª esquadra da P. S. P. e segundo a qual um grupo de desconhecidos teria entrado na referida sede por arrombamento e aí praticado «actos de puro vandalismo», «apartando móveis, destruindo propaganda e provocando estragos no montante de cerca de quinze mil escudos».

2. No mesmo dia 16 a Polícia de Segurança Pública visitou o local da sede para se inteirar dos factos, mas não encontrou vestígios de arrombamento, nem móveis destruídos, nem estragos internos, não tendo os presentes confirmado que alguém houvesse penetrado na casa. Apenas cartazes da U. N. na fachada.

3. Na manhã do dia 17 o processo transitou da P. S. P. para a Polícia Judiciária que logo enviou a visitar o local uma brigada apoiada por uma equipa técnica e dirigida por um Inspector. Também não foram encontrados vestígios dos factos praticados. E tendo procurado imediatamente obter a presença do queixoso, dr. Moura, não conseguiu que este fosse prestar declarações, nem nesse dia, nem no seguinte.

Só ontem, dia 20, compa-

receu na Polícia para esse efeito, e também para ser submetido a exame médico que verificou não apresentar o angustio quaisquer lesões ou sinais de lesão anterior.

4. Os jornais da tarde do dia 17 publicaram um comunicado da C. D. E. em que os factos foram narrados por forma diversa da participação do dr. Moura. O texto é o seguinte:

«Na madrugada de 16 de Outubro (5.ª feira), cerca das 4 horas, a sede da C. D. E. de Lisboa foi atacada por um grupo de mais de 40 indivíduos.

«Chegaram em carrinhas e em automóveis, e, com uma presteza enorme, demonstrando a metódica preparação da operação, destruíram todos os cartazes que afixáramos na esquadra, arrancaram os dígitos do 1.º e 2.º andares da nossa sede; para tudo isto tiveram de utilizar escadas móveis com que vinham abundantemente municiados. E tudo se passou sob a protecção de um grupo estacionado no passeio em frente.

«Acidentalmente — devido aos graves acontecimentos do dia 15, a reunião da Comissão Política prolongou-se até tarde — estavam na sede, ou a sair, alguns elementos da C. D. E. A surpresa que tal facto causou deve ter sido o único motivo que evitou a ocupação e destruição do interior, a que vinham manifestamente dispostos. Todavia, insultaram os nossos elementos; agrediram Pinto Bandeira e Francisco Moura (quando este perguntava quem era aquela gente, e chegaram a arrombar a porta principal, de-

fendida por Vítor Wengorovius com enorme coragem».

5. Descontando o que há de excesso narrativo, a C. D. E. reconhece, pois, que não houve ocupação e destruição do interior, embora atribua aos manifestantes essa intenção. Tudo se reduziu a uma substituição de cartazes na fachada, reprovável decerto, mas que não tem o carácter, nem a gravidade do assalto inicialmente participado e publicado.

Quando a agressão também participou pelo dr. Moura, mas sem apresentar quaisquer vestígios e recusando, na esquadra, submeter-se a tratamento, a não comparencia do participante, no dia 17, na Polícia Judiciária impediu o exame directo e o fornecimento das indicações que pudessem contribuir para a imediata persecução dos culpados. As investigações estão, porém, em curso.

6. O governador civil de Lisboa lastima que a correcção com que tem procurado sempre tratar todos os candidatos na campanha eleitoral, o tivesse levado a perfilar publicamente uma versão inexacta dos factos ocorridos. Mas dada a categoria do participante não admitiu que tal inexactidão pudessem verificar-se e daí o ter sido fluído na sua boa fé.



MESA REDONDA

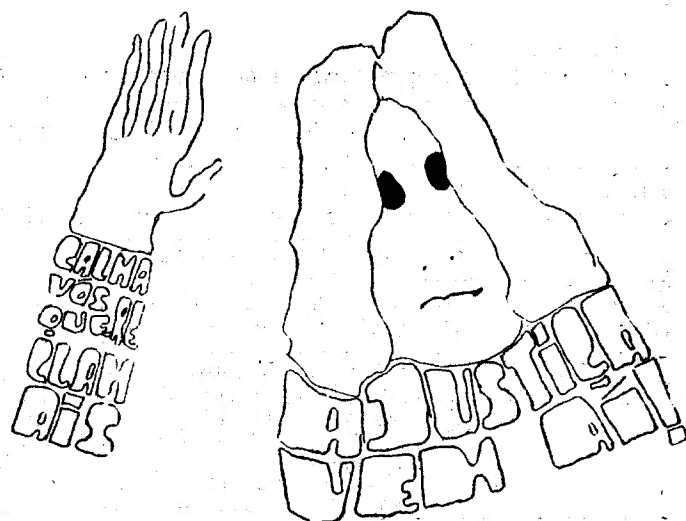
**«há uma fogueira na cabeça de cada homem com uma canção
há uma canção nos dedos de cada homem que grita»**

(João Bandeira)

Diário de Lisboa

Juvenil

N.º 644 DOS JOVENS PARA TODOS



DESENHO DE
JÚLIO HENRIQUES

CARTA ABERTA PARA A DEMOCRA- TIZAÇÃO DO JUVENIL



O CAUTELEIRO E AINDA O NEOMECENARISMO

por Jorge Massada

O cauteleiro vendia cautelas e alugava horas e corria pela praia fora a gritar olhó trintaenove anda amanhã mas nós sabíamos que não andava e o cauteleiro ficava triste pensava na mulher e nos filhos e metia as cautelas no bolso deixando uma ponta de fora para o caso de passar alguma que não tivesse mulher nem filhos nem horas para nos dizer de uma vida a vender promessas tantas que o cauteleiro arrastava os pés e às vezes gritava mais por hábito que por outra coisa e às vezes gritava mais por hábito que por outra coisa e às vezes não gritava sorria e sentava-se á nossa beira e com vergonha tirava o boné como quem pede desculpa de não ter uma cabeça inteligente e dizia hoje os meninos não levam uma cautelinha anda amanhã anda depois anda sempre aqui o quarentai-sete vão ver que pelo menos a terminação sai o papá não quer a mamã está boa? e então tomávamo-lo por nossa conta ali não vendia alugava mas sentia-se melhor mesmo a dizer-se que tanto gostava que os filhos

viesses a ser doutores como nós seríamos e um já trabalhava levantava-se às seis da manhã e a mulher não podia ajudar andava adoentada mas logo endireitava os ombros e a cabeça e pedia desculpa que isto aos meninos não interessa e que os papás teriam sempre saúde até os meninos serem alguém como ele gostava de ter sido e tirava as cautelas do bolso e olhava-as culpando-as de não ser doutor e de não serem mais do que papéis que vendia bocados de doutoramentos verdes que não tivera tempo de comprar que os papéis que não dão pão para a gente só dão para os outros decorarem a carteira e mostrarem aos amigos.

O cauteleiro sorria e mostrava os dentes amarelos e nós tínhamo-los brancos sentíamo-nos culpados e ele puxava de um maço-fortes-novos oferecia mas os meninos são ainda muito novos para fumar cigarros de velho e nós remexíamos atabalhoadamente desfazendo os cigarros de novos que roubáramos da gaveta da sala de jantar e que íamos fumar depois das

histórias que não sabíamos talvez por estarem demasiado perto de nós talvez por talvez ou por outra coisa qualquer ou ainda por só conhecermos um cauteleiro que falava de uma casita em que morava e pena os meninos não poderiam lá ir a minha patroa anda mal mas depois vão se os paizinhos não se importarem que é uma casa sem comodidades só tem cautelas penduradas nas paredes e assoava-se a um lenço roto muito depressa para o esconder dos nossos lenços brancos e puxava de um cigarrinho que lhe dava um sorriso de onze tostões o maço e olhava para o mar fora marinheiro na tropa e num barco cargueiro e dizia bonjour para mostrar que o aprendera em França ou noutro país qualquer onde não conhecia doutores só portos e mulheres.

O cauteleiro sentava-se á nossa beira num barco já carcomido e fumava para nos alugar horas e quando chegava a altura de vender punha o boné sorria tirava uma fumaça e ia caminhando olhó-trinta-e-nove.

Num propósito que pensamos ser urgente e que para executá-lo nos propusemos a um trabalho conciso e eficaz, tencionamos apresentar nesta carta aquilo que é nossa intenção ver realizado.

Todos nós, colaboradores do suplemento Juvenil do «Diário de Lisboa» embora, até este momento, nos tivéssemos limitado a uma colaboração «passiva» neste suplemento, vimos verificando que tal tipo de colaboração se vem apresentando deficiente face a um contexto literário-juvenil português. Conscientes dessa deficiência, acordamos em apresentar nesta carta o que se nos agrapha denominar de «democratização» do Juvenil.

Sabemos que um suplemento juvenil ao ser publicado num jornal diário, como é o caso, está de início e essencialmente vinculado a determinada ética jornalística professada não só pelo dito jornal diário mas também por toda uma imprensa em geral.

Apesar de conscientes de todo esse círculo vicioso e de todo esse condicionamento face a uma imprensa que tem por fim promover a verdadeira e objectiva informação da comunidade, a nossa intenção ganha ainda maior oportunidade e necessidade.

Pensámos que um suplemento juvenil ao ser publicado tem por fim incentivar entre os jovens o gosto pela cultura como promoção social; oferecer oportunidade a esses jovens de poderem manifestar publicamente o seu interesse por problemas artísticos e culturais; a possibilidade de esses jovens virem a enquadrar-se, pois, no contexto artístico português.

Neste âmbito, o suplemento juvenil, parece-nos da maior utilidade na medida em que a juventude portuguesa se encontra completamente isolada de um mínimo de condições objectivas para a sua real promoção artística.

Contudo, temos de confessar que o Juvenil do «Diário de Lisboa», para além das limitações que lhe são inerentes apresen-

ta-se deslocado e até «reaccionário» em presença de uma vasta massa jovem que o desconhece e até lhe é adversa.

Sabemos que a colaboração que o estrutura falha, essencialmente, no tocante aos assuntos que aborda. Tal colaboração, fácil nos é detectar, surge de uma minoria jovem que devido á posição social que desfruta (na maioria estudantil), se inclina exclusivamente, para aqueles géneros de carácter imediato.

Perante tal situação de facto, o Juvenil é lido apenas por aqueles que nele colaboram criando-se assim um círculo vicioso que urge ultrapassar. Para ultrapassá-lo necessário se torna criar motivos de interesse para que nasça uma verdadeira expansão do suplemento entre todos os jovens.

Queremos frisar com isto que o conto e a poesia, são os géneros predilectos. Portanto a posição social desta minoria jovem está, intimamente, ligada aos géneros explorados.

Temos, ainda, um outro facto a salientar. Trata-se do processo crítico adoptado pelos responsáveis do Suplemento. As limitações que tal processo oferece aos jovens que colaboram são evidentes. Em mera dúzia de linhas tenta-se informar o colaborador da multa ou pouca qualidade literária dos trabalhos enviados. Torna-se-nos evidente que tal informação, além de perigosa para uma objectiva promoção artística dos jovens, se torna desnecessária nos moldes em que está organizada, e, neste caso, só vem roubar espaço ao Suplemento. Continuar assim, melhor seria que para aqueles trabalhos que apresentem qualidade literária se utilizasse o mesmo sistema crítico que vem sendo adoptado para os trabalhos sem qualidade.

Portanto, pensamos que duas opções há a tomar: ou acabar-se com a crítica aos trabalhos recebidos, ou conferir-lhe outros métodos. Parece-nos que a segunda hipótese será a mais válida. Nesse caso, julga-

mos da maior necessidade organizar-se um grupo de colaboradores que se encarregaria do aspecto crítico dos trabalhos. Tal descentralização parece-nos um facto a ter em contra, pois, apesar de toda a boa vontade demonstrada pela Alice Vassalo Pereira, estamos certos de que não basta ter boa vontade.

Face a tal situação, parece-nos que o aumento de páginas do Suplemento é uma tarefa de primeira necessidade. Outras também se nos apresentam urgentes: criação de várias secções para colaboração mais variada; reuniões periódicas entre os colaboradores e o grupo crítico; elaboração de um calendário de realizações culturais; concursos periódicos — tendo sempre em vista com todas estas iniciativas a expansão do Suplemento entre um número, cada vez maior, de jovens, abrangendo as zonas rurais e industriais.

Uma iniciativa que deve ser concretizada imediatamente, é a melhoria do aspecto gráfico do Suplemento. Sabemos, perfeitamente, que um Suplemento que apresenta uma paginação bem orientada é lido com muito mais interesse do que outro que se limita a encaixar trabalhos e mais trabalhos, uns em cima dos outros, sem o mínimo de preocupação em evidenciar um bom trabalho gráfico. Porque não formar-se um grupo de colaboradores interessados nessa paginação?

Perguntamos, ainda, porque razão o Suplemento não adquire uma feição variada e dinâmica, como a que apresenta a sua secção Panorama?

Todo o nosso interesse se concentra num trabalho de conjunto, numa real promoção cultural de nossa juventude a partir de uma abertura total deste Juvenil a toda a massa jovem portuguesa.

José Agostinho Baptista
Fernando Almeida Ribeiro
José de Matos Cruz
João da Gama Vieira
Licastro
Júlio Henriques
António Topa

POEMA

por João Rafael

E porque tu disseste — nunca colhi rosas
plantei na terra ingrata poemas de sangue.
Teus olhos ficaram cor dos barcos quando partem
como se rumassem distância sem mapas a bordo.
Sim, eu sei. Que terra me daria a dádiva do húmus
em cartógrafo mesquinho
com compassos de medida exacta à mesa de trabalho
sempre longe do sol por lhe querer a luz
tão longe do vento

Mas jugava dar-te a vida:
— esse continente que procuro.

POEMA

por Agostinho Maldonado

E se for solente há-de ser humilde
e se for alta há-de ser suave
e se for alegre há-de ser diferente
e se for jovem há-de ser jovem
e se for noite há-de ser dia
e se for dia há-de ser soldameiódia
e se for tarde há-de ser vermelhosangue
e se for hoje há-de ser amanhã
e se for ontem há-de ser eternasaúde
e se for manhã há-de ser de nevoeiro
e se for verão há-de ser o antigo
e se for inverno há-de ser frio e feio
e se for primavera há-de ser de flores
e se for outono há-de ser depoisfolhascaídas
e se for outono há-de ser braçosdescarnados docéu
[erguidos]

**HOMEM SEM
MEMÓRIA É
HOMEM
SEM
HISTÓ-
RIA.**



**ILUMINA
A MEMÓRIA**



POEMA

por Licastro

Que direi
senão que o tempo muda
e nós permanecemos
no mesmo lugar.

no outono há uma humidade fria
que corrói as coisas
e faz as aves mudarem de país.

mas nós permanecemos sempre húmidos
no outono.

no outono
e durante as outras estações
inútilmente
em frente dum espelho
à procura
da nossa outra
face.

que direi
senão que o tempo muda
mas nós emigramos
como as aves.

AS PALAVRAS

por António Barbedo de Oliveira

as palavras respiram
mexem remexem como cobras
sinto-lhes o corpo escorregadio
e a picada venenosa entre os dedos
bebem o sangue enroscam-se no pescoço
e falar é como ter um punhal
espetado na garganta
raivosamente aperto-as até à exaustão
(como asfixiar uma cobra?)
depois esmago-as unhas dentes
escamas tripas e baba
colo a ferida aos lábios sugo o veneno
mas antes de morrer vomito
e liberto o corpo deste poema estrangulado

UMA HISTÓRIA PARA LÍDIA

por Vasco Câmara Pestana

Lídia estava à janela, como sempre de cotovelos magros espetados no parapeto gasto pela chuva, pelo vento pelos braços segurando o queixo com as mãos longas que espalhavam os dedos na face branca e lisa, interrompida nos olhos profundos, encaixados sem brilho naqueles poços simétricos. Os cabelos escorridos pareciam molhados, eram tangentes à cara tapando-lhes as orelhas e assentavam suavemente nos ombros esguios, fazendo imergir o pescoço. Tinha um olhar estranho, fixo numa janela em frente, ou mais longe noutra janela sem arestas nem vértices, uma moldura oval onde Lidia nunca coube, era mais alta que os pais mais a cadela que a mãe da Lidia gostava de ter outra filha, se fosse possível com caracóis. O pai era corcunda, conformado com tudo, limitado no seu trabalho diário na sua corcunda, a faz-lo pender cada vez mais para a terra, até que um dia desequilibrava-se e estava tudo consumado, pobre pai-balança, bem podia ter servido como tripé no salto ao eixo. A mãe era quem tudo mandava, educada em rigoroso sistema puritano impunha-o à filha sem caracóis de cabelo liso, liso extremamente liso. Passava os dias a perseguir até à morte as moscas que oustavam pousar em algum móvel, ou numa máquina de costura preta a dar ao pedal paralaeparacáparacáparala cosendo vestidos que ficavam a nadar no corpo delgado de Lidia, no corpo jamais conseguiria ocupar as molduras ovais com moscas esmagadas, coladas aos vidros por um suco amarelo que saía como uma pasta que tivesse sido espremida, com formigas acumuladas à volta a

reduzirem o insecto já sem asas a retirarem minuciosamente os olhos as patas, e transportando-as em fila pelo rebordo dourado da moldura, depois tudo voltaria à normalidade, a moldura de novo limpa pronta a recomençar o fatídico ciclo. Lidia estava destinada a crescer em altura, a romper todos os limites das molduras por maiores que fossem, a tirar fotografias em fundo amarelo-sujo na enorme planície com o pai longe longe a tentar um ângulo que apanhasse o corpo inteiro, o corpo era um pinheiro muito comprido único habitante da paisagem árida — plano suspenso na atmosfera seca rodando em volta de um eixo que o atravessava. — O eixo era o pinheiro-bravo com um lençol branco pendurado sacudido pelo vento quente amarelecendo o fato novo próprio para as fotografias, transformando a imagem fotográfica numa pequena superfície rectangular amarelo-suja.

Era em cima desse plano circular que Lidia construía pequenas torres de cubos, afelçoando-se de tal maneira a estas que concluídas não as demanchava. Construía lentamente nunca se aventurando a erguer torres altas que fatalmente se iriam desmoronar. A mãe ensinara-lhe a ser equilibrada, a possuir esse equilíbrio asfixiador. Movimento paralelamente acompanhado nos métodos ordeiros de desenhado pseudo criar de construir sem energia com passividade — não sujar o bibe branco não desfazer o laço amarelo impecável, prendendo o cabelo solto que aos poucos tomava a forma de trança rígida sem vento que a pudesse abanar. E do plano nasciam torres coloridas, formando um cilindro sem base superior com

raízes emaranhadas no vazio, aparecendo do lado oposto a crescerem a crescerem na ânsia inútil de encontrarem água. A falta de um cubo originava a janela, a moldura onde poustavam os cotovelos de Lidia. Havia muito poucas janelas pois a falta de água reduzia-as — e a estas assumia o rosto triangular cansado do vazio invadindo os pulmões, que se dobravam sobre o peso produzindo uma já reconhecível corcunda.

Fora dos muros havia muitas pessoas indiferentes à janela, pessoas percorrendo sempre o mesmo trajecto circular e limitado, em filas paralelas e compridas por vezes círculos que se envolviam noutros e estes sucessivamente noutros mais reduzidos reduzidos até que o círculo seria uma só pessoa tendo aqui uma função muito diferente da mosca rodeada pelas formigas. Então gesticulavam gritavam empunhavam lanças de muitas cores montavam cavalos com plumas-arco-iris soltos com as cores separadas cortadas em fitas ondulando ao vento, e mergulhavam numa gigantesca nuvem de poeira amarela-suja apenas se ouvindo o ruído áspero de ferros o raspar contínuo das lanças e mais longe aproximando-se seria possível, era, o barulho irritante da máquina de costura movida a vapor transportada por duas rodas de ferro que deixavam sulcos paralelos e uma chaminé largando fumo denso e negro. Do interior da máquina infernal saía um tubo cilíndrico, que a cada rotação do pedal ou da manivela executada pela mãe empoleirada em cadeira giratória e portadora de olhar soberbo e dominador, vomitava lanças, mãos agarran-

do lanças, braços agarrando mãos agarrando lanças, corpos agarrando braços agarrando mãos agarrando lanças. Fora assim que a mãe embalara Lidia tendo por berço o pedal côncavo, a canção era o ruído da máquina-mãe e a menina dormira, sempre, agora também impassível diante da noite iluminada pelas lanças fluorescentes com aves espetadas nas extremidades pelos homens que arrancavam as penas enfiavam-nas nos poros e voavam loucos.

Depois Lidia sentava-se no divã do quarto de paredes brancas como o seu rosto como a colcha como os dedos que tentavam uma melodia qualquer na viola de três cordas e o som assemelhava-se ao bater seco do coração ampliado poc poc poc poc poc os seus lábios por vezes deslocavam-se e ouvia-se uma voz pesada demais para bolar no ar, e caía espalhando no chão as palavras as letras. Lidia estava debruçada sobre a viola a sua corcunda acentuava-se e não lhe permitia deitar-se naturalmente na cama pois as costas não se adaptavam, os cabelos começavam a ficar agarrados ao pente a boca estava distorcida emaranhada nas rugas que para ali convergiam os olhos afundavam-se mais, mas já tinham alcançado o fundo do poço a cabeça já pendia para a terra e decidiu-se — foi até à escola passou o portão largo colocou-se no meio do recreio as mãos apoiadas no chão o corpo em forma de ponte e as crianças de bibes brancos e laços amarelos saltavam ao eixo fazendo com as pernas o único ângulo onde Lidia coube onde se ia enterando a cada salto sob a pressão das mãos.

RECEPÇÃO

por Alice Vassalo Pereira

AGOSTINHO (Lisboa) — Há qualquer coisa nos teus poemas que me faz ter esperança em ti. Uma certa tentativa de redescobrir as palavras. Um esforço no sentido da naturalidade, um virar as costas ao rebuscado, às frases com folhinhas de renda. É claro que às vezes lá vem um passo em falso (ruas de alento, por exemplo, foi uma ideia infeliz...), mas o poema *E se for solene*... salva a honra da casa... Esnervo mais notícias...

M. (Coimbra) — Por várias razões não podemos publicar o teu poema. Mas gostava muito de ler outros. Podes mandar mais colaboração? Acredita que fiquei com muito interesse em conhecer a tua poesia.

GUILHERME S. A. (Lisboa) —

*Um homem anda
Para onde?
Anda
Em frente...
Para o fim
Para o infinito
Anda sempre... etc.*

Não, meu amigo. Uma coisa é tentar ser simples e outra, muito diferente, é querer aldrabar o parceiro...

ZÉ MANEL (Porto) — Não, nunca te diria que te-

ria sido melhor teres rasgado o teu trabalho... Por enquanto é ainda uma tentativa débil para dizeres qualquer coisa mas lá chegaremos... Tenho a certeza que, daqui a uns tempos, com mais trabalho, mais leitura, mais amadurecimento, as coisas serão diferentes. Estás no bom caminho — a exploração do quotidiano. Isso já é um trunfo.

A. F. DIAS (Lisboa) — A tua poesia, por enquanto, é como a água: incolor, inodora e insípida. Esperemos melhores dias...

GUIDA D. (Famalicão) — Idem. idem.

N. S. P. G. (Porto) — ...aspas, aspas.

ALDA M. S. M. (Porto) — Ora então aí vai de minha justiça: Estou perfeitamente baralhada... Quando eu começo a pensar que isso vai melhor, que enfim, com o tempo talvez se arranje, etc., prego-me com um poema no melhor estilo metafísico-lacrimoso:

*É Natal
(...)
A neve em cristal
(...)
Faz bem e faz mal! etc.*

Depois viro a folha e deparo com outro poema completamente diferente que, se não fosse escrito em cima

dos joelhos, talvez até não fosse de todo impossível:

*A mim nasceu-me uma jor
[vermelha no cabelo
não era papoila ou orquídea
era o reflexo de tudo o que
fez pensava... etc.*

Vamos a ver se a gente se entende: em qual deles é que eu devo acreditar?

S. P. NEVES (Salreu) — E se experimentasses a prosa? E se experimentasses não abusar tanto dos pontos de exclamação e das reticências?

JOÃO QUEIROZ (Porto) — Gostava que mandasses mais trabalhos. Este «Bobo à janela» despertou-me a curiosidade.

N. BRANCO (Lisboa) — Também a ti te peço outros trabalhos. Este, por várias razões, não poderá ser publicado.

C. B. SARAIVA (Coimbra) — Com as arestas bem limadinhas (naquela frase «o filho correrá para o leito da mãe e mergulhará o corpo no terno» havia um cheiro a velho que era de assustar...) o teu «Condicional» será publicado, embora não me pareça melhor do que os teus outros trabalhos anteriores. Quanto ao segundo conto... o final matou-o. Uma pena. Vê se podes fa-

zer alguma coisa por ele. sim?

ISA (Coimbra) — ...o cão não encarnado uiva e uiva porque um mendigo encarnado se aproxima da nossa porta

Vamos ter juízo, amiga, vamo-nos deixar de pateticos...

LUÍS MANUEL N. N. (Estoril) — Se não fosse esta dose excessiva de demagogia, talvez os teus poemas se aceitassem... Nota-se até um certo ritmo bem conseguido, sobretudo na «Cigana». Trabalha e vai dando notícias.

JOÃO A. D. (Lisboa) — O teu poema não será publicado. Mas não te suicides. Acredita que não compenso.

DELIA S. V. (Setúbal) — Há duas coisas que, negativamente, tu possuis:

a) qualidades (algumas);
b) uma letra horrível.

É claro que ainda és capaz de ter mais qualidades quando eu conseguir decidir tudo o que escreves... Por agora estou ainda no ritmo de ler uma palavra aqui, adivinhar outra ali, deduzir outra acolá... Gostava que fizesses um esforço e ligeiramente voltasses a mandar trabalhos. Para já

— e respondendo ao teu pedido — passo-te uma receita de António Gedeão, António Reis, Carlos de Oliveira e Sophia de Mello Breyner.

LUISA B. P. (Lisboa) — «Foi escrito sem pensar». Pois foi. E devias estar bruta e aborrecida. O resultado não podia ser brilhante, é claro... Acalma-te. Acalma-te e então escreve.

JOÃO L. F. (Lisboa) — Um dos teus contos não será publicado. As fotografias irão aparecendo — com excepção de uma que, além de estar pouco nítida, era bastante semelhante a outra, também tua, publicada já há tempos no «Juvenil».

MARIA RIOS (Lisboa) — É tudo tão vago, amiga! Leio o teu trabalho e dele não retenho nem uma palavra... Conheces, certamente, Rainer Maria Rilke. Foi ele que escreveu: «Arranca os teus olhos dos lábios do sonho. Dirige-os para as coisas, para os homens.» Aqui fica. Em forma de conselho ou de aviso.

G. ANTÓNIO (Lisboa) — Mandando trabalhos. Por aquilo que me chegou às mãos ainda não tenho uma ideia muito nítida a teu respeito.

LUIS M. M. V. (Lisboa) — Deixa a fantasia em ca-

sa, muito arrumadinha, a um canto. Deixa lá as camurças do século XV em paz; não te deites com um saudosismo deslocado e pateta — e conta o que vês, as pessoas que passam a teu lado, as coisas que te tocam. Aproveita a tua experiência. E, se quiseres, vai dando notícias.

JOÃO B. (Sacavém) — De repente fez-se luz... A tua poesia tem melhorado notavelmente — iremos publicando os teus trabalhos. Escreve.

A. JACINTO (Lisboa); **E. P. L.** (Évora); **MARILY** (Viseu); **MAXIMINO J.** (Lisboa); **C. M. S.** (Faro); **A. CASTELO MELHOR** (Soure); **G. A. M.** (Cacilhas); **ARTUR M. G.** (Belver); **CARLOS JOÃO** (Lisboa); **M. JOSÉ R.** (Carcaelos); **ANTÓNIO M. R.** (Algés); **M.ª JOÃO M.** (Lisboa); **TERESA L.** (Lisboa); **JOSÉ JOAQUIM C. R.** (Lisboa); **FRANCISCO Q.** (Porto); **JACQUES A.** (Lisboa); **M.ª HELENA V. S.** (Amadora); **JOSE C.** (Lisboa); **F. MACEDO P.** (Santarém); **JOAQUIM GASPARI** (Alcochete); **LAURA D. A. L.** (Almada); **ANTÓNIO PEDRO** (Lisboa) — Os vossos trabalhos não têm, por enquanto, qualidades que justifiquem a sua publicação no «Juvenil».

Crítica aos trabalhos recebidos

TELEGRAMA

Ponto apoiámos ideia josséflaviesca traço sugerimos formação toda a terra ponto delegações «Juvenil» enviariam votação melhores ponto trabalhos raço para escrutadores Alice e Castrim pont taço para toda malta 2 abraços delegados Setúbal Fernando Cordeiro e Tito Lívio pont traço pontopont traço traço é a depravação menina telegrafista feche os olhos retire as crianças menina telegrafista ponto pont pon.

ESTA INCERTEZA DE HAVER ALGO PARA DIZER

por João Bandeira

há uma fogueira na cabeça de cada homem com uma canção
há uma canção nos dedos de cada homem que grita

este é o ponto de partida

o medo do poema não ser uma canção
um facho
este medo surge em todas as palavras
nos locais em que os homens adormecem

esta incerteza contínua de arrepiar a pele
com versos

é a certeza de estar presente
é a certeza de estar presente

aqui

CAÇADA EM ÁFRICA

por José Solano de Almeida

As silhuetas recortavam-se nos vidros dos cafés. Olhos cinzentos voltavam-se para o entardecer e o fumo dos cigarros subia em espirais fazendo lembrar os pináculos da velha «Dómo» junto da galeria toda envidraçada e cheia de cafés e gente, mas agora longe é a África e os dias longos e as noites frias, os rostos esquivos das gentes de cor que nos olham surpreendidos e assustados como gazelas. Uma imensidão de luzes no meio da floresta é a cidade e o porto e mulheres lindas que nos contemplam difusas e aparentemente indiferentes enquanto as chavenas fomegantes de café sobem aos lábios e os cigarros amarelecem os dedos. Depois é o manchim-bombo que chega atrasado. Na «mac-mahon» um «jeep» pára à minha frente, uma caçada amanhã pá? Combinado, vamos a isso, então já sabes vamos buscar-te às nove, e um «whisky» depois no clube que deita para o oceano e uns momentos de olhos fixos nas luzes dos barcos lá longe a pensar uma imensidão de coisas como o próprio oceano. Tive pena das

gazelas, quando do cimo do «jeep» as via tomar e tinham uma expressão tão serena quando morriam por isso fazia sempre por falhar e só o Vasco é que percebeu e ficou chateado e depois disse que eu ainda estava muito cru e que precisava de mais uns «whiskys», mais eu preferi uma cerveja bem gelada e depois adormeci na tenda com as botas calçadas e quando acordei estava todo mordido dos mosquitos e tinha os pés inchados. Os batedores indígenas haviam esfolado as gazelas e fizemos uma grande jantara à luz de uma fogueira tudo muito animado e havia rios de cerveja. Os batedores indígenas preferiam a carne quase crua e tinham sempre a boca suja de sangue quando se riavam de uma anedota de Garcês. No dia seguinte matámos um javali que gritava horrivelmente e espreitava porque a bala não o matara logo e ele sentiu o pedaço metálico rasgar-lhe os tendões e alor-se-lhe no corpo. Foi necessário um segundo tiro para o abater definitivamente. Depois os batedores com facas muito afiadas arrancaram-lhe a pele e tiraram-lhe os dentes e tinha

ainda o cheiro a sangue nas narinas quando de tarde vomitei toda a gazela e a cerveja mas na manhã seguinte sai sozinho com um negro e esperámos pacientemente pelo aparecimento de um javali. O sol já queimava quando ele apareceu. Olhei para aquela massa de carne e senti-lhe os últimos minutos de vida, mas ele indiferente quando apontei cuidadosamente entre os dois olhinhos escuros e disparei. A arma deu um ligeiro coice e o animal caiu fulminado. O primeiro de joelhos. Os olhinhos fecharam-se, ou deixaram de brilhar com a mesma intensidade, depois o resto do corpo caiu lateralmente. Quando o trouxe para o acampamento todos o elogiaram e disseram que era um bom animal. A noite voltámos a reunir à volta da fogueira a fumar um cachimbo que andava de boca em boca, e o tabaco sul-africano sabia a sabonete e só os indígenas pareciam gostar dele. Partimos no dia seguinte e a cidade estava cheia de luzes e era noite e os cafés estavam cheios de gente e o cheiro a África entrava-nos em golas pelas narinas.

A CARTA

por Augusto Frade

— faça favor.
o homem estava bêbado.
quando entrou no café es-
barrou numa mesa mas re-
compôs-se e convidou-me a
segui-lo.

— o sr. faz-me um favor?
se não se importa...
claro não me importava
nada de lhe fazer um fa-
vor, mas não bebia nada.
os médicos tinham-me proi-
bido o álcool, ele insistiu
um copo de vinho não faz
mal a ninguém, eu era da
mesma opinião e lá foram
dois copos de vinho para a
mesa.

— se não se importa... sabe
eu sou um analfabeto ten-
ho dois filhos em Lisboa
é pra lhe escrever uma
carta, era só um instante
enquanto ia a casa buscar
a direcção do filho que es-
tava há muito tempo em
Lisboa — empregado — e
sabia escrever e a filha
também só ele é que era
um analfabeto um bruto eu
bem dizia que não tinha
culpa nenhuma que não o
tivessem mandado à escola
os pais precisavam dele
concerteza mas ele insistia
que não que era um anal-
fabeto um bruto eu que

desculpasse como me cha-
mava?
— jorge não é? eu conhe-
ço-o conheço-o muito bem
tem dois irmãos, bom ra-
paz o mais velho, mas o
outro o que não queria es-
tudar (era eu mas ele con-
fundia-me com o jorge) era
malandro... andava a gas-
tar dinheiro ao pai e não
o aproveitava, onde é que
estava?

pensei em lhe dizer que era
eu, que estava ali, porque
tinha saído do colégio mas
acabei por lhe dizer que es-
tava na tropa.

— então não está mal, aspi-
rante, era aspirante? o
diabo sempre tem sorte,
que desculpasse... e eu que
fazia? estudava? então es-
tava bem, a ele logo que fez
sete anos levaram-no para
a horta, para a eira, para
o campo, como um animal
que se tem em casa por isso
não tinha ido para a escola
e agora tinha que me pedir
a mim para escrever uma
carta ao filho, tentou expli-
car que lhe desagrava ser
uma pessoa estranha a fa-
zer aquilo mas não podia
ser de outra maneira.

as sobrinhas que andavam
no colégio nem lhe fala-
vam, era um bruto, um
borracho... nem uma pes-
soa pode dizer as coisas
como quer porque cos dia-
bos mesmo a uma visita
mostra-se a casa toda mas
esconde-se a roupa suja
uma vergonha, na frança
toda a gente sabe ler.
— não é bem assim.

estava enganado, em fran-
ça — também estivera na
franço conhecia várias ci-
dades — toda a gente sa-
bia ler, mas ele quando
queria escrever à família
tinha que pedir a um ami-
go que lhe escrevesse, era
a coisa mais vergonhosa
que existia tinha pena de
não saber ler, um bruto um
analfabeto... um animal.

— agora já não é assim,
os meus filhos logo que
chegaram à idade de ir
para a escola meti-os lá,
por isso é que agora sabem
ler e já estão empregados
em Lisboa, há muito tem-
po sabe? e bem, só eu é
que sou um analfabeto um
borracho, sabe porque me
embebedei? por causa da
minha mulher, é uma besta
a minha mulher...

e é assim a vida, outro
copo mais dois copos, é
assim a vida, um home ca-
sa-se é tudo muito bonito a
igreja os tremoços, os si-
nos a tocar mas depois, de-
pois, depois é que são elas.
é o quarto escuro a cheirar
a suor à noite quando nós
o imaginamos como um ni-
nho perfumado e limpo.
ocorreu-me uma frase que
li não sei aonde e de súbi-
to: a vida é um conjunto
de obscenidades — a ma-
neira como somos feitos,
como nascemos e como
morremos.

não me deixou entrar em
pormenores e continuou:

— não percebo muito
bem isso mas se quer dizer
que tudo isto é uma por-
caria lá isso é, isto é
tudo uma porcaria, e
é tudo uma porcaria, e
quem é que tem a culpa
disso? somos nós... os pa-
dres dizem os pecados as
palavras feias as acções
feias mas se o senhor sou-
besse o que se passa numa
casa se soubesse a diferença
entre o que a pessoa é e o
que faz em casa e o que
ela mostra e pretende ser
na rua ficava pasmado, eu

sei porque sou casado e já
muito, mas o que é que
adianta estar para aqui a
dizê-lo? nada, no entanto
faz bem um pessoa depois
de dizer estas coisas fica a
modos que aliviado, ri-se?
— era o Cardoso a fazer
caretas atrás dele — mas
é verdade acredite que é
como lhe digo, isto é uma
porcaria.

de facto aquilo era uma
porcaria, digo a mesa cheia
de cascas de amendoim, o
vinho entornado, eu a bo-
cejar descadamente e os
palavrões do costume como
tiques que se vão transmi-
tindo de geração em gera-
ção.

— o sr. desculpe estar a
incomodá-lo mas olhe que
isto de uma pessoa ter que
pedir aos outros para es-
crever uma carta é a cois-
a mais...

— não incomoda nada diga
lá...
obrigado, os olhos verme-
lhos muito inchados e as
lágrimas a misturarem-se
no vinho em cima da mesa,
a impossibilidade de acusar
quem chora das asneiras
que diz e a compreensão

para este homem que se
tenho idade, 43 anos, já vi
embebeda por causa da
mulher que é uma besta, a
verdade disto tudo agarra-
da a ele agora que passa
quando escrevo isto, os de-
dos inchados a completa-
rem as palavras — tenho
passado muitas arrelias...
estou gordo mas isto é uma
doença — e o envelope sujo
em cima da mesa à espera
da direcção — um nome
uma rua, um número.
— vou a casa já lhe trago
as cartas, você sabe ler...
e lá foi aos trambolhões
pela avenida, atrás dele a
nossa conversa e os garotos
aos gritos.

quando o encontrei no ou-
tro dia que desculpasse —
um sorriso forçado de ver-
gonha — a mulher tinha-
lhe dito que não estava em
condições que compreen-
desse... era triste, até as
vizinhas lhe tinham pedi-
do... uma vergonha, mas à
noite havíamos de escre-
ver, fica sabendo que te es-
crevo antes de partir de
novo para Paris... havia-
mos de lhe escrever, à noi-
te, havíamos.

FÉRIAS COM A TIA BERTA

por Maria Eduarda Rita da Palma

No principio das férias
cheguei uma carta da tia
Berta a convidar-me para
ir passar um mês com ela.
A minha mãe começa por
dizer que não, mas o meu
pai achou melhor eu ir,
pois convém-nos estar em
boas relações com a única
pessoa rica duma família
tão numerosa como é a
nossa. Tivemos de pedir
uma mala emprestada à D.
Rita, porque as nossas es-
tão muito velhas, e a mi-
nha mãe fez-me um vesti-
do novo dum tecido que ti-
nha comprado num saldo,
no fim do Verão anterior.
Dez dias depois do convi-
te chegado, embarquei no
comboio das 11 e 30 em di-
recção ao Porto. Era a se-
gundo vez que eu utilizava
esse transporte, mas uma
vez que a viagem era direc-
ta, não acharam inconveni-
ente em que fosse sozi-
nha. Foram todos despe-
dir-se de mim à estação, e
a minha mãe fartou-se de
me recomendar que não
fizesse asneiras, e o meu
pai disse que eu só tinha
a ganhar se fosse amável
para a tia Berta. Viajei em
2.ª classe, nuns bancos de
pau bastante duros, mas
contudo a viagem foi bas-
tante agradável. Ao pé de
mim ia uma senhora a fa-
zer malha e que me ofere-
ceu dois rebuçados de
hortelã-pimenta, ia tam-
bém um senhor a comer
carapaus fritos com pão
de milho e queria que eu
também comesse, mas in-

felizmente não tinha von-
tade, pois almoçara antes
de sair de casa, ia um ou-
tro senhor a ler o «Diário
de Lisboa» da tarde ante-
rior, e quando encontrava
alguma noticia interessante
lia alto para todos ou-
virem, e a certa altura até
disse que um tal senhor
Castrim se fartava de di-
zer mal do fugitivo eu não
sei quem é esse senhor
que diz mal, mas o fugiti-
vo, sei eu quem é, que nós
também temos televisão, e
ao sábado à noite a nossa
casa enchia-se de gente,
pois todas as vizinhas e
pessoas amigas que não ti-
nham aparelho, iam a nos-
sa casa ver o fugitivo, e
uma vez a senhora Mique-
lina, que é porteira lá no
prédio, até disse ao meu
pai que ele devia escrever
ao inspector Gerard a pe-
dir que deixasse o fugitivo
em paz, e agora que aca-
bou até tenho pena.

Quando cheguei ao Por-
to estava a tia Berta à mi-
nha espera. É uma senho-
ra baixinha, de meia ida-
de, (as amigas dizem que tem
53 anos, mas na realidade
tem 60), é viúva, mas é
muito simpática e alegre
e quando eu cheguei abra-
çou-me e beijou-me e dis-
se que me havia de levar
ao cabeleireiro, e que o
que eu precisava era de
tapar os ossos com bas-
tante carne e ver se ga-
nhava boa cor. Fomos pa-
ra casa dela num bonito

carro cinzento prateado,
muito diferente do nosso,
que é em 2.ª mão. A casa
é também muito bonita,
com umas salas enormes,
e numa delas há um pia-
no de cauda, mas a tia
Berta disse que só sabia
tocar a marcha nupcial e
o vira da Nazaré. Tem um
bonito cão preto que an-
da à vontade pela casa to-
da, e que logo no dia em
que cheguei me roeu os
sapatos, mas até foi bom
porque a tia Berta com-
prou-me uns novos. Eu to-
da a vida desejei ter um
cão, mas a minha mãe
nunca me deixou, pois
além de ficar caro, diz que
lhe sujava a casa toda, e
a minha mãe não tem
criada para limpar, é ela
quem limpa, e quando a
minha avó, (a mãe do meu
pai), nos vem visitar, faz
aquilo a que se chama
uma limpeza a fundo, e
nós comemos todos na co-
zinha para não sujar a ca-
sa de jantar até ela vir,
e o meu pai tem que cal-
çar os chinelos assim que
entra em casa, mas eu
também não me admiro
que ela limpe tudo tanto,
pois lá tenho visto a mi-
nha avó andar a passar
com um dedo pelos mó-
veis, para ver se há pó. Em
casa da tia Berta havia
duas criadas, a da cozinha
e a criada de quartos. As
segundas e quartas-feiras
iam lá visitas, três senho-
ras muito elegantes, senta-

vam-se todas a uma me-
sa e jogavam as cartas, um
jogo muito esquisito. Em
minha casa só jogamos a
bisca dos nove e o burro
em pe, quando a televisã
transmite ópera e nós não
temos nada que fazer.

A tia Berta tem a mania
de fazer colecções, colec-
ciona canivetes, caixas de
fósforos, paliteiros, facas
de cortar papel e isqueiros.
Ensina-me a fazer bolos
muito bons com nozes,
amendoas e recheio lá
dentro e disse que me ha-
via de dar as receitas pa-
ra eu levar a minha mãe,
mas eu disse-lhe que nós
cá em casa só comemos
pão de ló e é quando al-
gum de nós faz anos.

No fim do mês tive que
me ir embora, foi a tia
Berta quem me levou à es-
tação e comprou-me um
hilhete de 1.ª classe. Era
uma carruagem muito bo-
nita e confortável, com
bancos macios forrados de
veludo azul, mas além de
mim iam mais duas senho-
ras estrangeiras pelo que
a não percebia, nada do
que elas diziam, e foi uma
viagem muito aborrecida,
tinha preferido vir em 2.ª
classe, em bancos de pau,
mas podia ser que fosse
alguém senhor a ler o jo-
nal alto, ou uma senhora
a fazer malha e a comer
rebuçados de hortelã-pi-
menta. Mas foram umas
férias muito agradáveis
as que passei em casa da
tia Berta.

2 IN-REGRESSO

por Manuel Ribeiro Santos

Quando voltares amor
hei-de deixar o pão na mesa
para enternecer-te os passos

talvez diga que o sangue
faz parte do meu corpo
para que compreendas o regresso
de quem ainda não me chegou

das cidades não falaremos
porém havemos de guardá-las nos bolsos
com uma ausência antiga
a que nos habituámos
finda a única certeza

diremos antes das mãos
e das pessoas que não vimos
(dos cães que não olhámos)
até avaliarmos a distância autêntica
a que nos encontramos

quando voltares amor
hei-de entornar o último copo
deixarei na mesa o pão inteiro
até saber de cor
o movimento dos teus lábios